

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

THAYSE SOARES FERNANDES RIBEIRO

O RACISMO E O DISCURSO JORNALÍSTICO:
o acontecimento Donata Meirelles

Porto Alegre

2019

THAYSE SOARES FERNANDES RIBEIRO

O RACISMO E O DISCURSO JORNALÍSTICO:

o acontecimento Donata Meirelles

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marcia Benetti

Porto Alegre

2019

THAYSE SOARES FERNANDES RIBEIRO

O RACISMO E O DISCURSO JORNALÍSTICO:

o acontecimento Donata Meirelles

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel Jornalismo.

Aprovado em 04 de julho de 2019.

Banca Examinadora:

Orientadora Prof^a. Dr^a. Marcia Benetti – UFRGS

Prof^a. Dr^a. Cassilda Golin Costa – UFRGS

Prof^a. Dr^a. Thais Helena Furtado – UFRGS

À Inês Soares (in memoriam)
Sei que estavas ansiosa por mais esse TCC.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas foram fundamentais para que este trabalho viesse à luz, mas gostaria de agradecer algumas pelo seu envolvimento direto no processo de conclusão, não só desse trabalho, mas da minha vida acadêmica.

À minha mãe, que me deu a vida, o apoio, o alento e o amor. Com quem caminho lado a lado, aprendendo e dividindo a esperança de um mundo mais justo. Obrigada pela paciência, por sempre acreditar em mim. E, especialmente, pelo exemplo. Devo toda a minha vida acadêmica a você, que nunca desistiu dos seus sonhos e inspirou uma família inteira a acreditar que a academia é sim palco de lutas.

Ao meu pai, meu maior incentivador. Obrigada por todo amor, carinho e por todo o apoio necessário quando decidi entrar nessa aventura da segunda faculdade. Obrigada pelas palavras de incentivo nos momentos de desespero. Pela troca de experiências quando decidiste voltar para a universidade e pela eterna paciência comigo.

Ao mano, que mesmo com todas as nossas diferenças, sei que estará sempre lá quando eu precisar.

Ao Parlamento eu já aviso, chama a van, porque agora o negócio vai ficar sério! Eu não tenho nem palavras para agradecer tudo o que vocês representaram para mim nesses quatro anos e vão seguir representando pelo resto da minha vida. Obrigada por me aceitarem como eu sou, por dividirem todos os sorrisos, as cervejas, o Grand's e as muitas lágrimas. Obrigada pelas girls nights, por me sequestrarem quando eu mais precisava, pelos livros de presente nos aniversários e pelas saudosas noites de Laika. Eu amo vocês de todo o meu coração. Thuanny, Glauber, Elias, Matheus, Maira e Paula, saibam que não existe mais Thayse sem vocês, obrigada por existirem e resistirem comigo!

À minha orientadora Marcia Benetti. Obrigada por acreditar no meu trabalho e me acompanhar nesta jornada de encerramento. Obrigada pela paciência e compreensão, pelo apoio e pela troca de conhecimentos. Esse trabalho não seria possível sem a tua dedicação e palavras de incentivo nos momentos em que eu achei que não conseguiria.

Aos meus amigos de tanto tempo, esses quatro anos foram desafiadores e acabei me afastando daqueles que amo. Obrigada pela paciência e desculpem pela ausência. Em especial à Daiane, Vanessa e Cássia que ainda insistem e não desistiram de mim.

Aos familiares, de perto e de longe. Obrigada pela torcida e pelo carinho.

Em tempos de gravíssimos ataques a educação pública, deixo os meus mais sinceros agradecimentos à UFRGS. Apesar de todos os problemas que possam existir e que são inerentes a uma universidade pública em um país que pouco investe em educação, agradeço pela bolsa que recebi para que pudesse permanecer na universidade e concluir meus estudos. Mais do que uma faculdade, nesses quatro anos, pude ter experiências fantásticas e descobrir minha real vocação e maior paixão: o jornalismo.

Agradeço aos professores que contribuíram para a minha formação como jornalista, alguns com mais merecimento do que outros, mas ainda assim, obrigada a todos.

Aos mentores que tive nas bolsas e estágios que passei nesses quatro anos. Obrigada por acreditarem em mim.

Por último, mas não menos importante, às mulheres negras, minhas ancestrais, que me permitiram chegar até aqui e para quem serei eternamente grata.

*Numa sociedade racista,
não basta não ser racista,
é necessário ser antirracista.*

Angela Davis

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar os sentidos sobre racismo, mapeando as percepções sobre sua presença no que chamamos de “acontecimento Donata Meirelles”. Os objetivos específicos são: 1) compreender a construção do acontecimento a partir da dinâmica que se estabelece entre as redes sociais e os veículos jornalísticos e 2) investigar a constituição do discurso sobre racismo, identificando e problematizando os sentidos que sustentam as percepções principais. Como base teórica, discutimos o racismo estrutural, o papel social do jornalismo, o discurso jornalístico, a construção social do acontecimento e a relação entre jornalismo e redes sociais. Como base metodológica, utilizamos a Análise de Discurso (AD) e investigamos 50 textos, coletados de 9 de fevereiro a 23 de março de 2019. O corpus inclui textos jornalísticos, postagens no Instagram e comentários de leitores e seguidores. Trazemos uma síntese cronológica do acontecimento, que surge quando a então diretora de estilo da revista Vogue Brasil, Donata Meirelles, publica uma foto de seu aniversário de 50 anos no Instagram. Na imagem, Donata está sentada em uma cadeira branca de vime, ladeada por duas mulheres negras com roupas brancas. Identificamos duas grandes Formações Discursivas, a percepção de “não houve racismo” e a de que “houve racismo”. A primeira é sustentada por dez sentidos ou FDs secundárias: “Sou negro e digo que não é racismo”, “As próprias baianas dizem que não foi racismo”, “É muito mimimi”, “É um delírio da esquerda”, “É uma interpretação errada de uma foto sem contexto”, “A maldade está no olho de quem vê”, “As baianas vestem trajes típicos”, “A cadeira é uma homenagem ao candomblé”, “Não existe racismo no Brasil” e “Racismo é querer se impor pela raça”. A segunda é sustentada por seis sentidos ou FDs secundárias: “Sinto as dores dos meus ancestrais”, “Muita gente tem saudade da escravidão”, “O racismo é estrutural”, “Só branco diz que não é racismo”, “A elite brasileira não vê racismo” e “A cadeira não é homenagem ao candomblé”.

Palavras-chave: racismo; jornalismo; discurso; acontecimento; Donata Meirelles.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Donata sentada à cadeira e as baianas.....	54
Figura 2 - Matéria do jornal O Povo Online	55
Figura 3 - Matéria da revista Veja São Paulo	55
Figura 4 - Matéria do portal Bahia Notícias	56
Figura 5 - Comentários do portal Bahia Notícias.....	56
Figura 6 - Pedido de desculpas de Donata	57
Figura 7 - Post de Lilia Moritz Schwarcz no Instagram	58
Figura 8 - Post de Shelby Ivey Christie no Twitter.....	59
Figura 9 - Post de Elza Soares no Instagram.....	60
Figura 10 - Matéria do UOL.....	61
Figura 11 - Matéria do Yahoo.....	62
Figura 12 - Matéria da revista Carta Capital.....	62
Figura 13 - Matéria da revista Fórum	63
Figura 14 - Matéria do Brasil de Fato	63
Figura 15 - Post de Stephanie Ribeiro no Instagram.....	64
Figura 16 - Nota de esclarecimento da Vogue Brasil	65
Figura 17 - Coluna de Tony Goes na Folha	66
Figura 18 - Artigo de Marcos Rezende no Jornalistas Livres	66
Figura 19 - Coluna de Joel Pinheiro da Fonseca na Folha	67
Figura 20 - Coluna de Juliana de Albuquerque na Folha	68
Figura 21 - Matéria da Folha sobre denúncia das baianas	69
Figura 22 - Entrevista de Silvio Almeida para o Nexo	69
Figura 23 - Coluna de Mônica Bergamo na Folha sobre a demissão.....	70
Figura 24 - Matéria da Fórum sobre a demissão.....	71
Figura 25 - Matéria do Jornalistas Livres sobre abaixo-assinado.....	72
Figura 26 - Matéria da Gaúcha ZH sobre a demissão.....	72
Figura 27 - Artigo de Renata Barreto para o Jornal da Cidade	73
Figura 28 - Matéria da Folha de São Paulo.....	74
Figura 29 - Matéria da Gaúcha ZH sobre abaixo-assinado.....	74
Figura 30 - Matéria da Gaúcha ZH sobre adiamento do baile.....	75

Figura 31 - Coluna de Leo Dias em O Dia	76
Figura 32 - Matéria da Gazeta Online	76
Figura 33 - Matéria da revista Veja São Paulo	77
Figura 34 - Coluna de Mônica Bergamo na Folha sobre Gloria Maria	78
Figura 35 - Campanha da Vogue Brasil "Vista Minha Pele"	80
Figura 36 - Modelo no baile "Pop África"	81
Figura 37 - Atriz no baile "Pop África"	82
Quadro 1 - Corpus de análise	84

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. RACISMO ESTRUTURAL	16
2.1 Raça	16
2.2 Escravidão no Brasil	18
2.3 Destino da população negra pós-abolição	24
2.4 Identidade e naturalização do racismo	27
2.5 Interseccionalidade	36
3. JORNALISMO, DISCURSO E ACONTECIMENTO	40
3.1 Papel social do jornalismo	41
3.2 Discurso jornalístico	45
3.3 Acontecimento jornalístico	49
4. O ACONTECIMENTO DONATA MEIRELLES	54
4.1 Outros casos de racismo na revista Vogue Brasil	78
5. OS SENTIDOS SOBRE RACISMO	83
5.1 Não houve racismo	87
“Sou negro e digo que não é racismo”	88
“As próprias baianas dizem que não foi racismo”	90
“É muito mimimi”	90
“É um delírio da esquerda”	93
“É uma interpretação errada de uma foto sem contexto”	94
“A maldade está no olho de quem vê”	95
“As baianas vestem trajes típicos”	96
“A cadeira é uma homenagem ao candomblé”	97
“Não existe racismo no Brasil”	98
“Racismo é querer se impor pela raça”	98
5.2 Houve racismo	99
“Sinto as dores dos meus ancestrais”	100
“Muita gente tem saudade da escravidão”	101
“O racismo é estrutural”	103
“Só branco diz que não é racismo”	105

“A elite brasileira não vê racismo”	105
“A cadeira não é homenagem ao candomblé”	107
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115

1. INTRODUÇÃO

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população brasileira é majoritariamente formada por negros. Em 2016, 54,9% dos brasileiros se autodeclararam pardos ou pretos. Mas, no Brasil, apesar dos negros serem maioria em termos numéricos, ainda são considerados “minoria”, consequência dos anos de silenciamento social e cultural no período pós-abolição.

No último Relatório de Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Brasil é o 9º país mais desigual do mundo, num ranking de mais de 140 países. O país fica à frente apenas da África do Sul, Namíbia, Botsuana, Zâmbia, República Centro-Africana, Lesoto, Moçambique e Suazilândia, todos na África. De acordo com pesquisa realizada pelo Ministério Público do Trabalho, pretos e pardos enfrentam mais dificuldades na progressão da carreira, na igualdade salarial e são mais vulneráveis ao assédio moral no mercado de trabalho. E, segundo o Atlas da Violência, em 2016 a taxa de homicídios de negros foi duas vezes e meia superior à de não negros (40,2% contra 16%). Em uma década, entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios de negros cresceu 23,1%.

Partindo dessas premissas, fica evidente o preconceito devido à cor da pele que a população negra enfrenta no cenário nacional. O racismo está presente no cotidiano do país - seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, ele se encontra na estrutura da nossa sociedade. Diante disso, esta pesquisa busca problematizar o tema do racismo no Brasil contemporâneo.

Tomamos como objeto empírico o ciberacontecimento Donata Meirelles. Ele se desenvolveu a partir da publicação, no Instagram, de uma imagem da festa de aniversário da então diretora de estilo da revista Vogue Brasil. Na foto, Donata está sentada em uma cadeira de vime branca, entre duas mulheres negras de trajes brancos. A simbologia da cena despertou um forte debate sobre o racismo nas redes sociais e se transformou em um acontecimento jornalístico.

No desenvolvimento da pesquisa buscamos responder quais são os sentidos sobre o racismo que despontam deste acontecimento. Nosso **objetivo geral** é analisar o discurso sobre racismo, mapeando as percepções sobre sua existência ou não, no acontecimento Donata Meirelles. Como **objetivos específicos**, buscaremos,

primeiramente, compreender a construção do acontecimento a partir da dinâmica que se estabelece entre as redes sociais e os veículos jornalísticos; e, posteriormente, investigar a constituição do discurso sobre racismo, identificando e problematizando os sentidos que sustentam as percepções principais.

Para tanto, esta pesquisa utiliza como base metodológica a Análise de Discurso (AD). O corpus deste estudo é constituído de 50 textos, coletados de 9 de fevereiro a 23 de março de 2019. Dentre esses, estão textos jornalísticos, postagens no Instagram e os comentários de leitores e seguidores.

No segundo capítulo buscamos compreender as concepções de raça no Brasil através dos estudos de Schwarcz (2018) e Hofbauer (2011). Para discutir os efeitos do período da escravidão na construção da identidade negra nacional, utilizamos como base as teorias de Munanga e Gomes (2006) e Alencastro (2018). A seguir, discutimos sobre a identidade do negro no período pós-abolição, baseados em Fernandes (2008), Hasenbalg (2005), Hall (1997) e Butler (2000). Para classificar o racismo no Brasil atual, nos filiamos às teorias de Almeida (2018), que utiliza três concepções distintas sobre o racismo: o individualista, o institucional e o estrutural. Este último servirá de base para nortear toda a pesquisa e nossa análise final. Para encerrar o capítulo abordamos a importância de utilizar a interseccionalidade nos estudos sobre raça através das teorias de Crenshaw (2004), Collins (2017) e Akotirene (2018).

No capítulo 3, abordamos o jornalismo como meio de representação da vida cotidiana, conceituando a atividade através de Kovach e Rosenstiel (2001), Franciscato (2005) e traquina (2000). Para discutir o papel social do jornalismo utilizamos principalmente os fundamentos de Ferreira (2011), Rodrigues (1993) e Lago (2014). A fim de compreender o jornalismo enquanto discurso, utilizamos os trabalhos de Orlandi (2001), Pêcheux (2014), Benetti (2012, 2016) e Hagen (2004). Por fim, desenvolvemos os conceitos de acontecimento e ciberacontecimento jornalístico a partir de Rodrigues (1993), Fonseca (2010), Charaudeau (2007) e Henn (2013).

No capítulo 4, apresentamos o acontecimento Donata Meirelles, através da exposição cronológica dos fatos que o constituem, desde a publicação da primeira

imagem no Instagram, a repercussão do assunto para além das redes sociais e sua abordagem no jornalismo.

No capítulo 5, trazemos os resultados da análise. Apresentamos as duas principais Formações Discursivas (FDs) encontradas, a de que não houve e a de que houve racismo no acontecimento, e as FDs secundárias que as sustentam. Para esse estudo, utilizamos como metodologia a Análise do Discurso.

Encerrando este trabalho, trazemos as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas.

2. RACISMO ESTRUTURAL

Para vivermos democraticamente em uma sociedade plural, precisamos primeiramente respeitar e valorizar sua diversidade étnica e cultural. A sociedade brasileira, marcada pela presença de diferentes raças, grupos culturais e religiões, ainda se esforça para debater temáticas polêmicas que trazem à tona preconceitos inscritos em nossa cultura. Convivendo com uma visão hegemônica de mundo, há dificuldade de reconhecimento da multiplicidade de raízes da nossa formação cultural, fundamental para a reflexão sobre a identidade do país.

A fim de compreendermos as consequências deste recorte de raça e de classe naturalizados tanto na sociedade quanto no jornalismo, devemos assimilar as concepções de raça e os efeitos do período da escravidão na construção da identidade negra nacional.

2.1 Raça

O termo raça é centro de controvérsias desde os primórdios dos estudos da humanidade. Durante muito tempo acreditava-se que a noção de raça estivesse atrelada à condição cultural do indivíduo. Somente em meados do século XIX, mais precisamente em 1859, é que o debate ganhou novos ares com a “teoria da evolução” de Charles Darwin¹. Seus estudos serviriam de base para a “Teoria sintética da evolução” ou *Neodarwinismo*, doutrina que toma como essência as noções de Darwin sobre a seleção natural, incorporando noções atuais de genética.

Conforme os estudos de Lilia Moritz Schwarcz (2018, p. 406), as máximas de Darwin deram origem a uma série de teóricos conhecidos como “darwinistas raciais”, que “passaram a qualificar a diferença e a transformá-la em objeto de estudo: um objeto de ciência”. Por conseguinte, a raça tornava-se um conceito essencial e respaldado pela biologia. Desde então, diversas teorias surgiram, como a dos deterministas geográficos, que acreditavam que fatores como clima, solo e

¹ Charles Darwin (1809-1882), naturalista inglês, desenvolveu uma teoria evolutiva que é a base da moderna teoria sintética: a teoria da seleção natural. Segundo Darwin, os organismos mais bem adaptados ao meio têm maiores chances de sobrevivência do que os menos adaptados, deixando um número maior de descendentes. Os organismos mais bem adaptados são, portanto, selecionados para aquele ambiente.

vegetação definiam uma civilização, e como a dos deterministas raciais, que abandonaram as análises centradas no indivíduo para a proeminência de determinado grupo.

Esses pressupostos teóricos culminaram em um ideal político no qual raças passaram a ser categorizadas como superiores ou inferiores, conseqüentemente, as que estavam na segunda categoria passaram a ser submissas ou eliminadas pela primeira. Esta conjectura, denominada eugenia, buscava produzir uma seleção nas coletividades humanas, baseada em leis genéticas. Schwarcz (2018, p. 406), alega que o eugenismo se converteu “numa espécie de prática do darwinismo racial” e “tinha como meta intervir na reprodução das populações”.

Eugenia é um termo que veio do grego e significa “bem-nascido”. Ele foi cunhado em 1883 por Francis Galton e tinha o objetivo de validar a segregação hierárquica. Anos mais tarde os estudos da eugenia serviriam de base para o nazismo. Conforme Ferreira (2017), no Brasil, próximo ao fim do período da escravidão, intelectuais nacionais viram na eugenia a solução para o desenvolvimento do país. Eles utilizaram os estudos e resultados da pesquisa de Galton para excluir negros e deficientes de todos os tipos. Assim, apenas os brancos de ascendência europeia povoariam o que eles entendiam como a “nação do futuro”. O antropólogo Andreas Hofbauer (2011, p. 1 e 2) diz que a elite local brasileira se apropriou dessas teses clássicas para justificar um “branqueamento” da população local:

Os políticos e intelectuais teriam sentido esta necessidade, já que – argumenta-se – as chamadas “teorias raciais clássicas” exaltavam a pureza racial e pregavam que a mistura racial provocava – necessariamente – “degeneração”. A grande questão que se colocava e gerava incertezas no meio da elite brasileira era, portanto: até que ponto o futuro da nação, que estava caminhando para a abolição do regime escravista, estaria comprometido pelo grande contingente de membros de “raças inferiores”? Como organizar uma sociedade baseada em mão-de-obra livre com um contingente tão grande de negros e mestiços?

A saída para este dilema estava na tese do branqueamento, onde se permitia pensar em uma raça inferior e outra superior. Segundo Hofbauer (2011) este raciocínio serviu de base para a política de Estado que teve como objetivo trazer mão-de-obra branca para o Brasil após a abolição da escravatura. Partindo destes

pressupostos, podemos compreender que, desde os primórdios da constituição da nação brasileira, o termo raça está diretamente ligado a um complexo campo de relações estabelecidas na sociedade.

Silvio Luiz de Almeida (2018, p. 19) expõe que raça não é um termo estático, “seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado”. Para o autor, “a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas”. Corroborando com o pensamento de Almeida, o jornalista Vinicius Rodrigues Vieira (2008, p. 33) declara que:

Toda estrutura social é fruto de um processo histórico, um dado não natural, como mostraram os primeiros sociólogos, no final do século XIX. Sendo a raça uma dessas estruturas, a compreensão de sua origem encontra-se na História. Assim, a análise e a descrição desta são essenciais para que se possam entender as desigualdades sociorraciais brasileiras.

A seguir buscaremos compreender como o pertencimento a determinada raça, neste caso a negra, foi na realidade uma constituição histórica e não biológica em nossa sociedade, bem como os efeitos dessa diferenciação na construção da identidade da população negra no Brasil.

2.2 Escravidão no Brasil

Com o intuito de refletirmos sobre a história do negro no Brasil, temos que em primeiro lugar identificar qual história está sendo contada. Ao relembrar o que tradicionalmente se aprende na escola ou na literatura nacional, temos a imagem do negro submisso ou do negro violento e fujão. Em que medida essas representações que temos sobre a escravidão atuam na imagem do negro atual?

O trabalho escravo acompanhou quase quatro séculos de formação econômica, política e social do Brasil. A escravização dos africanos contribuiu para a formação de grandes fortunas da aristocracia rural brasileira e sua extinção ocorreu somente no final do século XIX, quando todos os países da América já o haviam substituído pelo trabalho livre.

A escravidão no Brasil iniciou com a chegada dos portugueses no país em meados do século XVI, ao enfrentarem dificuldades na dominação dos povos indígenas que por aqui já estavam, foram buscar mão-de-obra estrangeira.

Segundo Munanga e Gomes (2006, p. 16) a resistência dos índios ao processo de escravidão gerou duas consequências: “a sua massiva extermínio e a busca dos africanos que aqui foram deportados para cumprir o que os índios não puderam fazer”. Isso abriu caminho ao tráfico negreiro e à vinda de milhões de africanos que aqui foram escravizados.

No Brasil o preconceito está tão enraizado em nossa estrutura social, que o termo “africano” é comumente usado como sinônimo de “escravo”. Porém, devemos ressaltar que a escravidão, em outras épocas e em outras partes do mundo, não atingiu somente os africanos: vários povos, até os brancos europeus, foram atingidos. Etimologicamente, a palavra “escravo” deriva do latim “sclavus” (pessoa que é propriedade de outra). O termo também está relacionado à “slavus”, “em decorrência da escravização de europeus de língua eslava, muito comum durante o Império Romano e a Idade Média” (NASCIMENTO, 2006, p. 36). Para Munanga e Gomes (2006, p. 24):

A palavra escravidão não foi inventada a partir da deportação dos africanos e de sua escravização em outros continentes. Trata-se de uma prática antiga da humanidade. Textos bíblicos e escrituras santas falam da escravidão dos israelitas no Egito antigo, onde trabalhavam nos rebanhos dos faraós. Tem-se eco do trabalho escravo nas literaturas sobre antigas civilizações egípcia, grega e romana. Alguns dos monumentos gigantescos, cujos vestígios e ruínas resistem até hoje nessas civilizações, foram construídos em parte com o trabalho escravo.

Os africanos escravizados eram trazidos ao Brasil em condições subumanas nos porões dos chamados navios negreiros. Os que sobreviviam à viagem eram aqui vendidos como mercadorias. Para Nascimento, (2006), apesar de muitos historiadores argumentarem que os próprios africanos escravizavam seu povo e que os europeus apenas aproveitaram um comércio já estabelecido, a escravidão praticada na África se diferenciava por um importante fator:

As formas de escravidão praticadas na África baseavam-se na captura de prisioneiros de guerra. A condição servil era reversível e não reduzia o indivíduo a condição de simples mercadoria. Além de manter intacta a sua humanidade, o cativo gozava de certos direitos e ao sair da servidão podia elevar seu nível social. (NASCIMENTO, 2006, p. 37)

Esses africanos, ao chegarem ao Brasil, eram despojados de sua humanidade através de leis que os marcavam como mercadoria, força animal de trabalho, coisas ou objetos. Conforme Munanga e Gomes (2006) o tráfico negreiro é considerado, por sua amplitude e duração, uma das maiores tragédias da história da humanidade. Durante séculos, milhões de homens e mulheres foram arrancados de suas raízes e obrigados a abandonar suas tradições e costumes para servir o homem branco. Considerando o fim da escravidão indígena decretado em meados do século XVIII e a Lei Áurea de 1888, temos $\frac{3}{4}$ da história do Brasil marcados pela utilização deste trabalho escravo.

O crescimento econômico do país também foi baseado na prática escravocrata. A história geralmente apresenta a escravidão no Brasil centrada primeiro no desenvolvimento da cultura da cana de açúcar, passando pela descoberta das minas de ouro e terminando na economia exportadora cafeeira. Porém, a escravidão africana também colaborou no desenvolvimento da pecuária, das plantações de arroz, algodão e fumo.

Os números da escravização são vultosos. O historiador e cientista político, Luiz Felipe de Alencastro (2018) realizou um aprofundado estudo relativo aos números do tráfico transatlântico de escravos africanos. Segundo o autor, no Brasil esta prática tomou dimensões inéditas no Novo Mundo. Os números são do período em que perdurou o comércio de africanos para o Brasil, de 1550 a 1850: Alencastro (2018, p. 60) calcula “[...] que o total de africanos desembarcados no Brasil, em cerca de 14.910 viagens transcorridas nos três séculos, atinja 4,8 milhões. Globalmente, as importações brasileiras representam 46% do total dos escravizados desembarcados”.

Conforme Alencastro (2018), a mais extensa rede de tráfico deste período foi a baseada no Rio de Janeiro, onde havia maior proeminência econômica e política no país, embora o eixo Bahia-Benim tenha grande destaque no passado das relações entre a África e o Brasil.

[...] no período colonial e no imperial, o país foi o maior importador de escravos africanos das Américas. Foi ainda a única nação independente que praticou maciçamente o tráfico negreiro, transformando o território nacional no maior agregado político escravista americano. (ALENCASTRO, 2018, p. 57)

Para o autor, a hegemonia econômica e política do Rio de Janeiro foi “fundamental para a afirmação da soberania do governo central sobre o território da América portuguesa e para a construção do Estado Nacional” (ALENCASTRO, 2018, p. 63). Ele afirma que tal hegemonia foi financiada pela expansão cafeeira no Centro-Sul e que “tudo isso só foi possível por causa do extraordinário crescimento do tráfico negreiro no século XIX” (ALENCASTRO, 2018, p. 63).

Alencastro (2018) apresenta a grande diferença de chegadas, relacionando os desembarques de escravos africanos aos desembarques de portugueses e imigrantes:

No que concerne aos portugueses, meus próprios cálculos indicam a cifra de 750 mil indivíduos entrados entre 1500 e 1850. Ou seja, em cada cem pessoas desembarcadas no Brasil durante esse período, 86 eram escravos africanos e catorze eram colonos e imigrantes portugueses. (ALENCASTRO, 2018, p. 60)

Mesmo com o fim do tráfico transatlântico fixado em 1850, há registro que 6.900 africanos escravizados tenham desembarcado no país entre 1851 e 1856 (ALENCASTRO, 2018).

Diante de números tão impressionantes, é preciso destacar que a escravidão no Brasil se apoiou na submissão ideológica dos cativos. Entre os múltiplos mecanismos utilizados, destacava-se o convencimento do cativo de sua natureza diversa e inferior, proposta que racionalizava e consolidava a ditadura dos escravizadores sobre os escravizados.

Para controlar esse grande contingente de pessoas foi criada uma “estrutura complexa de castigos, sevícias, punições exemplares e maus-tratos, amparados nos códigos Manuelino, Afonsino e Filipino² e seus legados” (SCHWARCZ e GOMES,

² Estas foram as três Ordenações Portuguesas impostas ao Brasil: Ordenações Afonsinas (ou Código Afonsino, que vigorou de 1446 até 1514); as Ordenações Manuelinas (ou Código Manuelino, que vigorou de 1521, com versão definitiva, até 1595); e as Ordenações Filipinas (ou Código Filipino, que vigorou das leis editadas de 1603 até 1916, sendo esta data a prescrição da matéria civil, pois a primeira Constituição do Brasil, de 1824, já revogou quase toda Ordenação Filipina).

2018, p. 29). Estes dispositivos foram naturalizados e legalizavam o castigo físico e os demais abusos retratados daquele período.

O Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão negra, em 13 de maio de 1888. Conforme Flávio Gomes (2006), nas últimas décadas do século XIX, autoridades, fazendeiros, políticos, cientistas e parlamentares discutiam o fim da escravidão e o destino dos libertos. Abolicionistas e emancipacionistas insistiam na necessidade da vinda de homens livres para o trabalho, especialmente imigrantes europeus.

De acordo com Mamigonian e Grinberg (2018), o primeiro golpe contra a escravidão no Brasil ocorreu com a Lei de 7 de novembro de 1831, primeira lei nacional a proibir o tráfico de escravos. Ela ficou vulgarmente conhecida como “lei para inglês ver”, por estar associada à pressão inglesa quanto ao fim do trabalho escravo. Essa lei foi pivô de vários embates políticos e jurídicos e esteve no centro do debate sobre a legalidade da escravidão brasileira no século XIX. A lei propunha a regularização da repressão ao tráfico de escravos, porém, foi aprovada no Senado, mas não na Câmara.

Ainda hoje, a memória do tráfico ilegal subsiste entre descendentes de pessoas escravizadas e desafia a história oficial, que silenciava sobre os crimes cometidos por traficantes e senhores. A reconstituição dos sucessivos acordos para tornar a Lei de 1831 ineficaz revela a conivência do Estado imperial com o contrabando e a escravidão ilegal no Brasil oitocentista, e desfaz a narrativa de uma busca gradual e consensual da abolição da escravidão. (MAMIGONIAN e GRINBERG, 2018, p. 291).

Outro importante marco pré-abolição ocorreu em 1850, com a proibição do tráfico atlântico, decretada pela Lei Eusébio de Queiroz. Ainda assim, a partir do ano seguinte, intensificou-se a venda de escravos do Norte, Sul e principalmente do Nordeste para o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, as principais cafeeiras em expansão. A partir da década de 1860, o movimento pela abolição ganhou força no país, principalmente depois da Guerra do Paraguai (1865-1870), quando milhares de negros foram libertos das fazendas para combater nas fileiras do Exército Brasileiro. No entanto, as elites brasileiras resistiam à ideia da abolição.

Além das leis de 1831 e 1850, outras duas importantes legislações fortaleceram o debate e os movimentos abolicionistas no país. A primeira foi a Lei do

Ventre Livre ou Lei Rio Branco, de 1871, que declarava livres os filhos de mulheres escravas nascidos a partir daquela data. As crianças livres ficariam com suas mães até os oito anos de idade. Depois disso, os senhores podiam optar entre receber uma indenização do Estado ou fazer com que os libertos trabalhassem para ele até completarem 21 anos. O projeto foi aprovado pela Câmara, mesmo sem o apoio da maior parte dos deputados representantes dos fazendeiros do Sudeste.

Já em 1885 a Lei dos Sexagenários ou Lei Saraiva-Cotegipe libertava os escravos com mais de 65 anos e estabelecia normas para uma abolição gradual mediante indenização. Mesmo os proprietários que inicialmente se colocaram contra a lei, depois de aprovada perceberam as vantagens que ela lhes trazia, isso porque a expectativa média de vida de um escravo não chegava aos 40 anos, e os poucos que atingiam os 60 lá chegavam quase improdutivos, tornando-se “um peso” para seus senhores.

Conforme Gilberto Cotrim (1998), por volta de 1885 a campanha abolicionista tornou-se mais intensa. Associações e clubes voltam-se contra a escravidão, fazendo propaganda aberta e levantando fundos para a compra de cartas de alforria. Intelectuais, jornalistas, advogados, profissionais liberais e mesmo fazendeiros aderiam à causa abolicionista. As fugas e revoltas de escravos tornaram-se cada vez mais freqüentes. Ativistas, entre eles filhos da elite cafeeira, organizavam grupos para ajudar escravos a fugir das fazendas, conduzindo-os a lugares seguros, como, por exemplo, a cidade de Santos. Nesta cidade do litoral paulista, escravos fugidos formaram o quilombo³ do Jabaquara, que chegou a reunir cerca de 10 mil moradores.

A ordem escravocrata era cada vez mais questionada. Fugas em massa, revoltas e muita resistência alastraram-se pelo Brasil. Nas fazendas do interior paulista, onde as experiências com o trabalho livre começaram na década de 1840, já havia mais imigrantes nas lavouras do que cativos. Muitos proprietários, sem condições de impedir as fugas, tomaram a “iniciativa” de libertar os escravos em troca de sua permanência na lavoura por mais alguns anos. Diante dessa situação,

³ A palavra *kilombo* é originária da língua banto umbundo e refere-se a um tipo de instituição sociopolítica militar conhecida na África Central. Esta era uma associação aberta a todos e os participantes participavam de rituais que os integravam como guerreiros. No Brasil o termo ficou conhecido como o “refúgio de negros escravos fugitivos”.

em 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel, que substituíu o pai D. Pedro II no trono, assinou a Lei Áurea, abolindo a escravidão no Brasil.

2.3 Destino da população negra pós-abolição

A Lei Imperial, instaurada no dia 13 de maio de 1888, deu fim à fundação social que moldava os modos de viver, de pensar, as relações de poder e as etiquetas de mando e obediência no Brasil. Segundo Walter Fraga (2018), havia um intenso debate sobre a maneira como a sociedade deveria ser reestruturada e o sobre o medo de que o fim da escravidão pusesse em questão as hierarquias e os lugares sociais que alicerçavam a sociedade.

Quando criança, na época da escola, crescemos ouvindo sobre a importância da Princesa Isabel e o 13 de Maio, considerados marcos da abolição da escravatura no Brasil. O que não se comenta é sobre o destino destes milhares de negros, que de uma hora para outra não apresentavam mais serventia à elite branca da época.

Flávio Gomes (2006) alerta que no Brasil os termos escravidão e pós-emancipação foram fundidos num só campo de estudo, no qual a pós-emancipação foi esquecida. O autor afirma que é preciso refletir sobre esse período dentro de um processo histórico mais amplo, abordando os diversos significados da liberdade para os ex-escravos, os libertos por alforria e para a população livre e pobres em geral (neste caso, considerando os sistemas de classificações raciais da época).

O que percebemos hoje é que não houve preparação suficiente, os governos pós-abolição não aproveitaram o ato da princesa a favor de melhorias sociais. Por isso, no Movimento Negro ainda escutamos que o 14 de maio, o dia após o fim da escravidão, é o dia que nunca terminou. Após séculos de trabalho forçado, seqüestros e abusos, a população negra foi novamente lançada à própria sorte, sem terra, sem emprego, sem educação, sem saúde, sem teto e sem representação.

O sociólogo Florestan Fernandes, em seu clássico livro “A Integração do Negro na Sociedade de Classes” (2008 *apud*⁴ MARINGONI, 2011, *online*), elucida a situação:

⁴ FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**: o legado da raça branca (vol. 1). São Paulo: Globo, 2008.

A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. [...] Essas facetas da situação [...] imprimiram à Abolição o caráter de uma espoliação extrema e cruel.

Este descaso com a população negra pode ser explicado pela forma como foi realizada a libertação. Gilberto Maringoni (2011, *online*) diz que “o que inviabilizou o escravismo brasileiro foi o avanço do capitalismo no país”. Segundo ele, mesmo que pareça algo simplista e mecânico, esta argumentação “expressa uma série de contradições que tornaram o trabalho servil não apenas anacrônico e antieconômico, mas, sobretudo ineficiente para o desenvolvimento do país”.

Partindo desse pressuposto, fica evidente a razão pela qual desde 1870 o país passou a incentivar a entrada de trabalhadores imigrantes – em sua maioria europeus – para as lavouras do Sudeste. Segundo dados do IBGE, entre 1871 e 1880⁵, chegaram ao Brasil 219 mil imigrantes, e na década seguinte o número chegou a 525 mil. Após a abolição, no fim do século XIX, o total somava 1,13 milhão. Com a implantação de uma dinâmica capitalista, o negro cativo ficou obsoleto e o trabalho forçado ficou mais caro que o assalariado. A importação de mão de obra europeia de baixo custo foi bancada pelo poder público, essa foi sua proposta de “reforma” após o fim da escravidão.

Após a instauração da República no Brasil, em 1889, teve início uma onda “antiafricanismo” (FRAGA, 2018), com controle das atividades do candomblé, samba, capoeira e outras formas de manifestação da cultura africana. Para Fraga (2018, p. 357) este contexto de repressão “teve implicações dramáticas para as populações negras, pois reforçou as barreiras raciais que dificultavam o acesso a melhores condições de vida e a ampliação dos direitos de cidadania”. E com a abundante oferta de mão-de-obra imigrante, os ex-escravos, sem força política na nova República, acabaram como reservas e descartáveis na nova realidade.

⁵ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2012. **Sínteses históricas:** históricos dos censos. Disponível em <<https://memoria.ibge.gov.br/sinteses-historicas/historicos-dos-censos/censos-demograficos>> Acesso em 04 de março de 2019.

Para além da força de trabalho, existem teorias que confirmam que a vinda dos imigrantes europeus escondia outro interesse: o branqueamento da população. De acordo com Andreas Hofbauer (2011, p. 1 e 2):

A grande questão que se colocava e gerava incertezas no meio da elite brasileira era, portanto: até que ponto o futuro da nação, que estava caminhando para a abolição do regime escravista, estaria comprometido pelo grande contingente de membros de “raças inferiores”? Como organizar uma sociedade baseada em mão-de-obra livre com um contingente tão grande de negros e mestiços?

Vale ressaltar que, no contexto apresentado pelo autor, as noções de “negro” e “branco” são anteriores ao discurso racial. “Durante muito tempo, as duas cores não diziam respeito ‘simplesmente’ a um mundo natural passível de ser observado de forma objetiva, mas eram associadas a ideais morais-religiosos” (HOFBAUER, 2011, p. 2), onde o branco representava o bem e o negro o moralmente condenável, as trevas. O antropólogo João Baptista Lacerda (1911 *apud*⁶ HOFBAUER, 2011, p. 5), propagandista da ideologia do branqueamento, acreditava que:

A imigração e a “seleção sexual” (a preferência por casamento com brancos) deveriam dissolver a “raça negra” num período de 100 anos e, desta forma, transformar o Brasil num dos “principais centros do mundo civilizado”. O desaparecimento do negro era visto como uma consequência “lógica” desse processo, como uma questão de tempo: “[...] é lógico supor que num período de um novo século, os mestiços desaparecerão do Brasil, fato que coincidirá com a extinção paralela da raça negra entre nós”.

Hofbauer (2011) destaca que os negros, sem conseguir emprego em razão da grande concorrência (de brasileiros não-negros e dos imigrantes europeus), fixaram-se em cortiços e porões nas periferias das cidades. Os ex-escravos uniram-se à população mais pobre e formaram os indesejados da República. Para Maringoni (2011), com o aumento no número de “desocupados” e mendigos nas ruas, houve também aumento da violência, e conseqüente aumento deste tipo de notícia nas páginas dos jornais.

O historiador Luiz Edmundo (2003, p. 121 e 147) descreve a moradia e as vielas da então Capital do Brasil:

⁶ LACERDA, João Baptista. **O congresso universal das raças reunido em Londres** (1911).

Os morros de Santo Antônio e do Castelo, no coração da cidade, são dois arraiais de aflição e de miséria. No Rio de Janeiro, os que descem na escala da vida, vão morar para o alto, instalando-se na livre assomada das montanhas, pelos chãos elevados e distantes, de difícil acesso. [...] Por elas vivem mendigos, os autênticos, quando não se vão instalar pelas hospedarias da rua da Misericórdia, capoeiras, malandros, vagabundos de toda sorte: mulheres sem arrimo de parentes, velhos que já não podem mais trabalhar, crianças, enjeitados em meio a gente válida, porém o que é pior, sem ajuda de trabalho, verdadeiros desprezados da sorte, esquecidos de Deus...

Esse isolamento dos “descendentes dos escravos” é resultado direto do novo regime, onde as promessas de democratização e igualdade social não se cumpriram. Na República brasileira persistiu intocada a estrutura elitista e excludente dos tempos passados. Voltemos a Florestan Fernandes (2008 *apud*⁷ MARINGONI, 2011, *online*) para ilustrar esta realidade:

A preocupação pelo destino do escravo se mantivera em foco enquanto se ligou a ele o futuro da lavoura. Ela aparece nos vários projetos que visaram regular, legalmente, a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, desde 1823 até a assinatura da Lei Áurea. [...] Com a Abolição pura e simples, porém, a atenção dos senhores se volta especialmente para seus próprios interesses. [...] A posição do negro no sistema de trabalho e sua integração à ordem social deixam de ser matéria política. Era fatal que isso sucedesse.

Passados 131 anos da abolição da escravidão no Brasil, as principais demandas da população negra, como acesso à educação, melhores condições de trabalho e combate à violência, persistem em nossa sociedade. Possuímos a segunda maior população negra do mundo, perdendo somente para a Nigéria, todavia, os negros por aqui ainda sofrem com a invisibilidade e a sub-representação, tanto nos poderes institucionais, nas universidades e na mídia e são destaque nos indicadores sócio-econômicos, em nítida desigualdade em relação ao restante da população.

2.4 Identidade e naturalização do racismo

O que significa ser negro no Brasil? Como identificamos uma pessoa negra? Respostas como tom da pele, textura do cabelo, formato do nariz e ascendência

⁷ FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**: o legado da raça branca (vol. 1). São Paulo: Globo, 2008.

podem surgir à mente de alguns ao se depararem com questões como estas, mas o que fica explícito é que há um desentendimento sobre negritude no Brasil. Esta realidade é consequência do mito da democracia racial que incutiu no imaginário nacional uma imagem de que vivemos em um país de “misturas” raciais harmoniosas, quando a estrutura social demonstra o contrário.

O sociólogo Florestan Fernandes (2008) explica que as relações étnicas e raciais e o significado da cor na vida humana apresentam-se sob diversas formas. No Brasil, o ponto de partida desta crise de identidade foi a conjuntura do negro e do mulato no período pós-abolição, que fez com que o dilema racial brasileiro persistisse nas relações atuais e se ramificasse nas estruturas sociais criadas a partir do trabalho livre.

Neste intenso processo de transformação socioeconômica, os não-brancos ficaram à margem, visto que a extinção do regime servil não significou modificação na estrutura social e acabou por incorporá-los à chamada “plebe”.

Daí resulta que a desigualdade racial manteve-se inalterável, nos termos da ordem racial inerente à organização social desaparecida legalmente, e que o padrão assimétrico de relação racial tradicionalista (que conferia ao “branco” supremacia quase total e compelia o “negro” à obediência e à submissão) encontrou condições materiais e morais para se preservar em bloco. (FERNANDES, 2008, p. 106)

Poucos negros e mulatos aproveitaram de fato as oportunidades do período pós-abolição. A grande maioria viu-se submetida às ocupações menos desejáveis e compensadoras, em grande parte consequência do monopólio de absorção destas vagas pelos imigrantes. Ainda segundo Fernandes (2008, p. 110), este cenário foi reforçado pelo fato dos ex-escravos não possuírem os “recursos psicossociais e institucionais para se ajustar à nova posição na sociedade”.

Esta incapacidade de lidar com as chamadas “técnicas sociais” impediu a adaptação do negro às condições de vida que imperavam nas grandes cidades, conseqüentemente, teve início uma “era de miséria coletiva, de degradação moral e de vida social desorganizada” desta parcela da população (FERNANDES, 2008, p. 111).

Para Carlos Hasenbalg (2005) o desempenho do ex-escravo como homem livre, principalmente no mercado de trabalho, não tem relação somente com seu

“mau ajustamento social”. Embora a abolição tenha papel importante nas disparidades nacionais, conforme o autor, alguns pontos precisam ser analisados. Hasenbalg (2005) argumenta que, à época da abolição, os escravos representavam uma minoria da população de cor⁸, por conseguinte, considerar somente a adaptação dos ex-escravos ao processo é um erro.

Através de um levantamento sobre a industrialização e a urbanização, realizado por Hasenbalg (2005), observamos que a segregação geográfica e as desigualdades na ascensão social entre brancos e não-brancos se manifesta através de linhas raciais e não comportamentais:

Enquanto nas ocupações industriais manuais, por exemplo, as qualificações parecem ser mais importantes que a cor como critério de admissão ao emprego, em ocupações que exigem contato direto com o público ou consumidores, os negros e mulatos foram excluídos, não apenas por sua falta de qualificações, mas porque eram vistos como esteticamente indesejáveis. (HASENBALG, 2005, p. 184)

Assim, percebemos que o desenvolvimento econômico da época contribuiu com as desigualdades entre brancos e não-brancos ao hierarquizar ocupações utilizando linhas raciais. A consequência destes fatos foi o confinamento dos negros e mulatos à periferia, tanto das cidades como do sistema de produção. As mulheres não brancas passaram a dedicar-se ao serviço doméstico, único emprego assalariado garantido a elas, e os homens, que antes eram produto do sistema, caíram no ócio.

Outro importante elemento para a crise de identidade nacional foi o conceito de miscigenação. Segundo Sérgio Costa (2001) a partir dos anos 30 do século XX começa a predominância da ideologia da mestiçagem no Brasil. Para o autor, a concepção deste conceito não tem relação com cruzamentos biológicos de diferentes fenótipos humanos, mas com a utilização desta como ideologia de Estado para basear a construção nacional:

⁸ Em 1872, data do primeiro censo da população nacional, 74% da população de cor era livre. Essa proporção cresceu até aproximadamente 90% em 1887. É verdade que a população escrava, em rápida diminuição desde 1850, declinou em ritmo ainda mais acelerado na década de 1880, caindo de 1.262.801 em 1882 para 723.149 em 1887. Assim, aos escravos libertados em 1888 deveriam ser acrescentados aqueles que foram postos em liberdade durante os anos imediatamente anteriores à abolição. (HASENBALG, 2005, p. 174)

Trata-se de uma visão de mundo que reinventa o país, na medida em que revela a possibilidade de convivência dos diferentes grupos socioculturais então residentes dentro das fronteiras político-geográficas brasileiras. Deve-se lembrar que até as primeiras décadas do séc. XX uma questão polarizava o debate político brasileiro, a saber, até que ponto seria possível constituir uma nação unitária e progressista nos trópicos, partindo-se de grupos populacionais tão heterogêneos quanto ex-escravos e seus descendentes, os diversos povos indígenas, imigrantes de diferentes origens e “mestiços” de todos os tons. (COSTA, 2001, p. 144)

Aqui começam os primeiros indícios do que se tornou a imagem do Brasil, um país onde supostamente reinava a democracia racial. Vale ressaltar que antes de 1930, com a tomada de poder por Getúlio Vargas, não existia uma concepção concreta sobre o país. A imagem que predominava era a de que viemos de Portugal e que de lá havíamos herdado nosso jeito de ser. Jessé Souza (2018), em entrevista para o Jornal da Universidade, explica como teve início este movimento:

Pouco tempo depois de Getúlio assumir o poder, em São Paulo, em 1932, tenta-se uma saída militar. Como perde, a elite paulista decide montar uma base ideológica para que jamais perca de novo o Estado, e que este nunca deixe de ser seu banco particular. Então ela monta uma universidade: a USP (Universidade de São Paulo), que vai influenciar todas as outras. Vai também montar um mercado editorial de imprensa para consagrar essa leitura do Brasil. Dessa imagem vão se dizer coisas disparatadas, como ‘o Brasil vem de Portugal’. Isso é um absurdo, porque não existia escravismo em Portugal, e a transmissão cultural não se dá pelo sangue. (SOUZA, 2018)

Grande apoiador do conceito da mestiçagem, Gilberto Freyre, em seu clássico “Casa Grande & Senzala” de 1933, aborda o processo de formação nacional e trata a questão racial como homogênea, apresentando a imagem de um Brasil mestiço e unitário. O lançamento desta obra foi fundamental para a construção narrativa e da identidade do povo brasileiro.

Conforme José Luiz Fiorin (2009, p. 120), Freyre apresenta a colonização portuguesa como “tolerante, aberta e suave”, apresenta o Brasil como um país que celebra as misturas raciais em sua formação nacional e cultural. Para Fiorin (2009), em “Casa Grande & Senzala” também se percebem elementos de objetificação da mulata, culto ao sincretismo religioso (sinal de tolerância) e indícios de um convívio harmônico de culturas. Obras como esta colaboram com a naturalização da imagem do brasileiro como acolhedor e tolerante às diferenças, no entanto, a formação da cultura nacional se deu de outra forma:

Primeiramente, é preciso notar que a mistura não é indiscriminada. Há sistemas que não são aceitos na mistura. Por exemplo, no período de construção da nacionalidade, não há a ideia da miscigenação das três raças que hoje se diz terem construído a nação brasileira, mas somente a dos índios e brancos. Os negros estavam excluídos. Essa mistura não era desejável, pois, afinal, tratavam-se de escravos. (FIORIN, 2009, p. 121)

Apesar da postura nacional adotada a partir dos anos 30 por intelectuais e artistas nacionais, a ideologia da democracia racial passou a ser amplamente contestada a partir dos anos 50 quando, após a Segunda Guerra Mundial, a UNESCO definiu como prioridade o combate às políticas e ideologias que davam sustentação à discriminação de grupos raciais.

Ao que tudo indica, a fama do Brasil como “país da democracia racial” foi decisiva para que a UNESCO tenha decidido finalmente efetuar uma série de pesquisas na década de 1950 em várias regiões do Brasil. Os estudos, que deveriam fornecer material empírico importante para a elaboração de uma ampla campanha anti-racista mundial, trouxeram não apenas novas preocupações políticas, mas também acadêmicas: aos pesquisadores já não interessava analisar a contribuição dos negros para a construção da nação, mas buscava-se agora compreender, em primeiro lugar, a posição social dos “descendentes dos escravos”. O que estava em questão eram as relações entre negros e brancos. A partir dessa reorientação de enfoque “surgiria”, finalmente, o tema da discriminação racial como um objeto de análises científicas. (HOFBAUER, 2011, p. 16)

Desde então, a desigualdade racial entre brancos e negros tornou-se um problema social e revelou que o discurso da democracia racial era um mito que difundia falsas ideias de igualdade. Para Hasenbalg (2005, p. 247), a suposta “democracia racial” brasileira foi um “produto intelectual das elites dominantes brancas” e era destinado à população (em sua totalidade) para evitar “áreas potenciais de conflito social”.

Para cientistas como Da Matta e Schwarcz, o mito da democracia racial deve ser percebido em um sentido antropológico: “É preciso ‘levar a sério’ os mitos para entendermos por que as pessoas evitam explicitar o conflito, preferindo – em vez de criar ‘identidades fechadas’ – ‘negociar’ suas identidades, de acordo com cada contexto específico” (SCHWARCZ, 1998, p. 236).

Como herança da ideologia da democracia racial temos um falso entendimento de que no Brasil não teríamos preconceito ou discriminação racial e, por isso, haveria oportunidades iguais para brancos e negros em nossa sociedade.

Consequentemente, dentro desse princípio, os não-brancos possuiriam responsabilidade por sua situação de inferioridade. Hasenbalg (2005, p. 251) afirma que “a consequência lógica da negação do preconceito e discriminação é a de trazer para o primeiro plano a capacidade individual dos membros do grupo subordinado como causa de sua posição social, em detrimento da estrutura de relações intergrupais”.

O preconceito racial conta, como suporte para a sua veiculação, o primeiro equipamento básico do homem: seu corpo. Assim, tomando o corpo negro como o portador da informação de uma diferença que desencadeia a expressão do preconceito. As outras dimensões do negro que o constituem como ser humano, sua capacidade intelectual, seu universo moral e sua afetividade, são agregadas a este suporte biológico, já marcadas de antemão pela desqualificação e pela inferiorização. A visibilidade corporal do negro é que anuncia os outros significados discriminatórios que lhe são atribuídos, sempre marcados por um sentido de inferioridade. (LOPES, 2006, p.22)

Apesar dos avanços e dos estudos quanto a temática racial, a cultura brasileira naturalizou de tal forma esta “mistura” das três raças que a constituem, que o preconceito e a violência, presentes nas relações cotidianas, ainda são um desafio a ser enfrentado diariamente. A falácia da democracia racial, resultado de uma construção histórica, herança do período escravocrata e de ideologias incutidas no imaginário nacional, ainda mascara uma sociedade essencialmente racista.

Este racismo, enraizado em nossa cultura, cria fronteiras simbólicas e estabelece uma diferenciação baseada em estereótipos. Segundo Fernandes e Souza (2016, p. 106) “o racismo é assim uma forma de negação ou de mistificação da alteridade da população negra, fixando-a em estereótipos, atribuindo-lhe uma essência de inferioridade e maldade, não reconhecendo suas diferenças”.

Aqui, nos apropriamos dos conceitos de Stuart Hall (1997) para reforçar que as relações étnico-raciais são formadas historicamente mediante a construção de imagens e representações sociais. Essas representações produzem sentidos e consequências, porém, algumas representações ganham maior visibilidade e passam a ser consideradas como expressão da realidade social. Os que não se encaixam nos padrões vistos como “normais” são considerados “desviantes” e excluídos socialmente.

Para a filósofa Judith Butler (2000), a utilização de determinados “marcadores sociais” cria a chamada abjeção social. Se baseados em teorias biológicas errôneas, fazem das marcas corporais elementos através dos quais se podem homogeneizar os sujeitos e naturalizar identidades:

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inabitabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito; ela constitui aquele local de temida identificação contra o qual — e em virtude do qual — o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de direito à autonomia e à vida. Neste sentido, pois, o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, “dentro” do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio. (BUTLER, 2000)

Neste momento, é importante marcar a diferença entre preconceito e racismo e por que adotamos o segundo como a forma de expressão da herança social apresentada até o momento. Conforme os estudos de Lima e Vala (2004, p. 402), o preconceito configura-se em uma atitude hostil contra um indivíduo pelo simples fato do mesmo pertencer a um grupo considerado inferior socialmente. Já o racismo “constitui-se num processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social [...] a qual é re-significada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento”, ou seja, “o racismo é uma redução do cultural ao biológico, uma tentativa de fazer o primeiro depender do segundo” (DELACAMPAGNE, 1990 *apud*⁹ GUIMARÃES, 1999, p. 31). O racismo é mais do que atitudes racistas, é um sistema de opressão que vai além de ofensas, ele nega direitos.

No Brasil, as expressões do racismo permanecem veladas pela máscara da democracia racial. Elas assumem várias formas e tipos para definir papéis sociais específicos a determinado grupo. Segundo Lima e Vala (2004), frente aos princípios

⁹ DELACAMPAGNE, Christian. "Racism and the West: from praxis to logos". In: David Theo Goldberg, org. **Anatomy of racism**. University of Minnesota Press, 1990, pp. 85-6

da legislação anti-racista¹⁰ e da democracia, percebe-se que as pessoas começam a expressar seu racismo de forma mais velada.

Em decorrência da história do país, das ideologias do branqueamento e da democracia racial no Brasil, o país tem uma forma de expressão do racismo que difere dos demais. Turra e Venturi (1995 *apud*¹¹ LIMA E VALA, 2004, p. 407) desenvolveram um estudo que identificou o racismo brasileiro como um “racismo cordial”, definido como:

[...] uma forma de discriminação contra os cidadãos não brancos (negros e mulatos), que se caracteriza por uma polidez superficial que reveste atitudes e comportamentos discriminatórios, que se expressam ao nível das relações interpessoais através de piadas, ditos populares e brincadeiras de cunho “racial”.

Durante o estudo de Turra e Venturi (1995), foi feita uma pergunta a uma amostra representativa da população brasileira e constatou-se que “apesar de 89% da amostra afirmar que existe racismo no Brasil, apenas 10% admitem ser racistas”, porém, ao aprofundar o tema com perguntas como “Você concorda com a afirmativa: Negro, quando não faz besteira na entrada, faz na saída?”, verificou-se que mais de 50% da amostra concorda com este tipo de afirmativa (*apud*¹² LIMA E VALA, 2004, p. 407). O que podemos perceber com os resultados deste estudo é que este “racismo à brasileira” não é assim tão cordial. Ao negar a existência da discriminação e da exclusão em decorrência da raça, o preconceito brasileiro torna-se ainda mais perigoso.

É como se o preconceito fosse um vírus latente ou adormecido, que corrói os tecidos sociais com violência discreta quando a norma da igualdade está saliente, mas que, quando encontra uma norma social qualquer que justifique a sua expressão mais virulenta, explode em fanatismo nacionalista ou xenófobo. (LIMA E VALA, 2004, p. 408)

¹⁰ A partir da Constituição de 1988, foi aprovada a proposta que tornou a prática do racismo crime sujeito à pena de prisão, inafiançável e imprescritível no Brasil. Desde então, diversas leis abriram o caminho para o resgate da plena cidadania dos negros e mulatos. O Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa (Gemaa) realizou um levantamento de toda a legislação federal relacionada à luta contra o racismo. As normas incluídas abrangem não apenas artigos constitucionais, mas também decretos, tratados internacionais e outras leis alteradas pelo Estatuto da Igualdade Racial. O material levantado pelo grupo pode ser encontrado neste link: <http://gemaa.iesp.uerj.br/legislacao-anti-racista/>

¹¹ TURRA, C., & VENTURI, G. **Racismo cordial**: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil. São Paulo: Ática, 1995.

¹² Idem.

Neste trabalho, adotamos o termo “racismo” através dessa premissa, percebendo-o como algo além do preconceito racial, mas como uma forma de hierarquização e exclusão em nossa sociedade. Conforme Jessé Souza (2017), essa hierarquização em um primeiro momento pode parecer invisível, mas seus efeitos são muito visíveis. A estereotipação e a suposta superioridade branca, silenciosamente presentes em nosso dia a dia, possuem “enorme eficácia para colonizar a mente e o coração de quem é inferiorizado e oprimido, [...] colonizar o espírito e as ideias de alguém é o primeiro passo para controlar seu corpo e seu bolso” (SOUZA, 2017, p. 22 e 24).

Silvio Almeida (2018) classifica o racismo em três concepções distintas para compreender seus efeitos nas esferas políticas, econômicas e cotidianas. O primeiro é o conceito de *racismo individualista*, que pode ser considerado um fenômeno ético ou psicológico (individual ou coletivo) direcionado a grupos isolados. Nesta esfera o racismo é negado, porque sob este ângulo não existe uma sociedade racista, mas indivíduos que agem isoladamente ou em grupo. Para o autor, “quando se limita o olhar sobre o racismo a aspectos meramente comportamentais, deixa-se de considerar o fato de que as maiores desgraças produzidas pelo racismo foram feitas sob o abrigo da legalidade” (ALMEIDA, 2018, p. 28 e 29).

O segundo conceito é o *racismo institucional*. Nesta esfera o racismo não se manifesta de maneira individual, mas é tratado como resultado do “funcionamento” das instituições. Aqui, o elemento central é o poder e o racismo se manifesta como dominação. Visto que as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais, quem detém o poder utiliza mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e/ou econômicos. De acordo com Almeida (2018, p. 34) “o racismo é um dos modos pelo qual o Estado e as demais instituições estendem o seu poder por toda a sociedade”. Hamilton e Ture (1967 *apud*¹³ ALMEIDA, 2018, p. 35) vão além e definem o racismo institucional como “uma versão peculiar do colonialismo”.

O terceiro conceito é o de *racismo estrutural*. Essa concepção do racismo em nossa sociedade é o que norteará esta pesquisa. Almeida (2018) explica que, para compreendermos e combatermos o racismo precisamos, primeiramente, percebê-lo

¹³ HAMILTON, Charles V.; KWAME, Ture. **Black Power**: politics of liberation in America. Nova York: Random House, 1967.

como algo que está presente em nossa estrutura social. O racismo está incrustado em nossa sociedade nas relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, ou seja, ele não é somente uma patologia social, o racismo é estrutural.

O que queremos enfatizar do ponto de vista teórico é que o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática. Ainda que os indivíduos que cometam atos racistas sejam responsabilizados, o olhar estrutural sobre as relações raciais nos leva a concluir que a responsabilização jurídica não é suficiente para que a sociedade deixe de ser uma máquina produtora de desigualdade racial. (ALMEIDA, 2018, p.39)

É precisamente por essa visão de uma sociedade constitutiva e estruturalmente racista que precisamos aceitar que o presente não se explica sem o passado. A escravidão foi muito mais do que um período de nossa história, ela deixou como herança marcas sociais profundas e com consequências duradouras. Para Jessé Souza (2017, p.9), precisamos compreender a escravidão como conceito e “perceber como ela cria uma singularidade excludente e perversa”, precisamos compreender como seus efeitos perpetuam um padrão histórico que se repete nas expressões do racismo moderno.

2.5 Interseccionalidade

Consideramos que a identidade é um constructo complexo que resulta da inter-relação de diversos marcadores, como etnia, classe social, gênero e idade, entre outros. Por isso, adotamos a perspectiva da interseccionalidade para guiar essa pesquisa. Este conceito vem sendo empregado por ativistas e acadêmicos para expor que diferentes formas de injustiça – motivadas por gênero, raça, classe, religião etc. – podem estar empiricamente entrelaçadas. Múltiplas dinâmicas de opressão, quando imbricadas, tornam seus alvos mais vulneráveis e produzem contranarrativas e ressignificações que precisam ser consideradas ao pensarmos esses discursos.

O conceito de interseccionalidade foi cunhado pela professora de Direito, pesquisadora, ativista dos direitos civis e do feminismo, a estadunidense Kimberlé Crenshaw. Durante uma palestra no painel TEDWomen em 2016, a autora

descreveu a experiência que culminou no desenvolvimento do conceito: em 1976, uma mulher negra, mãe, esposa e trabalhadora chamada Emma DeGraffenreid candidatou-se a uma vaga de emprego em uma fábrica da General Motors. Ela e diversas outras mulheres afro-americanas não conseguiram a vaga. Percebendo a semelhança dos casos, DeGraffenreid decidiu entrar com uma petição judicial contra a empresa. O juiz que avaliou o caso se recusou a aceitar a alegação de discriminação de raça e gênero, argumentando que o empregador contratava mulheres e afro-americanos.

Neste momento da palestra, Crenshaw apresenta a argumentação que embasa seu conceito de interseccionalidade: “é preciso reconhecer que muitos dos problemas de justiça social, como racismo e sexismo, frequentemente se sobrepõem, criando múltiplos níveis de injustiça social” (CRENSHAW, 2016). Em sua avaliação, o que o juiz deixou de perceber (ou não estava disposto a reconhecer) era que todos os afro-americanos contratados eram homens e todas as mulheres contratadas eram brancas; para Crenshaw, o tribunal falhou em perceber que as duas dinâmicas de opressão atuavam juntas. Para Corrêa et al. (2018):

A autora [Crenshaw] argumenta que, ao abordar as questões sociais sob um único eixo de opressão, as análises acabam por focar nos sujeitos que se encontram vitimados por apenas uma dessas categorias e privilegiados pelas demais – como no caso das análises e pesquisas que se orientam apenas pelo viés de gênero, sem considerar as diferenciações de raça, classe, letramento, orientação sexual etc. A interseccionalidade se apresenta, então, como um caminho para tornar esses estudos e práticas mais inclusivos, considerando como os outros fatores se combinam, ampliam e modificam as dinâmicas sociais. (CORRÊA et al. 2018, p. 161)

Partindo especificamente do caso apresentado por Crenshaw, podemos perceber que a condição da mulher negra é resultado de uma dupla opressão: raça e gênero, por conseguinte, suas vivências são muito particulares e precisam ser tratadas de forma individual. Para entender a complexidade deste grupo é necessário compreender que as interconexões entre estas opressões se sobrepõem e se influenciam mutuamente. Segundo Rodrigues (2013, p.10), a interseccionalidade é necessária nos estudos atuais de raça e gênero porque abrange todas as questões fundamentais e “por suas características de

maleabilidade e ambiguidade teórica fornece um campo aberto de novas possibilidades de pesquisa e intervenção”.

Para compreendermos melhor a interseccionalidade, recorreremos ao artigo “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex”, de 1989, no qual Crenshaw apresenta o conceito da forma como o concebeu, comparando-o com as intersecções de um cruzamento:

A discriminação, assim como o tráfego de veículos em um cruzamento [intersection, em inglês], pode fluir em uma direção ou em outra. Se um acidente acontece no cruzamento, ele pode ter sido causado por carros vindos de várias direções e, às vezes, por carros que vêm de todas as direções. De forma semelhante, se uma mulher negra sofreu uma injustiça porque ela está no cruzamento, a injúria cometida contra ela pode resultar da discriminação sexual ou da discriminação racial. (CRENSHAW, 1989, p. 149, tradução nossa¹⁴)

Os estudos de Crenshaw (2004) determinam que, quando diferentes categorias sociais e biológicas, como sexo, gênero, raça, sexualidade, religião e classe se intersectam e interagem nestes cruzamentos, geram um sistema de opressão que revela a intersecção de múltiplas formas de discriminação. Para a autora, a interseccionalidade é um mecanismo que pode vir a auxiliar instituições para que trabalhem em conjunto estas diversas discriminações, garantindo que “sejam consideradas mutuamente e não de maneira excludente”, uma vez que, em vez de grupos distintos de pessoas, a interseccionalidade sugere que pensemos em grupos sobrepostos (CRENSHAW, 2004, p. 8).

Todas as pessoas sabem que têm tanto uma raça quanto um gênero, todas sabem que têm experiências de interseccionalidade. No entanto, as leis e as políticas nem sempre prevêm que somos, ao mesmo tempo, mulheres e negras. Por essa razão, esse projeto procura estabelecer uma ponte entre o que é vivenciado na prática e como uma política pública prevê esses problemas. Uma das razões pelas quais a interseccionalidade constitui um desafio é que, francamente, ela aborda diferenças dentro da diferença. (CRENSHAW, 2004, p.9)

Para Collins (2017), apesar do foco inicial dos estudos interseccionais serem as mulheres negras, esta metodologia não deve ser vista como um projeto

¹⁴ No original: Discrimination, like traffic through an intersection, may flow in one direction, and it may flow in another. If an accident happens in an intersection, it can be caused by cars traveling from any number of directions and, sometimes, from all of them. Similarly, if a Black woman is harmed because she is in the intersection, her injury could result from sex discrimination or race discrimination.

exclusivamente feminista: “A interseccionalidade é muito mais ampla que isso. Na academia norte-americana, os ganhos dos estudos de raça / classe / gênero e interseccionalidade têm sido substanciais” (COLLINS, 2017, p. 13). O que Crenshaw atinge com sua proposta feminista é partir de uma visão individual para pensar no coletivo e repensar a estrutura da sociedade como um todo.

É importante esclarecer que a abordagem interseccional sobre o racismo não pressupõe uma soma de preconceitos contra um sujeito, mas sim, uma análise dos vários significados impostos a este sujeito por uma sociedade estruturalmente racista. Akotirene (2018, p. 39) elucida esta diferenciação:

Mulher + negra + nordestina + trabalhadora + travesti + gorda, segundo a metodologia de Patricia Hill Collins, trata-se de visão interseccional inválida ao projeto feminista negro. A interseccionalidade impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade. Por sua vez a identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações, mesmo que nem todas, contextualmente, estejam explicitadas.

A interseccionalidade se apresenta como um caminho para tornar estudos e práticas mais inclusivos e complexos. As intervenções políticas e sociais, e nestas incluso o jornalismo, devem considerar esse entrelaçamento de várias estruturas de opressão e desigualdades e ter como base suas intersecções, o que permitirá criticidade política mais ampla e compreenderá a fluidez dos preconceitos impostos pelo racismo estrutural.

3. JORNALISMO, DISCURSO E ACONTECIMENTO

Em virtude da importância que o jornalismo¹⁵ possui na sociedade, é imprescindível que façamos uma reflexão sobre seu papel na representação da vida cotidiana, sobretudo, sua atuação como difusor de informação no sistema social. A atividade jornalística sofreu diversas transformações, em especial no século XXI, com o surgimento de novas tecnologias. No entanto, seu papel primordial - o de construção da cidadania (KOVACH e ROSENSTIEL, 2001) - não foi alterado.

A palavra jornalismo significa, hoje, todas as formas nas quais e pelas quais as notícias e seus comentários chegam ao público. Todos os acontecimentos mundiais, desde que interessem ao público, e todo o pensamento, ação e ideias que esses acontecimentos estimulam, constituem o material básico para o jornalista. (BOND 1962 *apud*¹⁶ LAGO, 2014, p. 174)

Algumas experiências históricas marcaram a constituição da atividade jornalística, sendo a profissionalização e a definição do objeto notícia os principais pontos desta evolução. Segundo Franciscato (2005, p. 169), “a emergência do repórter como profissão com características e práticas próprias [...] e o crescente assalariamento dos repórteres contratados por empresas jornalísticas [...] contribuíram para a definição de regras de procedimento na atividade”.

Ainda de acordo com Franciscato (2005, p. 171), “outro aspecto que dá forma e substancialidade ao jornalismo em seu processo de constituição histórica é uma melhor e mais precisa caracterização do seu principal objeto produzido, a notícia”. A compreensão desse objeto ganhou mais precisão quando pesquisadores começaram a questionar: o que torna algo uma notícia? Quais recursos os jornalistas utilizam para reconhecer e selecionar estes eventos? Daí surgiram os critérios de noticiabilidade, “expressão empregada para delinear um conjunto de referências estáveis na rotina jornalística de trabalho que, analisadas em sua

¹⁵ Para facilitar o entendimento, destacamos que nesta pesquisa utilizaremos os conceitos de Franciscato (2005, p. 166) para a aplicação do termo “jornalismo”. Na concepção do autor este seria o *conjunto ou globalidade de um fenômeno específico que compreende*: primeiro, a instituição jornalística (aspectos coletivos e organizacionais); segundo, a atividade jornalística (conjunto das práticas e das normas, valores e conhecimentos).

¹⁶ BOND, Fraser F. **Introdução ao Jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1962.

regularidade, revelariam a noticiabilidade de um evento” (FRANCISCATO, 2005, p. 171).

Ao longo deste capítulo discutiremos estes critérios e suas formas de seleção. Em concordância com Traquina (2000), consideramos que, ao utilizar-se dos critérios de noticiabilidade e ao selecionar e veicular as notícias, o jornalismo direciona as pessoas para o que devem pensar, debater e considerar relevante. Embora a efetividade desse direcionamento dependa do leitor, é bastante provável, devido à repetição, que a forma como estes conteúdos são absorvidos por quem os consome se assemelhe à forma como esses temas são hierarquizados pelos meios.

Assim como Benetti e Freitas (2017, p. 11), acreditamos que, “atento à diversidade social, é pela potencialidade de narrar os fenômenos percebidos, reconstituindo-os de modo singular em seus textos, que o jornalismo nos permite conhecer o meio em que vivemos e as pessoas que o habitam”. Esta relação da vida com o texto é o que torna o jornalismo tão importante nas comunidades, visto que é através dele que as sociedades democráticas percebem o mundo e baseiam seus conhecimentos sobre a diversidade social.

Buscaremos apresentar neste capítulo a importância da multiplicidade de discursos e o combate a preconceitos através do jornalismo.

3.1 Papel social do jornalismo

A atividade jornalística possui papel determinante nas sociedades democráticas por contribuir para a cidadania e participar ativamente da construção das comunidades. O jornalismo possibilita a criação de uma linguagem e conhecimentos comuns, sempre embasado na realidade, assim, ele pode auxiliar na identificação dos objetivos, dos heróis e dos vilões através das notícias (KOVACH e ROSENSTIEL, 2001).

Para refletirmos sobre o papel do jornalismo nas sociedades é imprescindível pensarmos na sua relação com as estruturas sociais e como ele pode colaborar para o surgimento de uma sociedade menos desigual. Desde as declarações da Primeira Emenda norte-americana, à imprensa são reservadas as funções de dar voz à opinião pública, ser os olhos e os ouvidos dos cidadãos no cenário político e ser

vigilante quando sinais de corrupção ou desvio de conduta são identificados (FERREIRA, 2011). Sendo assim, pode-se admitir que a base do jornalismo está em manter os cidadãos bem informados para serem politicamente ativos.

Foi numa fase mais recente, com maior incidência no último quartel do século passado, que os próprios jornalistas passaram a reivindicar a importância crucial do seu trabalho para o bem comum – a importância da liberdade de expressão em sociedades que se reivindicavam como sociedades liberais mostrava como óbvia a importância do jornalismo para a democracia. (FERREIRA, 2011, P. 81)

Vale ressaltar que “a democracia não produz necessariamente jornalismo nem o jornalismo produz necessariamente democracia” (SCHUDSON, 2008, p.12), mas, nas sociedades democráticas, a atividade estará presente, desenvolvendo um “conjunto de funções com potencial para contribuir para a sua estabilização e aprofundamento” (FERREIRA, 2011, P. 82).

Para Moretzsohn (2007 *apud*¹⁷ REGINATO, 2016, p. 51), o jornalismo possui um “papel iluminista de desvelamento e esclarecimento da complexidade dos fatos, e que assim pode formar conhecimento que permita certa autonomia aos sujeitos no exercício e no fortalecimento da democracia”.

Este processo de produção de informações, supostamente de responsabilidade do jornalismo nas sociedades democráticas, é o que contribui para seu papel de “construtor da cidadania”. Para Travancas (1993 *apud*¹⁸ REGINATO, 2016, p. 42): “não há cidadão sem conhecimento, é este que torna o indivíduo um cidadão, na medida em que as informações lhe possibilitam escolhas, avaliações e participação na sociedade. Sem isso, sua atuação ficaria restrita ou seria inexistente”.

Em tempos de grandes avanços tecnológicos, o jornalismo vem tentando manter esse papel de destaque na veiculação de informações em um mundo onde cada vez mais pessoas, de todas as idades, já não concebem a sua vida sem a internet ou as redes sociais. O surgimento de um jornalismo mais tecnológico e voltado cada vez mais para os interesses organizacionais pode estar afastando a atividade do seu papel primordial.

¹⁷ MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

¹⁸ TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.

Apesar das diversas transformações pelas quais o jornalismo passou, ele segue calcado na evidenciação de fatos, buscando revelar, da forma mais fiel possível, os acontecimentos que permeiam a sociedade. Para Kovach e Rosenstiel (2001), inserido neste processo está o “novo jornalista” que, diferente de seus predecessores, agora não decide o que o público deve saber, mas auxilia na ordenação do que é apresentado.

Os autores explanam que ao longo dos últimos três séculos se desenvolveu um código de princípios e valores do jornalismo, que mesmo não escrito, determina, a missão de transmitir conhecimento indireto para as pessoas formarem as suas opiniões de mundo. Dentro desses princípios o mais importante seria o compromisso com a verdade. Para Kovach e Rosenstiel (2001, p. 37): “a verdade cria um sentimento de segurança que resulta do conhecimento e que reside na essência das notícias”.

Em sociedades onde o grosso da população não tem acesso directo nem poder sobre as decisões centrais que afetam as suas vidas, onde a política oficial e opinião estão concentradas e a opinião popular está dispersa, os *media* desempenham um papel de ligação e de mediação crítica na formação da opinião pública e na orquestração dessa opinião com as acções e perspectivas dos poderosos. Os *media* não só possuem um quase monopólio do “conhecimento social”, como fonte primária de informação daquilo que acontece - também dirigem a passagem entre aqueles que estão “no saber” e a ignorância estruturada do público em geral. (HALL et al, 1993, p. 234, grifos dos autores)

Visto seu papel como formador da opinião pública, o jornalismo possui a obrigação moral de revelar a diversidade social (LAGO, 2014) e as diferenças estruturais da sociedade. Fontcuberta (1993 *apud*¹⁹ REGINATO, 2016, p. 41) considera que a informação é uma condição básica para uma sociedade livre:

Os meios de comunicação se converteram nos principais impulsores da circulação de conhecimentos. O cidadão da civilização atual convive com eles e os tem como ponto fundamental de referência. As pessoas falam do que falam a televisão, o rádio e a imprensa, e ignoram os acontecimentos que ocorreram mais além dos arredores, que não mereceram a qualificação de interesse jornalístico.

¹⁹ FONTCUBERTA, Mar de. **La noticia**: pistas para percibir el mundo. Barcelona: Paidós, 1993.

Para Rodrigues (1993, p. 32), ao dedicar um tempo de nosso cotidiano ao jornalismo, partimos do pressuposto de que “o jornalista é digno de confiança e nos relata aquilo que efectivamente aconteceu”, ou seja, tendemos a acreditar na sua palavra pelo fato de serem jornalistas.

Esta legitimidade social que a instituição jornalística conquistou para realizar um relato fiel das ocorrências cotidianas torna-se um alicerce ao mesmo tempo essencial e estável, pois é cotidianamente colocada em questão quando, a cada edição do jornal ou veiculação de programa telejornalístico, o indivíduo, ao exercer a sua condição de cidadão ou de mero consumidor, opta por renovar este vínculo. (FRANCISCATO, 2005, p. 172)

O jornalismo produz o imaginário que tende a alicerçar a sociedade. Dentre suas muitas funções, percebe-se a predominância da sua pretensão de expor a verdade. Kovach e Rosenstiel (2001) lembram que a verdade, para o jornalismo, é processual ou funcional, ou seja, ela é construída à medida que a apuração vai acontecendo e novos fatos vão sendo revelados. É uma verdade que vai se modificando enquanto houver jornalistas trabalhando sobre os acontecimentos em questão.

De acordo com Lago (2014) a informação deve ser o mais fiel possível à realidade, para não favorecer determinados grupos sociais: “o produto jornalístico deve, de alguma forma, oferecer um quadro amplo e não distorcido sobre o que acontece” (LAGO, 2014, p. 173). Para a autora esta obrigação moral do jornalismo com a multiplicidade de opiniões na sociedade deveria ser mais aprofundada e mais bem explorada, visto que a ideia de pluralismo deve ser mais do que apresentar diferentes pontos de vista sobre um determinado tema, ele “implica contemplar e incorporar o Outro” (LAGO, 2014, p. 176).

[...] impera no jornalismo um acordo tácito, envolvendo tanto empresas quanto jornalistas, que apaga da cena tudo aquilo que não pode ser compreendido pela lente do Mesmo. Falta ao jornalismo, de modo geral, um olhar inclusivo. Um contaminar pela possibilidade de entender e acolher visões de mundo radicalmente diferentes daquelas fruto das projeções sobre o público ideal (as camadas médias e alta urbanas). (LAGO, 2014, p. 184)

Por conseguinte, surge um importante questionamento: como apresentar fatos de maneira plural em sociedades cada vez mais globalizadas? Para Stuart Hall

et al (1993, p. 226), por “ocuparmos a mesma sociedade e pertencermos mais ou menos à mesma ‘cultura’ supõe-se que haja, basicamente, uma única perspectiva dos acontecimentos”, o que os autores denominam de “sistema central de valores”. Ao assumir que todos possuem o mesmo ponto de vista sobre os diversos temas noticiados, o jornalismo pode acabar desconsiderando “discrepâncias estruturais importantes” (HALL et al, 1993, p. 226). Os diversos enquadramentos possíveis para um acontecimento jornalístico precisam considerar as diferenças sociais para evitar a reprodução de discursos hegemônicos que atingirão somente uma parcela de leitores.

3.2 Discurso jornalístico

Neste momento buscaremos entender o jornalismo enquanto gênero discursivo e como este assume um papel de mediação, fornecendo um sentido comum para a experiência e a coesão social. Em conformidade com Benetti (2012, p. 1), compreendemos o discurso jornalístico como “uma rede de efeitos de sentidos, com peculiaridades que o inscrevem como um gênero assim reconhecível por quem escreve e por quem lê”.

O discurso não é uma das funções entre outras da instituição midiática; é o seu principal produto e o resultado final do seu funcionamento. A mídia produz discursos como os pintores pintam telas, os músicos compõem músicas, os arquitetos projetam edifícios. É claro que a mídia desempenha também outras funções, mas todas elas têm no discurso o seu objetivo e a sua expressão final. (RODRIGUES, 2002, p. 217)

Para Hagen (2004, p. 40) o discurso jornalístico acontece através da “interação de códigos, vozes e signos” que produzem sentidos entre sujeitos, mediados por um objeto simbólico.

O desafio de quem fala, e mais especificamente no nosso caso, do jornalista, é a respeito dos caminhos que pode escolher para trilhar, mesmo que inconscientemente. Um mesmo discurso pode ser dito de variadas formas, mobilizando inúmeros sentidos e acionando uma gama de interpretações desde o momento em que o sujeito escolhe falar “isso” em vez “daquilo”. (HAGEN, 2004, p. 41)

As questões abordadas por Hagen (2004) revelam a importância da linha editorial do jornal, já que as posições político-sociais assumidas por estes determinam não só o que será publicado, mas como o acontecimento será apresentado para a sociedade. Dependendo da forma de veiculação, existem inúmeras possibilidades de identificação, avaliação e validação destes fatos, como também surgirão diversas formas de percepção e interpretação.

Essas possibilidades de assimilação serão reconhecidas ou não pelo leitor, sujeito de destaque no sistema discursivo jornalístico:

O leitor é um sujeito emaranhado nesta rede de suspensões e retomadas. É este alguém para quem o jornalismo sempre diz e sobre quem o jornalismo às vezes diz. Mas não apenas. O leitor é também alguém que diz, quando o jornalismo assim o permite. Este leitor empírico, este leitor real, se dá a ver quando participa dos espaços de comentários. Nestes espaços, retoma textos de outros lugares, recria sentidos, expressa emoções e afirma valores. (BENETTI, 2012, p. 150)

O leitor, assim como afirma Benetti (2016, p. 239), não está interagindo diretamente com o texto, mas com um determinado sujeito que “não fala com plena liberdade, pois é assujeitado pelas condições históricas materiais, pela ideologia e pela cultura”. Para Orlandi (1993 *apud*²⁰ BENETTI, 2016, p. 238) os leitores podem ser classificados em duas categorias: 1) o *leitor imaginado*, “aquele que o autor imagina para seu texto”, e 2) o *leitor real*, “aquele que lê o texto, se apropria do mesmo”.

O discurso acontece na interação destes sujeitos: o jornalista, que relata algo, e o leitor, que se apropria deste e o traduz em diversos sentidos. De acordo com Benetti (2012, p. 166), “os sentidos potenciais que o jornalismo carrega são apropriados pelo leitor a partir de aspectos que lhe pareçam mais salientes ou contundentes”. A autora aponta duas formas de apropriação pelo leitor deste discurso: a primeira é a *apropriação patêmica*, que é resultado do comportamento reacional do leitor e está ancorada nas emoções e na memória deste; a segunda é a *apropriação moral*, onde o leitor apropria-se do discurso para procurar causas e encontrar culpados e se baseia no imaginário do que é correto e não subversivo. É

²⁰ ORLANDI, Eni. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora UNICAMP, 1993.

importante lembrar que os leitores formam uma audiência ativa que se expressa e produz novos sentidos nos espaços de comentários dos veículos jornalísticos.

Destacamos aqui, dentre as muitas estratégias utilizadas pelos jornalistas na construção dos discursos, a utilização da paráfrase, que é a reiteração de um sentido em enunciados diferentes, o retorno ao mesmo dizer. Para Benetti (2016, p. 242), este retorno ao mesmo pode produzir uma série de “sentidos hegemônicos em certos discursos”. Percebemos que, com a apropriação da paráfrase pelos jornalistas, eles acabam reiterando sentidos que podem acabar sendo tomados como “consensuais”, embora não sejam.

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. (ORLANDI, 2001, p. 36)

Os meios de comunicação são a principal forma de acesso ao mundo pelo sujeito contemporâneo, e o discurso jornalístico assume o papel de mediador da experiência humana. Quando o jornalismo toma como responsabilidade narrar a verdade, ele fornece “uma espécie de retrato do homem - com suas virtudes, deficiências, transgressões e amoralidades” (BENETTI, 2009, p. 296).

Segundo Meditsch (2001 *apud*²¹ FREITAS e BENETTI, 2017, p. 19) o discurso jornalístico é “uma forma de relação social que se estabelece através do uso da linguagem”. Os sentidos são produzidos ao enunciar e ao interpretar. Pela reiteração, a prática discursiva jornalística contribui para formar a opinião pública, o que implica que, dependendo da sua apresentação e interpretação, ela pode atuar para manter ou combater preconceitos e, ao mesmo tempo, marginalizar ou engrandecer pessoas e grupos sociais.

O discurso jornalístico, portanto, antes de ser pensado como a narrativa de eventos descartáveis, deve ser problematizado como um discurso durável composto de inúmeros interdiscursos baseados em imagens arquetípicas. É esse eixo longo que faz do jornalismo um discurso único, insubstituível, repleto de sentidos que vão além dos meros eventos. (BENETTI, 2009, p. 296)

²¹ MEDITSCH, Eduardo. Gêneros de discurso, conhecimento, intersubjetividade, argumentação: ferramentas para uma aproximação à fisiologia normal do jornalismo. **Anais do X Encontro da Compós**, Brasília: Compós, 2001.

Analisar e problematizar o discurso jornalístico, mais do que compreender os muitos sentidos que dele despontam, é também entender para qual sociedade este discurso produz sentido. O campo dos media é responsável por dar visibilidade a vários campos sociais, tais como a política, a economia e a cultura, e o lugar onde se instala esta correlação é o campo do discurso. Considerando a importância do jornalismo para as sociedades democráticas, os veículos devem manter o compromisso ético de retratar a diversidade social e se opor a preconceitos. “O efeito político do bom jornalismo é o fortalecimento da democracia: esta é a sua causa nobre. Por isso o jornalismo é, ou deve ser, ou deve-se esperar que seja, um fator de educação permanente do público - um fator de combate aos preconceitos, sejam eles quais forem” (BUCCI, 2000, *apud*²² REGINATO, 2016, p. 45).

Mesmo que a atividade jornalística esteja inserida em um modelo de negócios que visa o lucro, os jornalistas, em sua maioria, empenham-se em manter os valores históricos do campo, em nome da credibilidade. No entanto, ainda que busque constantemente a difusão da verdade, uma reflexão sobre quem está sendo representado, muitas vezes, é colocada em segundo plano ou nem ocorre. O jornalismo é uma das instituições que produzem o imaginário que tende a se consolidar na sociedade. De certa forma, ele opera nas representações que realiza e sua abordagem do mundo pode determinar uma visão sobre o outro.

É neste contexto que se insere o conceito de alteridade, que “é compreendida aqui como o fenômeno que envolve o *eu* e o *outro* em relação de interdependência do mundo” (FREITAS e BENETTI, 2017, p. 14, grifos nossos). Representar é um processo natural à comunicação humana: o ato de converter objetos, sujeitos e eventos em construções de linguagem está presente em nossa estrutura social diária. No jornalismo, as representações do outro são um desafio, visto sua natureza de representar através da linguagem uma recriação da realidade. Compreender o seu lugar de fala e colocar-se no lugar do outro no momento de construção das histórias deveria ser uma atividade constante no jornalismo, como forma de compreender outras realidades e descrever grupos distintos.

Conforme Freitas (2017, p.19): “[...] a percepção do mundo e de tudo que nele se manifesta é conformada pelas nossas experiências individuais e coletivas, assim

²² BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

como pela descrição e pela interpretação que fazemos dos fenômenos percebidos [...]”, em vista disso, a representação jornalística está atrelada a visão de mundo dos profissionais que diariamente descrevem o outro e seus acontecimentos. O reconhecimento dessa posição de poder do repórter para deslocar-se e colocar-se no lugar de quem é, por exemplo, vítima de racismo, mostraria que a alteridade é uma importante ferramenta para não transformar a diferença em desigualdade (VEIGA, 2010).

Refletir quanto às diferenças sobre o outro que irá ser representado é importante para que os jornalistas sejam capazes de se colocar no lugar do outro, em uma relação baseada no diálogo e na valorização das diferenças existentes.

A alteridade só é possível quando o ser humano é capaz de se colocar no lugar do outro, quando divide uma mesma cultura, um mesmo imaginário. Sempre há um olhar voltado para o interior – eu – e outro para o exterior – tu –, e é justamente nessa reversibilidade que o dizer se estabelece, em que o “eu” e o “tu” podem trocar de lugar, imaginando-se um na posição do outro (HAGEN, 2004, p. 47).

Perceber o outro sem reducionismos e estereótipos é adotar um olhar inclusivo (LAGO, 2014) para articular o mundo da vida com o mundo do texto por meio de um discurso que elimine pré-conceitos e que não exclua ou dê preferência a determinados grupos.

3.3 Acontecimento jornalístico

Ao informar através de textos, os jornalistas utilizam procedimentos internos para classificar e selecionar informações, o que significa dar forma ideológica e cultural aos fatos noticiados. Por conseguinte, é importante abordarmos o acontecimento jornalístico - o fato que ganhou status de notícia, como forma de compreender suas imbricações na construção simbólica e social das sociedades.

Apropriamos-nos aqui da definição de Rodrigues (1993, p. 27), segundo o qual “[...] o acontecimento jornalístico é um acontecimento de natureza especial, distinguindo-se do número indeterminado dos acontecimentos possíveis em função de uma classificação ou de uma ordem ditada pela lei das probabilidades”. Para o autor o acontecimento jornalístico não é qualquer acontecimento.

Então o que faz com que um determinado assunto, dentre uma infinidade de tantos outros, ganhe o estatuto de acontecimento jornalístico? Para Fonseca, as notícias que viram acontecimento “têm em comum a condição de eventos com caráter de atualidade, veracidade e impacto” (FONSECA, 2010, p. 168).

O acontecimento é definido ora como todo o fenômeno que se produz no mundo, ora de maneira restritiva como todo fato que está fora da ordem habitual. Ora o acontecimento é confundido com novidade, ora ele se distancia dela, sem que se defina a diferença. Ora defende-se a ideia de que o acontecimento é um dado da natureza, ora sustenta-se que ele é provocado (CHARAUDEAU, 2007, *apud*²³ FONSECA, 2010, p. 170)

O jornalismo possui o papel de mediador, transformando este acontecimento em texto e transmitindo-o através de práticas e códigos profissionais. Para Hagen (2004, p. 34) o acontecimento “é o momento primordial da criação jornalística, o marco zero da significação²⁴”. Por seu caráter especial, o acontecimento jornalístico se distingue de outros por sua importância, que é medida através de uma escala de notabilidade.

Os veículos jornalísticos buscam direcionar as pessoas para o que devem pensar, debater e considerar relevante, dando aos meios um forte poder de agendamento (TRAQUINA, 2000). Para Posada (1992 *apud*²⁵ HAGEN, 2004, p. 51), “[...] a forma como os indivíduos hierarquizam e dão importância a certos acontecimentos públicos é similar à forma como esses mesmos aspectos da realidade são hierarquizados pelos meios”.

Bourdieu (1997 *apud*²⁶ TRAQUINA, 2002, p.186, grifos do autor) diz que “os jornalistas têm os seus óculos particulares através dos quais vêem certas coisas e não outras, e vêem de uma certa maneira as coisas que vêem. Operam uma *seleção* e uma *construção* daquilo que é selecionado”.

Para compreender esta problemática é fundamental entender o conceito de valor-notícia. Segundo Traquina (2002, p. 203) estes “são um elemento básico da cultura jornalística, partilhado pelos membros desta comunidade interpretativa.

²³ CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

²⁴ Aqui o autor retoma a expressão utilizada por Rodrigues (1993).

²⁵ POSADA, Ana Maria Lalinde. La Noticia: construcción de la realidad. In: LIERRE, Beatriz Solis. (coord.) **Las industrias culturales: comunicación, identidad, e integración latinoamericana II**. México: Opcion, 1992.

²⁶ BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Servem de óculos para ver o mundo e para o construir”. De acordo com Wolf (2003), é “um conjunto de critérios, de relevância que definem a noticiabilidade [...] de cada acontecimento, isto é, a sua aptidão para ser transformado em notícia”.

Traquina (2002) coloca como ponto crucial, para melhor distinguir o termo, a classificação entre valor-notícia de seleção e valor-notícia de construção. O primeiro são os critérios que os jornalistas utilizam na seleção dos acontecimentos, ou seja, o que torna esse acontecimento notícia e não outro. Já os valores-notícia de construção são as qualidades da sua construção como notícia, a definição do que deve ser realçado ou omitido na narrativa.

Os valores-notícia de seleção são divididos em dois grupos: os critérios substantivos – que definem o acontecimento como notícia por sua importância ou interesse – e os critérios contextuais – que são referentes ao contexto de produção da notícia. Muitos aspectos são considerados consenso na comunidade jornalística no momento de decisão do acontecimento que será noticiado, tais como: a morte, a notoriedade de quem está se falando, a novidade e a notabilidade, entre outros.

Traquina (2002) alerta para o fato de que o valor-notícia da notabilidade evidencia que a atividade jornalística está voltada para a cobertura dos acontecimentos, de forma episódica, e não tanto para as problemáticas. Para Tuchman (1978 *apud*²⁷ TRAQUINA, 2002, p. 191) “os acontecimentos estão concretamente enleados na ‘teia de facticidade’ [...] do tradicional *lead* noticioso. As problemáticas não estão. Os acontecimentos são concretos, delimitados no tempo, e mais facilmente observáveis”.

Rodrigues (1993, p. 27) lembra que, “quanto menos provável [o fato] for, mais probabilidades tem de se tornar notícia e de integrar assim o discurso jornalístico”. Isso significa que o acontecimento muitas vezes vem perturbar o que se costuma tomar como “normalidade”. Significa também que ele provoca repercussão e pode gerar desdobramentos na vida cotidiana das pessoas. Como diz Queré (2005), o acontecimento tem um grande poder hermenêutico, ou seja, ele produz sentidos que permitem interpretar e conhecer o mundo, pois pode acionar o debate sobre um “campo problemático”.

²⁷ TUCHMAN, Gaye. **Making News: A Study in the Construction of Reality**. New York: Free Press, 1978.

Berger e Tavares (2010) fazem uma revisão dos autores que conceituam e classificam o acontecimento. A distinção mais básica classifica os acontecimentos como imprevistos ou previstos. Entre os previstos, Charaudeau (2007 *apud*²⁸ Berger e Tavares, 2010) percebe dois tipos de acontecimento: o *programado* (cuja ocorrência é anunciada antecipadamente) e o *suscitado* (aquele produzido por um grupo social para virar notícia). O caso que analisamos neste trabalho pode ser caracterizado como um acontecimento *previsto programado*, cujos desdobramentos não estavam previstos e geraram novos acontecimentos. Como diz Henn (2013, p. 37, grifo nosso), “o acontecimento [...] é um conjunto de condições iniciais que *dispara possíveis processos*”.

Henn (2013) propõe o conceito de ciberacontecimento, cuja processualidade se dá em rede e na qual o sistema jornalístico está conectado ao sistema das mídias sociais. O autor recupera Recuero (2012 *apud*²⁹ HENN, 2013) para afirmar que os sites de redes sociais estabelecem uma conversação em rede, que se espalha por outros espaços - incluindo, em certas situações, o campo jornalístico. “Nesse sentido, defendo que as redes sociais na internet são mais do que espaços de sociabilidade: são lugares profícuos para a eclosão de acontecimentos” (HENN, 2013, p. 40).

A dinâmica instituída pelo ciberacontecimento impõe ao discurso jornalístico a necessidade de lidar com uma série de outros lugares de enunciação: “[...] os sentidos ofertados pelo jornalismo são rapidamente confrontados com outras possibilidades de enquadramento com manifestações múltiplas de usuários das redes que abarcam fontes, usuários, especialistas, leigos, enfim, um universo complexo de atores que se interconectam” (HENN, 2013, p. 43).

Essa tensão de sentidos também se relaciona ao desenvolvimento do acontecimento, debatido por Arquembourg (2005, p. 111-112):

²⁸ CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

²⁹ RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

Há o tempo de emergência de uma ocorrência e aquele em que as narrativas dos atores, das testemunhas e dos media nos dão, dele, uma primeira definição. Há o tempo da controvérsia, durante o qual os atores podem questionar as primeiras definições para tentarem apropriar-se do sentido do acontecimento ou obrigar outros actores a desligarem-se desse sentido. Há o tempo de emergência das consequências suscetíveis de reorientar a controvérsia. Há os momentos em que irrompem outros acontecimentos à luz dos quais se pode proceder a uma releitura do primeiro. Há, enfim, o tempo da recordação e aquele em que a história pode proporcionar um retorno ao acontecimento passado. Em cada uma dessas etapas, e em função das narrativas produzidas a seu respeito, o acontecimento muda de aspecto.

Todas essas etapas do acontecimento podem ser observadas em nosso objeto empírico: a emergência da ocorrência, a controvérsia, as consequências que reorientam a controvérsia, a emergência de novos acontecimentos e a recordação.

4. O ACONTECIMENTO DONATA MEIRELLES

Os acontecimentos jornalísticos não são apenas o relato de fatos, eles reverberam temas, situações e despertam a atenção pública. Neste trabalho, analisaremos um acontecimento jornalístico que inicia com um debate nas redes sociais. Configura-se como um ciberacontecimento, colocando em constante relação os veículos jornalísticos e os sites de redes sociais. Também aciona o campo problemático do racismo e permite a análise dos diversos posicionamentos dos sujeitos que tecem o discurso: veículos, celebridades, leitores e seguidores.

A imagem da festa³⁰ de aniversário, em Salvador, da então diretora de estilo da revista Vogue Brasil, Donata Meirelles, publicada em seu perfil no Instagram³¹ no dia 8 de fevereiro de 2019, causou polêmica e tornou-se acontecimento jornalístico já no dia seguinte. Na foto (Figura 1), Donata está sentada em uma cadeira de vime branca, entre duas mulheres negras de trajes brancos.

Figura 1 - Donata sentada à cadeira e as baianas



Fonte: Instagram

³⁰ Antes disso, a festa dos 50 anos de Donata fora noticiada apenas pelo jornal Correio, em 24 de janeiro (“Aniversário de Donata Meirelles em Salvador terá show de Ivete Sangalo”) e 7 de fevereiro (“Cidade cheia para as três festas de aniversário de Donata Meirelles”).

³¹ Donata Meirelles tem 457 mil seguidores no Instagram.

A foto não foi bem aceita e diversos usuários das redes reagiram ao que aparentava ser uma celebração imagética da escravidão. A reação negativa baseou-se na interpretação de que a festa teria como tema o “Brasil Colonial”, período entre os séculos XVI e XIX, em que o território brasileiro era uma colônia do império ultramarino português e a principal mão-de-obra eram os escravos africanos.

No sábado, 9 de fevereiro, portais de notícias abordaram a polêmica, como o jornal O Povo (Figura 2), a revista Veja São Paulo (Figura 3) e o Bahia Notícias (Figura 4).

Figura 2 - Matéria do jornal O Povo Online



Fonte: Jornal O Povo

Figura 3 - Matéria da revista Veja São Paulo

Donata Meirelles é criticada por festa com negras fantasiadas

No sábado (9), a empresária pediu desculpas em suas redes sociais e esclareceu a escolha do cenário e das roupas

Por Redação VEJA São Paulo
© 9 fev 2019, 18h21 - Publicado em 9 fev 2019, 16h44



Fonte: Revista Veja São Paulo

Figura 4 - Matéria do portal Bahia Notícias

Sábado, 09 de Fevereiro de 2019 - 13:40

Diretora da Vogue causa polêmica por festa em Salvador com negras 'vestidas de escravas'

por Júnior Moreira Bordalo



Foto: Reprodução / Instagram

A diretora da Vogue Brasil, Donata Meirelles, decidiu comemorar seu aniversário de 50 anos em Salvador. Os festejos durarão todo o final de semana, porém o pontapé está rendendo polêmica nas redes sociais. Isso porque, ela promoveu um jantar nesta sexta-feira (08), no Palácio da Aclamação, no Campo Grande, em que o tema - pelo que se observa nas fotos divulgadas - foi algo em torno do "Brasil Colônia". Para isso,

Fonte: Bahia Notícias

O espaço de comentários de leitores também é ocupado pelo debate sobre o significado da imagem e a existência ou não de racismo (Figura 5).

Figura 5 - Comentários do portal Bahia Notícias

Aviso: Os comentários são de responsabilidade dos autores e não representam a opinião do Bahia Notícias. É vetada a postagem de conteúdos que violem a lei e/ ou direitos de terceiros. Comentários postados que não respeitem os critérios podem ser removidos sem prévia notificação.

15 comentários Classificar por **Mais antigos** ▾

 Adicione um comentário...

 **Dermeval Araújo**
Querendo tapar o sol com peneiral Bahia é o estado brasileiro onde mais predomina o preconceito, infelizmente é essa a realidade. partin pa até do próprio negro, em minhas andanças pelo interior e capital sempre ouvir piadas e mazelas o que é lamentável, seja por brincadeiras ou mesmo realidade o que é uma falta de respeito com o ser humano não interessa a cor da pele.
Curtir · Responder · 10 · 16 sem

 **Marcelo Abdul**
Na Bahia? Putz;
Curtir · Responder · 15 sem

Fonte: Bahia Notícias

Ainda no dia 9 de fevereiro, a aniversariante prestou esclarecimentos sobre a festa. Em uma postagem no Instagram (Figura 6), ela explica que as mulheres de branco eram quituteiras baianas em seu traje tradicional e não representavam escravas. Disse também que o trono era uma cadeira de candomblé.

Figura 6 - Pedido de desculpas de Donata



Fonte: Instagram

Esta é a íntegra do texto de Donata:

Ontem comemorei meus 50 anos em Salvador, cidade de meu marido e que tanto amo. Não era uma festa temática. Como era sexta-feira e a festa foi na Bahia, muitos convidados e o receptivo estavam de branco, como reza a tradição. Mas vale também esclarecer: nas fotos publicadas, a cadeira não era uma cadeira de Sinhá, e sim de candomblé, e as roupas não eram de mucama, mas trajes de baiana de festa. Ainda assim, se causamos uma impressão diferente dessa, peço desculpas. Respeito a Bahia, sua cultura e suas tradições, assim como as baianas, que são Patrimônio Imaterial desta terra que também considero minha e que recebem com tanto carinho os visitantes no aeroporto, nas ruas e nas festas. Mas, como dizia Juscelino, com erro não há compromisso e, como diz o samba, perdão foi feito para pedir. (MEIRELLES no Instagram em 9 de fevereiro de 2019³²).

Apesar do pedido de desculpas e da tentativa de justificativa da imagem, bastaram algumas centenas de comentários e a manchete de alguns jornais para que o caso tomasse conta do debate público.

³² Até o dia 2 de junho de 2019, a postagem recebera 32.987 curtidas e 13.839 comentários.

O acontecimento teve tanta repercussão, que diversos artistas e personalidades nacionais e internacionais comentaram sobre ele. No dia 9, a antropóloga e historiadora Lilia Moritz Schwarcz expressou sua indignação nas redes sociais (Figura 7) e teceu alguns questionamentos, principalmente sobre o racismo estrutural na sociedade brasileira:

Eu sinceramente não sei o que está acontecendo conosco! Não se trata de acusar uma pessoa, criar um “bode expiatório” e jogar todas as culpas no colo alheio. Mas alguém me explique o que faz uma diretora de uma famosa revista feminina, a Vogue, dar uma festa de aniversário em Salvador, no dia 8 de fevereiro, em ambiente escravocrata do Brasil colonial? E o que faz uma pessoa se vestir de sinhá, e ficar recebendo os convidados ao lado de duas mucamas? É isso que se chama racismo estrutural! Um racismo tão enraizado que parece invisível. Mas não é. Muito triste esse nosso país que cria essa falsa nostalgia de um passado romântico que jamais existiu. O dia a dia da escravidão foi duro e violento. Não há nada para comemorar ou celebrar. Melhor é refletir e mudar. Todos juntos. (Ps. A diretora da Vogue acaba de pedir perdão. Disse que não era sua intenção, mas reconhece o erro). (SCHWARCZ no Instagram em 9 de fevereiro de 2019³³)

Figura 7 - Post de Lilia Moritz Schwarcz no Instagram



Fonte: Instagram

O caso ganha o cenário internacional quando a diretora da L'oréal dos Estados Unidos, Shelby Ivey Christie, se posiciona em uma série de posts no Twitter, comparando as fotos da festa com imagens do período escravocrata

³³ Até o dia 2 de junho de 2019 a postagem de Lilia Moritz Schwarcz tinha 18.318 curtidas e 1.641 comentários.

brasileiro. Na primeira mensagem³⁴ (Figura 8) Shelby diz: “A diretora de moda da Vogue Brasil, Donata Meirelles, teve um tema de aniversário de 50 anos muito repugnante na noite passada” (tradução nossa).

Figura 8 - Post de Shelby Ivey Christie no Twitter



Fonte: Twitter

Um dos posicionamentos mais marcantes, e que rendeu diversas manchetes, foi o da cantora Elza Soares, que utilizou seu perfil no Instagram³⁵ para criticar as escolhas da aniversariante e da possível temática da festa (Figura 9). Através da postagem de uma série de fotos em que aparece sentada em cadeiras semelhantes à que Donata utilizou, a cantora rememorou momentos da escravidão no Brasil.

³⁴ Até o dia 2 de junho de 2019, a postagem de Shelby Ivey Christie no Twitter tinha 5.712 curtidas e 3.090 comentários.

³⁵ Elza Soares tem 343 mil seguidores no Instagram.

Figura 9 - Post de Elza Soares no Instagram



Fonte: Instagram

Esta é a íntegra do texto de Elza Soares:

Gentem, sou negra e celebro com orgulho a minha raça desde quando não era “elegante” ser negro nesse país. Quando preto não usava o elevador dos “patrões”. Quando pretos motoneiros dos bondes eram substituídos por brancos em festividades com a presença de autoridades de pele branca. Da época em que jogadores de um clube carioca passavam pó de arroz no rosto para entrarem em campo, já que não “pegava bem” ter a pele escura. Desde que os garçons de um famoso hotel carioca não atendiam pretos no restaurante. Éramos invisíveis. Celebro minha raça desde o tempo em que gravadoras não davam coquetel de lançamento para os “discos dos pretos”. Celebro minha origem ancestral desde que “música de preto” era definição de estilo musical. Grito pelo meu povo desde a época em que se um homem famoso se separasse de sua mulher para ficar com uma negra, essa ganhava o “título” de vagabunda, mas não acontecia se próxima tivesse a pele “clara”. Sou bisneta de escrava, neta de escrava forra e minha mãe conhecia na fonte as histórias sobre o flagelo do povo negro. Protesto pelos direitos da minha raça desde que preta não entrava na sala das sinhás. Gentem, essas feridas todas eu carreguei na alma e trago as cicatrizes. A maioria do povo negro brasileiro. Feridas que não se curaram e são cutucadas para mantê-las abertas demonstrando que “lugar de preto é nessa Senzala moderna”, disfarçada, à espreita, como se vigiasse nosso povo. Povo que descende em sua maioria dos negros que colonizaram e construíram o nosso país.

Hoje li sobre mais uma “cutucada” na ferida aberta do Brasil Colônia. Não faço juízo de valor sobre quem errou ou se teve intenção de errar. Faça um alerta! Quer ser elegante? Pense no quanto pode machucar o próximo, sua memória, os flagelos do seu povo, ao escolher um tema para “enfeitar” um momento feliz da vida. Felicidade às custas do constrangimento do próximo, seja ele de qual raça for, não é felicidade, é dor. O limite é tênue. Elegância é ponderar, por mais inocente que sua ação pareça.

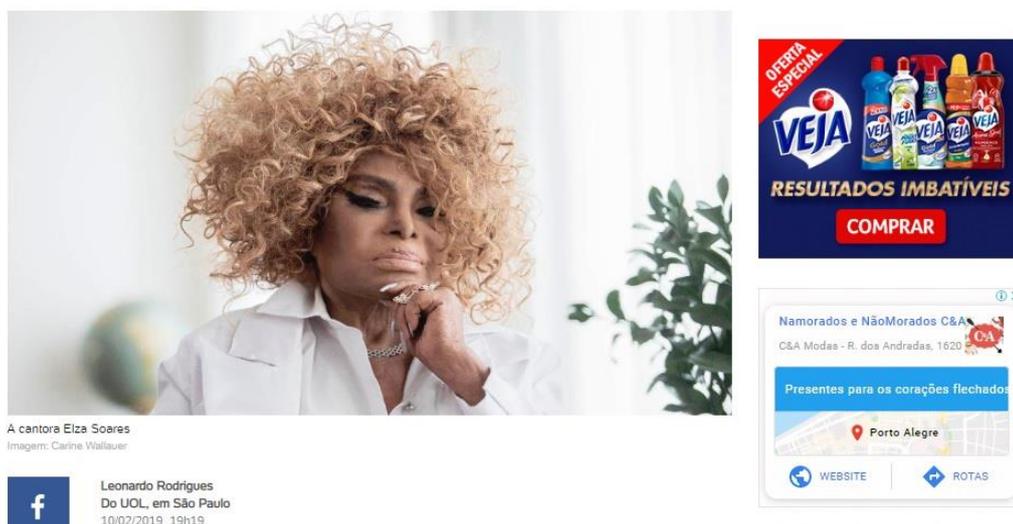
A carne mais barata do mercado FOI a carne negra e agora NÃO é mais. Gritaremos isso pra quem não compreendeu ainda. Escravizar, nem de brincadeira.

Seguimos em luta (SOARES no Instagram em 10 de fevereiro de 2019³⁶)

No mesmo dia da postagem de Elza, 10 de fevereiro, encontramos cinco matérias jornalísticas abordando o tema e as repercussões do caso. O portal UOL (Figura 10), o site Yahoo (Figura 11), a revista Carta Capital (Figura 12) e a revista Fórum (Figura 13) reproduziram postagens e comentários. Neste dia, o jornal que mais aprofundou o assunto foi o Brasil de Fato (Figura 14), que publicou um artigo do antropólogo Hélio Menezes analisando a simbologia da cadeira exibida na foto de Donata. Ainda que o Brasil de Fato tenha publicado o primeiro texto de análise sobre o caso, vale registrar que o texto havia sido publicado originalmente no perfil do antropólogo no Facebook. Percebe-se, neste momento, uma cobertura jornalística que apenas reproduz o que circula nas redes.

Figura 10 - Matéria do UOL

Elza Soares repreende diretora da "Vogue": "Você pode machucar o próximo"



A cantora Elza Soares
Imagem: Carine Wallauer

Leonardo Rodrigues
Do UOL, em São Paulo
10/02/2019 19h19

OPORTUNIDADE ESPECIAL
VEJA
RESULTADOS IMBATÍVEIS
COMPRAR

Namorados e NãoMorados C&A
C&A Modas - R. dos Andradas, 1620
Presentes para os corações fechados
Porto Alegre
WEBSITE ROTAS

Fonte: UOL

³⁶ Até o dia 2 de junho de 2019, a postagem recebera 141.530 curtidas e 12.917 comentários.

Figura 11 - Matéria do Yahoo

Celebridades

Festa de diretora da 'Vogue' é acusada de racismo; entenda

Redação Vida e Estilo
YAHOO! Yahoo Vida e Estilo 10 de fevereiro de 2019

t
f
Twitter
Email



Reprodução/Instagram

Deu errado! O aniversário de 50 anos de Donata Meirelles, diretora da edição brasileira

Fonte: Yahoo

Figura 12 - Matéria da revista Carta Capital

Para ativistas negras, as mulheres foram retratadas como mucamas na festa de Donata Meirelles, diretora de estilo da revista Vogue

A diretora de estilo da edição brasileira da revista "Vogue" e socialite Donata Meirelles viralizou na internet após uma postagem em seu perfil no Instagram. O motivo? Acusação de racismo. Na sexta-feira 8, a socialite comemorou o seu aniversário de 50 anos no Palácio da Aclamação, em Salvador, e vem sendo acusada de usar mulheres negras como decoração do evento.

Nas fotos que circularam, mas que já foram retiradas do perfil de Donata, dá para ver modelos com vestidos brancos e turbantes próximas de uma cadeira em que muitos dos convidados tiraram fotos – a peça, com espaldar redondo, remete ao mobiliário usado nas fazendas dos coronéis. Durante os cliques, as mulheres ficavam posicionadas ao lado, compondo a foto.

As reações nas redes foram imediatas. A rapper Joyce Fernandes, conhecida como Preta Rara, foi uma a reagir contra a festa. "A decoração da festa foi Brasil Colônia Escravocrata, com direito a mulheres pretas vestidas de mucama ambientando a festa e recebendo os convidados, como vimos na foto até o trono da sinhá tinha", escreveu em seu post no Facebook.

"A branquitude (não estou falando do indivíduo e sim de uma sociedade privilegiada por ter a pele alva mais que a neve) voltando...A branquitude ama vivenciar o ranço da escravidão, pq a final de contas eles gostariam que não tivesse acabado mas, será que acabou? Vivemos na tal escravidão moderna, onde nossas dores viram fantasias, decoração de festas pra beneficiar o mal gosto das sinhás e sinhóres. A senzala moderna continua sendo o quartinho da empregada", completou.



Fonte: Carta Capital

Figura 13 - Matéria da revista Fórum

10 DE FEVEREIRO DE 2019, 10H01

Após festa racista, diretora da Vogue pede perdão se causou “impressão diferente”

Donata Meirelles, diretora da Vogue Brasil, fez uma festa luxuosa de aniversário em Salvador que contou com mulheres negras fantasiadas de escravas para recepcionar os convidados; alvo de críticas, socialite disse que as mulheres vestiam “trajes de baiana”



Fonte: Fórum

Figura 14 - Matéria do Brasil de Fato

RACISMO

Artigo | A cadeira da foto

O antropólogo Hélio Menezes analisa a simbologia da cadeira usada por editora da Vogue em sua festa de aniversário

Hélio Menezes**

Brasil de Fato* | São Paulo (SP), 10 de Fevereiro de 2019 às 16:15



Fonte: Brasil de Fato

Desde a publicação da primeira foto da festa, diversas ativistas do movimento negro criticaram a escolha da decoração por acreditarem que os trajes lembravam os utilizados por mucamas (escravas domésticas) no Brasil Colônia e que a cadeira

lembrava um artefato utilizado pelas mulheres brancas da época, as chamadas *sinhas*. O que prevaleceu na maioria dos comentários foi a discussão sobre se as escolhas para a festa foram ou não racistas.

Também a ativista negra Stephanie Ribeiro se manifestou sobre o caso (Figura 15) e relembrou outras situações envolvendo a revista Vogue Brasil e casos de racismo:

É a segunda vez que denunciemos as práticas racistas da revista brasileira. Em 2016, a Vogue Brasil fez uma festa de carnaval que tinha a África como tema e onde os convidados usaram *blackface* e trajas inspirados em uma visão superficial e racista sobre o continente africano. Em 2018, pudemos ver mais *blackface* em outra festa da Vogue Brasil. No entanto, uma série de fotos de ensaio feitas para a revista mostram que nós, negros, temos sido taxados durante anos como funcionários, *background*, acessórios para brancos. (RIBEIRO no Instagram em 10 de fevereiro de 2019, tradução nossa³⁷)

Figura 15 - Post de Stephanie Ribeiro no Instagram



Fonte: Instagram

Após a repercussão do caso Donata, a Vogue Brasil lançou uma nota de esclarecimento em seu Instagram no dia 11 de fevereiro de 2019 (Figura 16), dizendo abominar qualquer situação racista. Esta é a íntegra da nota:

³⁷ Até o dia 2 de junho de 2019, a postagem tinha 3.453 curtidas e 491 comentários.

Em relação às manifestações referentes à festa de 50 anos de Donata Meirelles, a Vogue Brasil lamenta profundamente o ocorrido e espera que o debate gerado sirva de aprendizado. Nós acreditamos em ações afirmativas e propositivas e também que a empatia é a melhor alternativa para a construção de uma sociedade mais justa, em que as desigualdades históricas do País sejam debatidas e enfrentadas. Em busca da evolução constante que sempre nos pautou, aproveitamos a reflexão gerada para ampliar as vozes dentro da equipe e criar, em caráter permanente, um fórum formado por ativistas e estudiosos que ajudarão a definir conteúdos e imagens que combatam essas desigualdades. (VOGUE BRASIL no Instagram em 11 de fevereiro de 2019³⁸)

Figura 16 - Nota de esclarecimento da Vogue Brasil



Fonte: Instagram

No mesmo dia do posicionamento oficial da Vogue Brasil, nove veículos de comunicação publicaram materiais sobre o caso. Na Folha de São Paulo, o colunista Tony Goes (Figura 17) diz que o caso foi resultado de uma desatenção dos envolvidos na preparação da festa. Goes (2019, online) declara que “os tempos mudaram e as sensibilidades estão mais aguçadas do que nunca. Há um certo exagero em algumas reações, mas isto é comum toda vez que a maré vira. Faz parte do processo”. Donata é casada com Nizan Guanaes, um dos publicitários mais bem-sucedidos e premiados do Brasil, porém nem a expertise do marido foi capaz de evitar que ela se visse no centro de uma discussão nacional sobre o racismo.

³⁸ Até o dia 2 de junho de 2019, a postagem tinha 27.659 curtidas e 6.573 comentários.

Figura 17 - Coluna de Tony Goes na Folha

< [tony goes](#)

Faltou bom senso e sobrou vaidade no caso Donata Meirelles

Como que ninguém percebeu que a foto com as baianas iria causar treta?



Festa de diretora da Vogue é acusada de racismo - Reprodução/Instagram

Fonte: Folha de São Paulo

Também no dia 11 de fevereiro, o portal Jornalistas Livres publicou um artigo do historiador Marcos Rezende (Figura 18), no qual ele traça um paralelo entre o acontecido e a realidade do racismo no Brasil.

Negros e negras não são alvo da afetividade da elite branca brasileira, pois uma relação afetiva não permite a concentração de tantos privilégios para uns (umas) em detrimentos de outros (as). O nome que se dá a isso é subjugação, como estratégia do racismo de manter negras e negros no lugar do ostracismo serviçal. (REZENDE, 2019, online)

Figura 18 - Artigo de Marcos Rezende no Jornalistas Livres



Fonte: Jornalistas Livres

No dia 12 de fevereiro o caso estava sendo amplamente discutido. Somente na Folha de São Paulo foram publicados três textos neste dia. Em sua coluna, o economista Joel Pinheiro da Fonseca (Figura 19) diz que, através de uma “foto sem contexto e manchete acusatória”, mais uma polêmica foi “inflamada” no jornalismo brasileiro.

Também em uma coluna de opinião na Folha, a escritora Juliana de Albuquerque (Figura 20) falou sobre as contradições de artistas que se dizem engajados, mas estavam presentes na festa de Donata, apesar da temática polêmica. O principal alvo foi Caetano Veloso, que, segundo Albuquerque, “conquistou a admiração de tanta gente pelo tom engajado de sua obra poética e pela sua capacidade de diálogo com as mais diversas expressões da cultura brasileira, tal como a religião e a música negra”.

Figura 19 - Coluna de Joel Pinheiro da Fonseca na Folha

Joel Pinheiro da Fonseca



Irrelevância não tem cor

Foto sem contexto e manchete acusatória inflamaram mais uma 'polêmica'



A foto, à primeira vista, choca: Donata Meirelles, diretora da revista Vogue, [sentada em um trono entre duas mulheres negras de trajes brancos](#). Era sua festa de aniversário. Uma celebração imagética da escravidão? O repúdio das redes não demorou. A verdade era mais nuançada: as mulheres ali obviamente eram quituteiras baianas em seu traje tradicional; não representavam escravas. E o trono era uma cadeira de candomblé. Em outras fotos, as baianas estão sentadas nas cadeiras. A própria Associação das Baianas (Abam) disse que não havia racismo ali.

Fonte: Folha de São Paulo

Figura 20 - Coluna de Juliana de Albuquerque na Folha

Juliana de Albuquerque



Artistas engajados e suas contradições

O que dizer da participação de gente como Caetano Veloso numa festa com ares de Brasil Colônia?



No começo deste ano, Daniela Mercury e Caetano Veloso lançaram a canção “Proibido o Carnaval”. Composta por Daniela, a marchinha reage à onda conservadora que instiga o debate político e as nossas práticas cotidianas. Desmascarando o vazio afetivo e intelectual que permeia o arcaísmo da nova direita e a caretice disfarçada de vanguarda das esquerdas que, atualmente, vacilam em articular um discurso unificador dos interesses populares.

Fonte: Folha de São Paulo

A Folha traz, ainda no dia 12, uma notícia referente às baianas que trabalharam na festa (Figura 21). Seis das dez mulheres que fizeram o receptivo do evento em trajes tradicionais prestaram queixa na polícia de Salvador, por ofensas sofridas na internet. Segundo a matéria, uma das participantes relatou que “a repercussão do caso resultou em uma série de ofensas às integrantes do grupo, que foram chamadas de omissas e vendidas”.

A repercussão também teria feito com que as baianas perdessem dois contratos de trabalho, pois os clientes temiam que a presença delas causasse polêmica. Segundo uma das baianas, elas foram contratadas apenas para o receptivo da festa e o objetivo era representar a diversidade cultural da Bahia.

Figura 21 - Matéria da Folha sobre denúncia das baianas

Baianas de festa da diretora da Vogue vão à polícia após serem ofendidas na internet

Chamadas de omissas e vendidas nas redes sociais, mulheres fotografadas com Donata Meirelles prestam queixa em Salvador



João Pedro Pitombo

SALVADOR Seis das dez baianas que fizeram parte do receptivo da festa de aniversário de Donata Meirelles, diretora de estilo da revista Vogue Brasil, prestaram queixa nesta terça-feira (12) na polícia, em Salvador, por ofensas sofridas na internet.

[A participação das baianas na festa da última sexta \(8\) gerou polêmica nas redes sociais](#) após terem sido postadas fotos de Donata Meirelles e de outros convidados sentados em uma cadeira e rodeados pelas baianas.

Fonte: Folha de São Paulo

Também no dia 12 de fevereiro, o jornal Nexo publicou uma entrevista com o professor e jurista Silvio Almeida (Figura 22), na qual ele comenta as acusações de racismo em torno da festa da então diretora da Vogue Brasil. Para ele, “O racismo faz parte da vida social e a gente não consegue compreendê-la de uma maneira objetiva, real, verdadeira, sem olhar de que forma ele se naturaliza e constitui os afetos das pessoas” (ALMEIDA, 2019, online).

Figura 22 - Entrevista de Silvio Almeida para o Nexo

The screenshot shows the top section of a Nexo article. On the left is the Nexo logo. On the right are search and social media icons, along with 'ASSINE' and 'CONTA' buttons. Below the logo, it says 'ENTREVISTA' and the main title 'O racismo estrutural no cotidiano do país, segundo este autor'. The author is 'Juliana Domingos de Lima' and the date is '12 Feb 2019'. A sub-headline reads: 'Ao 'Nexo', o professor e jurista Silvio Almeida comenta acusações de racismo em torno de festa da diretora da Vogue e do BBB19'.

Fonte: Nexo

No dia 13 de fevereiro, portanto apenas dois dias depois da divulgação da nota de esclarecimento da Vogue Brasil, Donata pediu demissão do cargo de diretora de estilo da revista, cargo que ocupou durante sete anos, e publicou este texto no Instagram:

Aos 50 anos, a hora é de ação. Ouvi muito, preciso ouvir ainda mais. Quero agir em conjunto com as mulheres que têm a me ensinar e com quem mais estiver disposto a ser elo em uma transformação que se faz necessária. Meu compromisso é me colocar em (re)construção! Em ação! (MEIRELES no Instagram em 13 de fevereiro de 2019)

No mesmo dia, Mônica Bergamo escreveu sobre o pedido de demissão (Figura 23) em sua coluna na Folha de São Paulo. A revista Fórum (Figura 24) também abordou a demissão.

Figura 23 - Coluna de Mônica Bergamo na Folha sobre a demissão

Mônica Bergamo

monica.bergamo@grupofolha.com.br



Donata Meirelles pede demissão da revista Vogue Brasil

A saída dela acontece poucos dias depois da repercussão envolvendo sua festa de aniversário



Fonte: Folha de São Paulo

Figura 24 - Matéria da Fórum sobre a demissão

HOME BRASIL

13 DE FEVEREIRO DE 2019, 21H13

Após festa acusada de racismo, Donata Meirelles pede demissão da Vogue

A socialite, que era diretora de estilo da revista de moda, não explicou o motivo do desligamento, mas o fez poucos dias após a festa que causou polêmica por contar com mulheres negras supostamente vestidas de escravas



Fonte: Fórum

Ainda no dia 13 de fevereiro, o portal Jornalistas Livres publicou matéria tratando de mais um desdobramento do acontecimento (Figura 25). O Coletivo de Entidades Negras (CEN), instituição nacional do movimento negro brasileiro, lançou um abaixo-assinado online para emplacar o nome da estilista negra baiana Carol Barreto (festejada por suas coleções ativistas, inspiradas na cultura afro-brasileira) no cargo de diretora de estilo da Vogue Brasil. Ativistas negros defendem que uma mulher negra deve ocupar a direção da revista de moda que já esteve envolvida em diversos casos considerados racistas, dos quais trataremos no próximo tópico deste trabalho.

Figura 25 - Matéria do Jornalistas Livres sobre abaixo-assinado

Abaixo-assinado propõe nome de estilista negra para diretoria da Vogue Brasil
 Carol Barreto, estilista baiana, é festejada por trabalhos inspirados na cultura negra

por Yuri Silva 13 fevereiro, 2019



Baiana, Carol Barreto teve seu nome defendido por instituição para ocupar posto deixado por Donata Meirelles, socialite flagrada em festa de aniversário racista

Yuri Silva

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

- 26 MAIO, 2019 Até a maconha venceu!
- 26 MAIO, 2019 São Paulo e o restante do Brasil tiveram atos esvaziados...
- 26 MAIO, 2019 CRÔNICA DE 26 DE MAIO
- 26 MAIO, 2019 Encerramento do ato-fiasco de Bolsonaro em São Paulo
- 26 MAIO, 2019 Favivo Uma avaliação sobre os atos deste domingo (26)
- 26 MAIO, 2019 Maconeira e maconeiro unido é Movimento Social
- 25 MAIO, 2019 O Brasil vota contra resolução que garante aos palestinos acesso...
- 24 MAIO, 2019 Livros do desassossego
- 24 MAIO, 2019 De volta às origens: ato do dia 26 é flashback...
- 24 MAIO, 2019 MANIFESTANTES QUEREM MORO FORA DE EVENTO EM PORTUGAL

Fonte: Jornalistas Livres

No dia 14 de fevereiro, o portal Gaúcha ZH (Figura 26) repercutiu o pedido de demissão de Donata.

Figura 26 - Matéria da Gaúcha ZH sobre a demissão

SAÍDA

Após festa polêmica, Donata Meirelles pede demissão da Vogue Brasil

A saída dela ocorre poucos dias depois da comemoração de 50 anos, considerada racista nas redes

14/02/2019 - 09h08min
 Atualizada em 14/02/2019 - 09h19min

Divulgarista

Fonte: Gaúcha ZH

No dia 14 de fevereiro, a economista Renata Barreto publicou um texto no portal Jornal da Cidade (Figura 27) em que questiona: “quem olha mulheres negras vestidas de branco e automaticamente enxerga escravas é o que?”. Para ela, há necessidade de uma abolição da “escravidão ideológica” no Brasil, visto que a

escravidão em si já foi abolida em 1888. A autora também classifica os críticos à festa de Donata como “turma do lacre” e “turma do ‘ódio do bem’”.

Figura 27 - Artigo de Renata Barreto para o Jornal da Cidade

POLÍTICA

A turma do lacre e a escravidão ideológica

14/02/2019 às 06:13



Fonte: Jornal da Cidade

No dia seguinte, 15 de fevereiro, a Folha de São Paulo publicou uma longa matéria sobre apropriação cultural e religiosa (Figura 28). “Foi a acusação de romantizar a herança negra que alimentou uma das polêmicas mais recentes das redes sociais por aqui”, diz o texto sobre o acontecimento Donata Meirelles. O jornal apresenta a opinião de pessoas que viram e de outras que não viram racismo no caso.

Figura 28 - Matéria da Folha de São Paulo

MODA

Eventos recentes suscitam polêmicas sobre apropriação cultural e religiosa

Popularização da festa de Iemanjá e imagens de Donata Meirelles foram alguns episódios que geraram discussões



Fonte: Folha de São Paulo

No dia 18 de fevereiro, portanto com bastante atraso, Gaúcha ZH repercutiu o abaixo-assinado em favor da estilista Carol Barreto (Figura 29).

Figura 29 - Matéria da Gaúcha ZH sobre abaixo-assinado

DIVERSIDADE

Ativistas fazem abaixo-assinado para estilista negra substituir Donata na Vogue

A baiana Carol Barreto tem mais de dez anos de carreira que une moda e pesquisa

© 18/02/2019 - 12h34min

Fonte: Gaúcha ZH

No mesmo dia 18, Gaúcha ZH postou mais um desdobramento do caso (Figura 30). O tradicional baile de gala anual da revista Vogue Brasil, agendado para acontecer em 21 de fevereiro, estava sendo adiado para 23 de março. Segundo a matéria, a revista pretendia transformar o evento em uma “plataforma de inclusão”. Em nota, a revista disse: “Com o objetivo de transformar o Baile de Gala da Vogue numa plataforma de inclusão no universo da moda, a Vogue entende que precisa de tempo hábil para implementar ações importantes e garantir que o baile seja efetivamente um marco deste novo momento”.

Figura 30 - Matéria da Gaúcha ZH sobre adiamento do baile



Fonte: Gaúcha ZH

No dia 28 de fevereiro, a revista Vogue Brasil publicou o editorial mensal com as novidades do mês de março, destacando-se este trecho:

Março é tempo de despedidas por aqui também. Durante sete anos, Donata Meirelles trabalhou incansavelmente para que nos transformássemos numa das mais importantes Vogues do mundo. Nesse período, emprestou toda sua energia para que deixássemos de ser apenas uma revista e virássemos a marca forte que somos hoje. Seremos todos eternamente gratos por todo o carinho e talento que Donata dedicou a cada página que editou. Com sua partida, o cargo de diretora de estilo, que havia sido criado especificamente para ela, será extinto. São ventos de mudança que não param de soprar. Vogue acompanhará essas transformações como sempre fez ao longo de seus 43 anos no Brasil. (VOGUE BRASIL, 2019, online)

Ainda repercutindo o acontecimento Donata Meirelles, diversos veículos veicularam notícias sobre a edição 2019 do Baile da Vogue e a tentativa da publicação em se retratar quanto aos casos de racismo. No dia 18 de março, a coluna de Leo Dias, no jornal O Dia, trazia esta manchete: “Vogue Brasil tenta limpar a imagem após polêmica” (Figura 31). Na coluna, Dias discute por que o baile foi adiado e cita o envio de um “mimo” da Vogue no Brasil para as maiores agências de publicidade do país, buscando fortificar os valores da empresa.

Já o portal Gazeta Online publicou, no dia 21 de março, uma matéria sobre o convite especial feito para mulheres negras serem Vips na edição de 2019 do baile da revista (Figura 32). O texto relata que a revista convidou a ex-consulesa da França no Brasil, Alexandra Loras, para que reunisse mulheres negras e realizasse

o convite especial em nome da publicação. Este desdobramento também foi noticiado pela revista Veja São Paulo no dia 22 de março (Figura 33).

Figura 31 - Coluna de Leo Dias em O Dia



Fonte: O Dia

Figura 32 - Matéria da Gazeta Online

Negras serão convidadas vips do "Baile da Vogue", diz colunista

Evento acontece neste sábado (23)

Publicado em 21/03/2019 às 09h09
Atualizado em 21/03/2019 às 09h10



Uber ⓘ x

Fonte: Gazeta Online

Figura 33 - Matéria da revista Veja São Paulo

Após polêmica, ex-consulesa chama mais personalidades negras para baile

Alexandra Loras se propôs a ajudar na tarefa; evento de revista passou por reformulação após acusações de racismo a ex-diretora

Por **Ana Carolina Soares**

22 mar 2019, 18h43 - Publicado em 22 mar 2019, 16h32



Fonte: Veja São Paulo

Após a realização do baile, que ocorreu no dia 23 de março, o acontecimento Donata Meirelles voltou a cena por uma declaração polêmica proferida pela jornalista Gloria Maria e publicada pela coluna de Mônica Bergamo, na Folha de São Paulo, em 26 de março (Figura 34). Diz o texto: “Eu, como negra, posso dizer: não vi nenhum tipo de racismo ali”, diz a jornalista Gloria Maria durante o baile da Vogue, no Hotel Unique, em São Paulo. ‘Racismo é uma coisa muito séria que está sendo misturada com muita coisa inútil’, emenda”.

Figura 34 - Coluna de Mônica Bergamo na Folha sobre Gloria Maria

Mônica Bergamo

monica.bergamo@grupofolha.com.br



'Racismo é coisa séria que está sendo misturada com coisa inútil', diz Gloria Maria

Apresentadora foi uma das convidadas presentes no baile da Vogue, em São Paulo



Fonte: Folha de São Paulo

Consideramos que o ciclo do acontecimento Donata Meirelles se encerra, ainda que provisoriamente, com a publicação dessa nota na coluna de Mônica Bergamo em 26 de março. Como todo acontecimento, ele pode ser atualizado em outro momento ou ser retomado como lembrança de um debate relevante.

4.1 Outros casos de racismo na revista Vogue Brasil

A imagem de Donata Meirelles é associada à da revista Vogue Brasil, pelo importante cargo que exerceu na publicação por sete anos. A Vogue Brasil faz parte de um grupo internacional com grande peso no mercado editorial global. Atualmente, Vogue é a revista feminina de moda mais conceituada e influente do mundo. Publicada mensalmente em 22 países, a revista apresenta trabalhos de estilistas,

escritores, fotógrafos e designers dentro de uma perspectiva sofisticada do mundo da moda, da beleza e da cultura pop.

Desde 1892 a *Vogue* é uma publicação semanal norte-americana especializada em crônicas sociais de uma classe ascendente: “A publicação tinha o status de representar os interesses e o estilo de vida desta classe” (ELMAN, 2008, p. 26). Desde seus primórdios a revista se apresenta como sinônimo de bom gosto, educação, distinção, elegância e de novas tendências artísticas.

Na visão de Condé Montrose Nast, advogado e publicitário que comprou a revista em 1909, “as lentes da *Vogue*, ao focar e disponibilizar a todos o estilo grandioso do *beautiful people*, mostram que, apesar de viverem em mundos diferentes, os pobres e os ricos têm um interesse comum: a fascinação pelo estilo de vida dos muito ricos” (ELMAN, 2008, p. 28, grifo da autora). Além disso, *Vogue* diz o que é antiquado e o que é contemporâneo:

A revista *Vogue*, ao posicionar-se como revista formadora de opinião e ao ser tomada como referência no meio profissional e nas escolas de moda, design e arquitetura, possibilita, como objeto de estudo, uma análise de relevância no universo das revistas com foco em moda e estilo de vida. Como espaço jornalístico, a *Vogue* é um destes lugares onde imagens e textos podem nos falar sobre a sociedade contemporânea. (ELMAN, 2008, p.33)

Ainda que a *Vogue* Brasil possua papel de destaque no mundo da moda, a publicação parece não aprender com erros cometidos no passado e segue envolvida em polêmicas, principalmente na forma de abordagem das questões raciais, tanto nas páginas da revista quanto em eventos por ela promovidos.

Em 2016, a revista lançou uma campanha chamada “Vista minha pele” (Figura 35), que buscava trabalhar uma inversão dos tradicionais papéis aceitos na sociedade, com mulheres negras como “patroas” e brancas como empregadas domésticas, para discutir o racismo na sociedade brasileira.

Figura 35 - Campanha da Vogue Brasil “Vista Minha Pele”



Fonte: https://medium.com/@metaforica_gabi/inverter-pap%C3%A9is-na-sociedade-racista-d%C3%A1-certo-7af2416f0d5a Medium

A ideia de provocar a reflexão sobre o racismo, propondo uma visão ao inverso, no entanto, gerou uma reação contrária de muitas negras. Entre elas, está a escritora Gabriela Moura, que publicou um texto no qual explica por que a campanha não teria abordado a temática da forma correta. Gabriela diz que a inversão da pirâmide social, ainda que aparentemente dê uma sensação momentânea de justiça ou até mesmo de vingança, mantém o cenário de desigualdades sociais em que mulheres de uma raça exploram mulheres de outra raça.

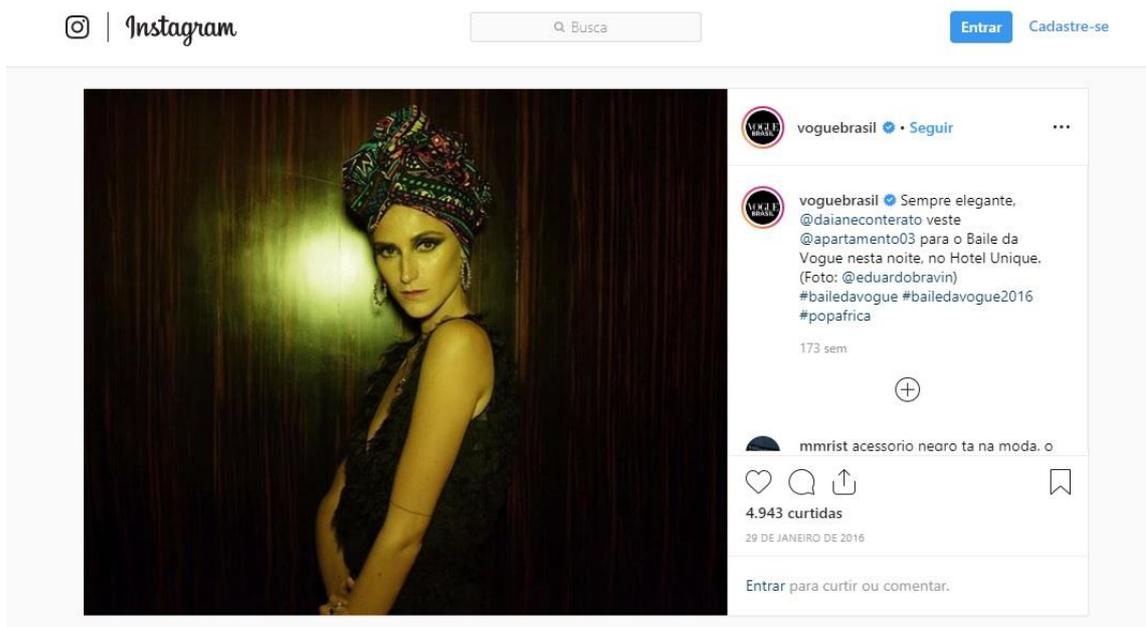
Pressupor que o público da Vogue se chocará com o edital e/ou se sensibilizará com uma suposta inversão de valores é inocente e vazio. Mais que isso, tal imagem serve em um primeiro momento para sanar algum eventual senso de justiça torto—reiterando que pobres não tem acesso a tal publicação, e que uma inversão de hierarquia é uma demonstração néscia

de um empoderamento que, pela lógica da imagem, viria por meio da exploração de outras mulheres. Ou seja, questões como acúmulo de capital e exploração do trabalho seriam mantidas intactas. (MOURA, 2017, online)

Outro caso polêmico envolvendo a revista e racismo foi o tema escolhido para a edição de 2016 de seu baile de gala anual. Todo ano, a revista organiza o tradicional e concorrido evento, onde recebe as celebridades mais influentes do momento no cenário nacional e até internacional. Naquele ano, a Vogue decidiu homenagear a África. Com o tema Pop África (Figuras 36 e 37), recebeu personalidades, profissionais do mundo da moda, fotógrafos e outros ilustres com looks que tentavam unir características do continente e a moda. A festa rendeu uma grande polêmica por causa da apropriação cultural apontada por ativistas e internautas. Entre os convidados, teve quem apareceu usando cabelo crespo como acessório, pessoas brancas usando turbantes e até *blackface*, com mulheres brancas utilizando maquiagem para ficarem com a pele mais escura.

Para Stephanie Ribeiro (2016, online), “com sua abordagem superficial, colonialista e ocidentalista [a Vogue] mutilou a cultura africana, repartiu os símbolos de resistência de um povo a serviço do consumismo e não se preocupou em fazer um trabalho disfarçando tal insensibilidade”.

Figura 36 - Modelo no baile “Pop África”



Fonte: Instagram

Figura 37 - Atriz no baile "Pop África"



Fonte: Gaúcha ZH

O campo problemático do racismo, acionado pelo acontecimento Donata Meirelles e pela intensa relação entre veículos jornalísticos e redes sociais, pode ser mobilizado por muitos outros fenômenos sociais, como os casos que acabamos de lembrar. O jornalismo de moda, que tem forte peso cultural e econômico, é potencialmente rico para um debate tão relevante porque aponta tendências e tenta normatizar o que é ultrapassado e o que é contemporâneo – não apenas no que se refere à moda, mas especialmente no que se refere aos valores sociais.

5. OS SENTIDOS SOBRE RACISMO

O objetivo principal deste trabalho é compreender a constituição do discurso sobre racismo na sociedade brasileira contemporânea. Para viabilizá-lo, escolhemos um caso recente que, em função da visibilidade dos sujeitos envolvidos, obteve intensa repercussão nos veículos jornalísticos e no Instagram³⁹. Essa repercussão criou um conjunto de textos que nos permitiu observar o discurso dos protagonistas, dos veículos e dos comentadores (leitores e seguidores).

Para mapear os sentidos que estruturam o discurso, utilizamos como método a Análise do Discurso (AD). Retomamos agora, de forma breve, três conceitos da AD importantes para o estudo: discurso, formação discursiva e paráfrase. Para Pêcheux (1990), o discurso é um efeito de sentido entre sujeitos. Isso significa que os significados de um texto não estão “no texto”, prontos para serem “descobertos”, e sim que os sentidos são atribuídos pelos sujeitos envolvidos na produção do discurso: o enunciador e o leitor (interlocutor). Essa noção é fundamental, porque mostra que o discurso é dinâmico e que um texto carrega sentidos potenciais, mas a efetividade desses sentidos depende do processo de interlocução.

O discurso acontece no espaço entre os sujeitos, e por isso ele é efeito de sentidos entre os interlocutores. *Não existe um sentido literal residindo no texto. Existe uma materialidade textual que carrega sentidos potenciais*, e os sentidos são produzidos na relação intersubjetiva. Há tantas possibilidades de leitura de um texto porque este é sempre feito de “falhas” e “equivocos”. A linguagem não é transparente, e sim opaca, pois seu funcionamento não é evidente para os sujeitos que a utilizam. Ao contrário, seu funcionamento é profundamente complexo, ideológico e enraizado na história - uma história que é de conflito, luta, divergência e dominação, e tudo isso constrói a linguagem e as significações (BENETTI, 2016, p. 239, grifo nosso).

Se os sentidos são potenciais, como o analista de discurso pode afirmar que um discurso constrói determinados sentidos? O processo de análise exige que o investigador busque, no conjunto dos textos, os sentidos estruturantes do discurso,

³⁹ O acontecimento também gerou posts em outros sites de redes sociais, como Facebook e Twitter. Decidimos trabalhar apenas com os textos do Instagram por ser a rede onde nasce o acontecimento e pela necessidade de limitar o corpus de análise para adequá-lo ao tempo de um TCC.

sempre norteado pelos objetivos da pesquisa. Nesse movimento, dois conceitos se misturam: o de formações discursivas e o de paráfrase.

Paráfrase é o movimento de retorno a um sentido, por meio da reiteração. Os sentidos estão dispersos ao longo de textos diversos, e o analista deve identificar as repetições, pois são elas que dão força ao discurso. No nosso caso, encontramos um mesmo sentido sendo construído por diferentes sujeitos (jornalistas, colunistas, fontes, leitores, seguidores) em diferentes textos. Agrupamos esses trechos, retirando-os do texto original, para mostrar como eles constroem fortes significados.

O mapeamento dos sentidos principais aciona o conceito de Formação Discursiva (FD). A definição clássica, de Pêcheux (2014, p. 147), diz que uma formação discursiva é aquilo “que pode e deve ser dito”, em oposição ao “que não pode e não deve ser dito”. Ou seja: em um determinado momento histórico, em um contexto específico e envolvendo sujeitos concretos, certas coisas poderiam ser ditas, enquanto outras não poderiam.

Em nossa análise, encontramos duas FDs principais: a percepção de que houve racismo e a percepção de que não houve racismo na festa de Donata Meirelles que dá origem ao acontecimento - especialmente na fotografia que reúne a aniversariante branca, as baianas negras e a cadeira de vime. Essas formações discursivas maiores são sustentadas, por sua vez, por outras FDs que apresentam os modos de justificar cada percepção.

Para a análise do ciberacontecimento Donata Meirelles, trabalhamos com um corpus de 50 textos (Quadro 1), coletados de 9 de fevereiro a 23 de março de 2019.

Quadro 1 - Corpus de análise

TEXTO	TÍTULO	LOCAL	DATA
T1	Diretora da Vogue Brasil é acusada de racismo por festa de aniversário	O Povo	09/02/2019
T2	Donata Meirelles é criticada por festa com negras fantasiadas	Veja São Paulo	09/02/2019
T3	Diretora da Vogue causa polêmica por festa em Salvador com negras "vestidas de escravas"	Bahia Notícias	09/02/2019
T4	Postagem da Donata Meirelles sobre sua festa	Instagram Donata	09/02/2019

T5	Postagem com o pedido de desculpa da Donata Meirelles	Instagram Donata	09/02/2019
T6	Festa de diretora da 'Vogue' é acusada de racismo; entenda	Yahoo	10/02/2019
T7	Após festa racista, diretora da Vogue pede perdão se causou "impressão diferente"	Revista Fórum	10/02/2019
T8	Festa de diretora da 'Vogue' é acusada de racismo nas redes sociais	Carta Capital	10/02/2019
T9	Artigo A cadeira da foto	Brasil de Fato	10/02/2019
T10	Elza Soares repreende diretora da "Vogue": "Você pode machucar o próximo"	UOL	10/02/2019
T11	Postagem de Elza Soares sobre o acontecimento	Instagram Elza Soares	10/02/2019
T12	Nota de esclarecimento da Vogue	Instagram Vogue Brasil	11/02/2019
T13	Elza Soares 'responde' foto de diretora da Vogue: 'Escravizar, nem de brincadeira'	Folha de São Paulo	11/02/2019
T14	Faltou bom senso e sobrou vaidade no caso Donata Meirelles	Folha de São Paulo	11/02/2019
T15	Elza Soares se manifesta sobre festa polêmica de diretora da Vogue	Gaúcha ZH	11/02/2019
T16	Executiva da revista Vogue é acusada de racismo	Youtube Band	11/02/2019
T17	Após acusações de racismo, diretora da Vogue pede desculpas por foto em festa	Youtube Jovem Pan News	11/02/2019
T18	Diretora da Vogue Brasil é criticada por festa considerada racista	Exame	11/02/2019
T19	Festa de diretora da Vogue Brasil causa revolta e é acusada de ter tema racista	Uai	11/02/2019
T20	Um dia o engenho das 'Donatas' pega fogo	Jornalistas Livres	11/02/2019
T21	Festa acusada de racismo na Bahia vira polêmica internacional	UOLI	11/02/2019
T22	Irrelevância não tem cor	Folha de São Paulo	12/02/2019
T23	Artistas engajados e suas contradições	Folha de São Paulo	12/02/2019
T24	Baianas de festa da diretora da Vogue vão à polícia após serem ofendidas na internet	Folha de São Paulo	12/02/2019

T25	O racismo estrutural no cotidiano do país, segundo este autor	Nexo	12/02/2019
T26	Donata Meirelles pede demissão da revista Vogue Brasil	Folha de São Paulo	13/02/2019
T27	Depois de ofensas virtuais, baianas de festa de diretora da Vogue registram ocorrência	Gaúcha ZH	13/02/2019
T28	Abaixo-assinado propõe nome de estilista negra para diretoria da Vogue Brasil	Jornalistas Livres	13/02/2019
T29	Após festa acusada de racismo, Donata Meirelles pede demissão da Vogue	Revista Fórum	13/02/2019
T30	Após festa de Donata Meirelles, relembre outras polêmicas racistas na moda	Gaúcha ZH	14/02/2019
T31	Após festa polêmica, Donata Meirelles pede demissão da Vogue Brasil	Gaúcha ZH	14/02/2019
T32	A festa da diretora da Vogue e a importância de debater racismo nas escolas	Estadão	14/02/2019
T33	A turma do lacre e a escravidão ideológica	Jornal da Cidade Online	14/02/2019
T34	Donata Meirelles é convidada para a secretaria da Igualdade Racial do governo Bolsonaro	Piauí	14/02/2019
T35	Eventos recentes suscitam polêmicas sobre apropriação cultural e religiosa	Folha de São Paulo	15/02/2019
T36	Polêmica racista: o que aprendemos com a festa temática de Donata Meirelles	Gaúcha ZH	15/02/2019
T37	O efeito manada. Mais nada	O Povo	17/02/2019
T38	Ativistas fazem abaixo-assinado para estilista negra substituir Donata na Vogue	Gaúcha ZH	18/02/2019
T39	Baile da Vogue é adiado após polêmica com Donata Meirelles	Gaúcha ZH	18/02/2019
T40	Editorial Vogue Março de 2019	Vogue	28/02/2019
T41	O racismo estrutural no cotidiano do país, segundo Silvio Almeida	Vermelho	05/03/2019
T42	Vogue Brasil tenta limpar a imagem após polêmica	O Dia	18/03/2019
T43	Negras serão convidadas vips do "Baile da Vogue", diz colunista	Gazeta Online	21/03/2019
T44	Baile da Vogue reúne mulheres negras como convidadas especiais	Mídia Max	22/03/2019

T45	Após polêmica, ex-consulesa chama mais personalidades negras para baile	Veja São Paulo	22/03/2019
T46	Após polêmica em festa de ex-diretora, baile da Vogue terá Ludmilla e Jorge Ben Jor	Folha de São Paulo	23/03/2019
T47	Glória Maria comparece ao Baile da Vogue, causa com bom estilo e chama atenção por conduta inesperada	TV Foco	24/03/2019
T48	Glória Maria faz desabafo: "Racismo é coisa séria que está sendo misturada com coisa inútil"	Portal Overtube	26/03/2019
T49	'Racismo é coisa séria que está sendo misturada com coisa inútil', diz Gloria Maria	Folha de São Paulo	26/03/2019
T50	Postagem Folha de São Paulo	Instagram Folha	26/03/2019

Fonte: elaborado pela autora.

Analizamos os textos jornalísticos, as postagens no Instagram e os comentários de leitores e seguidores. É preciso registrar que nosso corpus tem mais de 6 mil comentários. Analizamos uma parte deles (cerca de 1.000 comentários) para identificar os sentidos. Depois de refinar essas FDs, lemos o restante dos comentários para identificar se havia outro sentido ainda não contemplado e para recuperar algum trecho que ilustrasse melhor as FDs já mapeadas.

Apresentamos a seguir algumas sequências discursivas que ilustram a análise. Mantivemos as grafias dos textos, incluindo erros de pontuação, ortografia, regência e concordância. Assinalamos em **negrito** os trechos que constroem mais fortemente cada sentido e, ao final da sequência discursiva, indicamos entre parênteses o número do texto (referente ao Quadro 1), o local de publicação e, quando for o caso, se é um comentário.

5.1 Não houve racismo

O acontecimento analisado neste estudo gerou uma diversa gama de reações na internet. Como já apresentado anteriormente, o caso Donata Meirelles nasceu da discussão online sobre racismo e apropriação cultural, ocupou o espaço jornalístico e nele se desenvolveu, com forte participação dos leitores. A primeira FD que identificamos na estruturação do discurso afirma que não houve racismo na festa.

O que percebemos, na maioria dos trechos selecionados e que dizem que a festa não foi racista ou que a aniversariante não tinha a intenção, é uma naturalização do racismo. Aqui o preconceito parece ser entendido como algo inexistente na sociedade, presente apenas na mente de quem vê a conotação racista.

Resgatando os estudos de Almeida (2018) percebemos que, em sua maioria, as falas selecionadas exemplificam a percepção do racismo sob o ponto de vista *individual*. Para o autor, a concepção individualista de racismo está ligada à ideia da não admissão da existência do racismo. Estes indivíduos podem até percebê-lo e compreender que ele é errado, porém percebem a sociedade sob a ótica de que “somos todos humanos” ou de que em pleno século XXI não há a possibilidade da existência do racismo.

Em seus estudos, Almeida alerta para o fato de que a percepção individual do racismo está relacionada mais à natureza psicológica dos que falam do que à natureza política do racismo. Por conseguinte, é preciso cuidado na concepção de seus efeitos, visto que ao “limitar o olhar sobre o racismo a aspectos meramente comportamentais, deixa-se de considerar o fato de que as maiores desgraças produzidas pelo racismo foram feitas sob o abrigo da legalidade e dos considerados ‘homens de bem’” (ALMEIDA, 2018, p. 29).

a) “Sou negro e digo que não é racismo”

O primeiro sentido mapeado é composto por trechos e comentários extraídos de diferentes textos, mas refletem sobre o mesmo aspecto - pessoas negras que viram a foto que gerou o acontecimento, mas não perceberam racismo em sua essência. Ao assumirem o lugar social de “negras”, essas pessoas buscam legitimar o seu ponto de vista. Por suas experiências e por estarem inseridas no ser “negro”, que sofre o racismo, ocupam o lugar de fala⁴⁰ de quem sente na pele e pode, portanto, falar com propriedade sobre o assunto.

⁴⁰ Segundo a filósofa Djamila Ribeiro (2017), a origem do termo do “lugar de fala” não é precisa. Em geral, pesquisadores apontam que suas raízes estão no debate feminista americano, por volta dos anos 1980. O conceito representa a busca pelo fim da mediação: a pessoa que sofre preconceito fala por si, como protagonista da própria luta e movimento. É um mecanismo que surgiu como contraponto ao silenciamento da voz de minorias sociais por grupos privilegiados em espaços de

Dentre estes trechos, destacamos a declaração da jornalista Gloria Maria (T49, Folha de São Paulo). Por ser uma figura pública e ao assumir o lugar de “mulher negra” e declarar publicamente que não percebeu racismo na imagem, Gloria fala a uma parcela da população (em uma realidade nacional onde a maioria dos negros não conhecem o lugar social que ocupam) que pode ler sua opinião como legítima e dela se apropriar.

“Eu, como negra, posso dizer: não vi nenhum tipo de racismo ali”, diz a jornalista Gloria Maria durante o baile da Vogue, no Hotel Unique, em São Paulo. “Racismo é uma coisa muito séria que está sendo misturada com muita coisa inútil”, emenda. (T49, Folha)

eu sou negra e digo que ela está certa (T50, Instagram Folha, comentário)

Sou negro e pobre e não enxergo problema nenhum nisso. Parabéns a essa jornalista por contratar e essas mulheres negras. Na próxima oportunidade me contrate como escravo também. (T3, Bahia Notícias, comentário)

Sou Bahiana a e negra e não vejo nenhum problema na foto que para mim representam a Bahia e sua cultura. To começando a achar q racismo e quem vê racismo em tudo. (T6, Yahoo, comentário)

Eu também sou morena e não vejo nada de mais nessa foto. (T6, Yahoo, comentário)

De fato **eu como negro nunca fui do grupo do mimimi racial, qdo vi a foto na realidade achei legal e tudo**, talvez por ter uma cabeça mais focado em outros interesses não reparei tanto no envolvimento da cena. Só fui realmente perceber qdo o fato de tornou notícias de várias pessoas que se sentiram ofendidas com a cena. **Talvez eu não me senti tão ofendido pessoalmente pois mesmo sendo negro, pobre e etc eu nunca sofri discriminação direta!** (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

justamente por ela ter sofrido preconceito ela está afirmando que estão misturando tudo. Gloria [Maria] está certíssima. (T50, Instagram Folha, comentário)

Sou negro e não vi racismo algum nessa imagem. Acordem estamos em 2019. E nunca tinha ouvido falar dessa pessoa, antes da reportagem. Nesse caso, o recurso está nos olhos de quem vê! (T17, Youtube Jovem Pan News, comentário)

Devo ser o único negro q não vi racismo nisso, e nem estou vendo negros, o q vejo são modelos baianas temáticas numa festa e q devem ter sido mt bem pagas pra viver o papel. (T17, Youtube Jovem Pan News, comentário)

debate público e é utilizado por grupos que historicamente têm menos espaço para falar. Para a Análise de Discurso, lugar de fala é a posição de sujeito ocupada pelo enunciador no momento da enunciação. A posição de sujeito está sempre definida por valores e expectativas (por exemplo, “o que pode dizer um professor”) que modulam a produção do discurso.

b) “As próprias baianas dizem que não foi racismo”

Este sentido também está associado ao lugar de fala. Ele se baseia na ideia de que, se as baianas que trabalharam na festa - mulheres negras que legitimamente poderiam reconhecer o racismo - decidiram livremente aceitar o convite, posaram para a foto e depois foram à polícia denunciar que estavam sendo ofendidas nas redes sociais, é porque a situação não representava racismo.

As mulheres negras foram obrigadas a tirar a foto por acaso??? (T6, Yahoo, comentário)

As tais "mucamas" como dizem, teve alguma pistola apontada pra cabeça pra aceitar o trabalho? (T6, Yahoo, comentário)

Galera só não esqueçam que **as meninas que trabalharam na festa tinham a opção de não estarem ali...**alguma delas se manifestou?**gostaria de saber o que elas tem a dizer...porque do jeito que esta sendo colocado parece que elas estavam no tronco...**gostaria da visão delas a respeito dessa polêmica.... (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

Rita dos Santos refuta a ideia de que o grupo tenha sido alvo de racismo durante o aniversário. “Quem quer criticar a festa, que critique. Mas **não sou nenhuma criança para me sujeitar a qualquer papel que me rebaixe.**” (T24, Folha)

Que porta yakru! Deixa as modrlos ganharem a grana delas. **Elas se sentiram humilhadas? Nao!!! Entao, porque esses imbecis querem taxar esse evento de racista? Va a maerda!!!!** (T6, Yahoo, comentário)

As senhoras baianas são maiores de idade e vacinadas. Se querem trabalhar vestidas de baianas que trabalhem e são livres para isso. Esse comportamento controlador de tudo que as mulheres fazem nesse país é lamentável! Trabalhem sim lindas e guerreiras mulheres! Vestidas como quiserem e quando quiserem! (T24, Folha, comentário)

As próprias baianas que estavam na festa falaram que estavam de BAIANAS e que não houve nada de racismo. Elas são brancas também? (T50, Instagram Folha, comentário)

c) “É muito mimimi”

Este foi o sentido de maior incidência nos textos analisados. Ele procura reduzir a opinião contrária a algo sem relevância e sem fundamento. Para facilitar a visualização, dividimos os sentidos encontrados em cinco eixos: “mimimi, frescura”, “o câncer do politicamente correto”, “pessoas movidas pelo ódio”, “pessoas movidas

pela inveja” e “vitimização”. Todos advogam que a discussão sobre a fotografia e sobre a festa é desnecessária e exagerada.

MIMIMI, FRESCURA:

Mimimimi (T6, Yahoo, comentário)

chora mimimi, chora! (T50, Instagram Folha, comentário)

mimimi....mimimi....mimimi.....mimimi.....mimimi....tá ficando chato. (T6, Yahoo, comentário)

Quanta bobagem!! **Povinho cheio de mimimi. Nada a ver com racismo!** Alguém foi para o pelourinho na festa e foi chicoteado? **Povinho chato, sô!!!!** (T6, Yahoo, comentário)

Muito mimimi... enche o saco. (T6, Yahoo, comentário)

Donata da proxima vez entenda melhor a dualidade das ações, mias **é frescura da sociedade**, o caetano jamais participaria de evento no qual não estivesse claro as intenções das coisas. (T6, Yahoo, comentário)

Gente, **quanto Mimimi!** Socorro, **que geração mais chata! Quanto pêlo em ovo**, como vcs são acusadores. Abismada!!!! (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

O CÂNCER DO POLITICAMENTE CORRETO, TUDO É RACISMO:

Esses medíocres da "patrulha do politicamente correto " não têm o que fazer ... como não podem contribuir positivamente com a sociedade, pela própria incapacidade intelectual, passam seus dias de ócio nas redes sociais ... tentando destruir a vida dos outros. (T26, Folha, comentário)

Mais uma vítima desse câncer do politicamente correto. Que babaquice. (T26, Folha, comentário)

@voguebrasil não cai nessa não. Quem lacra não lucra. **O politicamente correto é um câncer** e hoje em dia **eh capaz de dar bom dia e a pessoa ficar ofendida pq dia não devia ter gênero masculino.... afffff** (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

Vemos o malefício da **doutrina do "politicamente correto"** na mente de todos. **Me parece uma babaquice esse tipo de repercussao patrulheira.** (T26, Folha, comentário)

Gostaria de entender **qual é o problema comas brancas, porque parece que ta virando é um preconceito com quem é branco.** Ou seja, **branco nao pode ter opiniao, branco nao pode fazer nada**, branco nao pode ser bonito, branco nao tem valor. Gente por favor, se sao todos iguais, sao todos iguais, vcs que ficam criando desigualdade. **Nossa que chatice que ta o Brasil.** (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

Esse é o mal do "Politicamente correto". Não se pode mais fazer nada. Tudo é **duscriminação, bulling, precincheito, racismo. Coisa mais chata. O povo agora se milindra com tudo.** (T6, Yahoo, comentário)

Quando fui na Bahia vi mulheres vestidas assim na rua vendendo acarajé e tb vi mulheres sentadas em cadeiras como essa jogando búzios! **Quanta hipocrisia no mundo, hoje em dia tudo e racismo!** Vejo esse povo famoso pintando o cabelo de loiro e afinando o nariz pra parecer branco isso e racismo tb??? (T6, Yahoo, comentário)

preconceitosos esse povo jornalista e outros que não tem o que fazer a pessoa a da festa que quiser **tudo agora é racismo ta ficando chato** se essas pessoas for se olhar vejam como tratam seus empregados aposto que nem olham pra as senhoras que cuidao de sua coisas agora vem questionar a festa da moça da (T3, Bahia Notícias, comentário)

Não se faz festas de super-heróis, bonecas, naturais, etc...? **Por que não se pode fazer festa temática? Ofende a cadeira????????? Ofende se as mulheres estão de baianas?** E se ela estivessem no carnaval, tb seria ofensivo? **Muito blábláblá** (T6, Yahoo, comentário)

PESSOAS MOVIDAS PELO ÓDIO:

nossa, **quanta gente cheia de ódio!** (T5, Instagram Donata, comentário)

Por favor.... quando viajarem para a Bahia nao tirem foto com nenhuma mulher negra vestida com aquele traje tradicional de (baiana) !!!!! Poderá ser considerado racismo !!!!! **Gente quanto ódio no coração desse povo... e hipocrisia...** (T4, Instagram Donata, comentário)

Vc nao deve desculpas @donatameirelles . **Essas pessoas precisam de cura. O.mundo tá chato cheio de gente q se diz certa mas é preconceituosa e invejosa!** Axé pra vc! Feliz 50 (T5, Instagram Donata, comentário)

@donatameirelles não deixe de brilhar não! Vc e a nossa alegria! Vc e maravilhosa! Vc nos traz todos os valores da vida que estamos precisando! O Brasil, precisa de vc e te ama, viu??? Acredite em mim! **Esqueça as pessoas, que pararam no tempo e estão infelizes com elas mesmas!** (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

PESSOAS MOVIDAS PELA INVEJA:

Que povo besta!!!! Isso se chama inveja!! (T5, Instagram Donata, comentário)

@donatameirelles **a inveja é muito triste não da bola para esses comentários maldosos** tu és um ícone no Brasil e de maneira nenhuma esta caracterizada alusão ao rascismo! Que absurdo! (T4, Instagram Donata, comentário)

NÃO LIGA DONATAMEIRELLES! DEIXA ESSE POVINHO MEDÍOCRE BOCEJAR SOZINHOS, NÃO MERECEM HOLOFOTES, SÃO IGNORANTES, ORGULHOS. VIVA SEU MOMENTO FELIZ! (T5, Instagram Donata, comentário)
Professora da UFBA e a Desempregada Jornalista Rita Batista, **esta roendo os cotovelos pq nao foram convidadas, e agora buscam aparecer** tecendo comentários que inerem a figura de negros como escravos, floclore nao é preconceito. Ativistas de meia tigela **buscando 15 minutos de atenção** (T3, Bahia Notícias, comentário)

VITIMIZAÇÃO:

A vida do negro se resume a isso? Precisam seguir em frente, se fala é ruim, se não, é ruim do mesmo jeito, ficarao nesse looping até quando? (T3, Bahia Notícias, comentário)

Eitaaa que o povo tá de mal com a vida, e com alta estima lá embaixo.... Vamo fazer terapia meu povo? O mundo e as pessoas mudaram... vamos melhorar este mal humor??? Estamos na vida pra ser □... a vida passa rápido... todos tem chance hj no mundo... não tem, só quem reclama... **se correr atrás, mostrar competência...** até os Estados Unidos (sempre considerado racista) teve presidente negro! **Sou mulato! De bem com a vida! E acredito em mim! Cobrar dos outros, só te leva pra baixo!!! Bora subir está alto estima e trabalhar!!!** (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

Somos muito mais que isso gente! **Vamos parar com esse mimimi chato e cafona! Cresçam, estude, lute por algo** realmente que possa ajudar alguém, já que querem criticar... comece pelos seus votos nas últimas eleições! (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

Podemos relacionar o avanço deste tipo de percepção, sobre assuntos referentes a grupos considerados minorias (neste caso, negros e a questão do racismo), com o atual avanço de uma visão mais conservadora no campo político, não somente no âmbito nacional como também no internacional.

Uma visão mais reacionária dos fenômenos sociais contribui para a negação de visões diferentes e também pode evidenciar o raso debate que ainda é feito sobre a questão racial no Brasil. Comentários como “hoje em dia é tudo mimimi” e o “mundo tá chato” evidenciam o quanto a sociedade ainda precisa discutir questões como o racismo e entender que elas não são naturais. O que percebemos é que, nos dias atuais, pelo fato das minorias terem mais voz e exigirem respeito, fica “feio” fazer “piadianhas” com elas. O “foi só uma piada” ou “não era a intenção” não é mais aceito por aqueles que sofrem com desrespeito e desigualdade social.

d) “É um delírio da esquerda”

Este sentido tem forte relação com o item anterior, acrescido de uma “disputa” que se instaurou no cenário político nacional em tempos recentes. Aqui o debate racial é perpassado pelo discurso político e ideológico, e a ideia de racismo é rechaçada porque se trataria de uma visão da esquerda que estaria se vitimizando para tirar proveito de determinada situação.

kkkk **Esses comunistas que deitam e rolam nas benesses da Lei Rouanet, ADORAM POSAR DE ATIVISTAS. SÃO HIPÓCRITAS MESMO. DEITAM E ROLAM NA ABA DO PRECONCEITO, RACISMO E OUTRAS OLICES. FAÇAM DOAÇÕES PARA CRECHES, ASILOS E O PESSOAL DE BRUMADINHO E**

DEIXEM DE QUERER POSAR DE ATIVISTAS DA CAUSA NEGRA, SEUS MANÉS !!! (T6, Yahoo, comentário)

Hoje em dia você não pode dar um peido **sem que esses ativistas comunas venham encher o saco por tudo.** (T6, Yahoo, comentário)

POR QUE NÃO FAZEM UM MUTIRÃO EM HOSPITAIS PÚBLICOS E ESCOLAS, PINTANDO, RESTAURANDO BANHEIROS ??? **ESSA ESQUERDA....GOURMET....ADORA POSAR DE "" DEFENSORES "" DOS OPRIMIDOS ENADA FAZEM...DE CONCRETO PARA OS TAIS. FORA ESQUERDALHA MALANDRA.** (T6, Yahoo, comentário)

Coloca algum politico da direita no lugar dessa infeliz da foto para ver o tamanho da **histeria da esquerda. Mais ridícula que essa foto só o discurso esquerdistas de vitimização.** (T6, Yahoo, comentário)

Ué,mas essa turminha que compareceu à festa não são os defensores dos "pretos/pobres/oprimidos",que bradou "Ele Não","Ele Nunca",mas que não vê problema nenhum em ir à festa da "elite branca opressora"?**Ah,a hipocrisia da esquerda é tão linda...** (T6, Yahoo, comentário)

A escravidão faz parte da história do povo africano do Brasil. Retirados à força da condição de selvícolas para o mundo ocidental. **Já não existem mais escravos e escravocratas, isso é mais um dos delírios da esquerda** (T6, Yahoo, comentário)

Que geração de mi mi mi, **essas ongs só vivem disso** (T6, Yahoo, comentário)

Donata Meirelles, editora da Vogue Brasil, é a **mais nova vítima de linchamentos da esquerda lacradora pequeno-burguesa.** Ao celebrar seu cinquentenário no imponente Palácio da Aclamação, em Salvador, resolveu fazer uso da cultura baiana como temática da festa, que contou com um pequeno show de Caetano Veloso para convidados. Foi o suficiente para que fosse aclamada como a mais nova racista da estação. (T16, Youtube Band, comentário)

Kkkkkkkk.... eram baianas e não escravas....

Cara, **onde o cérebro dessa esquerda lacradora vai parar?** (T17, Youtube Jovem Pan News, comentário)

Cúpula da esquerda criam narrativas mentirosas que nem eles mesmos sustentam! (T17, Youtube Jovem Pan News, comentário)

e) “É uma interpretação errada de uma foto sem contexto”

Há também quem defenda que não houve racismo a partir do argumento de que a foto teria sido mal interpretada ou utilizada fora de contexto. A maioria dos sentidos desta FD justifica esse posicionamento ao diminuir o impacto da fotografia em questão, dizendo que não passa de uma anfitriã posando com suas recepcionistas.

A ignorância deste bando de idiotas atinge os céus.....O que pode ter de referência à servidão da escravatura???? A impressão que temos é que estas baianas caracterizadas apenas são as anfitriões da festa, nada mais! Estão aí para receber convidados assim como uma anfitriã faz, só isto! (T6, Yahoo, comentário)

Foi a escolha de uma **foto sem contexto e a manchete acusatória** de um site notório pelo jornalismo enviesado **que inflamaram mais essa "polêmica"**. (T22, Folha)

O babalorixá Bill de Oxóssi tem uma opinião diferente das pessoas que a criticaram. "Não vejo racismo ali", diz. **"Por causa do próprio racismo, quando as pessoas veem uma mulher branca ao lado de várias mulheres negras, elas tendem a interpretar aquilo como racismo"**, diz. **"A ignorância é o que leva a uma interpretação errada"**, completa. (T35, Folha)

O economista e filósofo Joel Pinheiro da Fonseca, colunista deste jornal, aponta também para a **interpretação enviesada de registros de uma situação — fotografias, áudios, vídeos**. "As pessoas hoje basicamente interagem com a realidade nos moldes das redes sociais, procurando motivos simbólicos para se indignar", diz. **"Corta-se uma foto cujo contexto desconhecem, tiram conclusões e acusam as pessoas** sem nenhum impacto positivo para diminuir o racismo no país, pelo contrário, causando impacto negativo, como as baianas indo à polícia", complementa. (T35, Folha)

Parece que **o problema está na composição da foto**, onde uma mulher branca, sentada, é ladeada por outras, negras, em pé e vestidas com roupas que lembram as do período colonial. Mas, se todos os presentes dizem que são baianas vestidas em roupas de festa, numa homenagem ao modo baiano de ser, onde está a ofensa? **Já passou da hora de os militantes deixarem de interpretar o pensamento alheio e se voltarem às denúncias do que é de fato racismo nesse país**. (T21, UOL, comentário)

f) **“A maldade está no olho de quem vê”**

As sequências discursivas desta FD mostram que, para estes leitores (esta FD é formada somente por comentários), o racismo não está presente na foto e se manifesta de forma equivocada por pessoas mal intencionadas.

Se todos cuidassem de suas vidas o mundo seria melhor **a maldade esta no olho de quem vê** (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

Muitas vezes, **a maldade está no ouvido de quem ouve e não na boca de quem fala** e, hoje em dia, não se pode dizer nada, porque tudo é ofensivo. (T6, Yahoo, comentário)

Pois **a foto está linda. Racismo existe na cabeça de quem enxerga coisa onde não tem** e vive associando coisas divergentes. Pelo amor, Neh! (T22, Folha, comentário)

o preconceito na verdade está nos olhos de quem enxergou as moças vestidas de baianas como escravas. (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

Penso que **o racismo está na cabeça que viu as quituteiras como mucamas**. Uma fotografia linda, mulheres lindas e o racista revoltado por ser um anônimo...e vá saber se não é feio! Parabéns para o fotógrafo. (T22, Folha, comentário)

O olhar denuncia o autor. Talvez esse **fascínio por enxergar manifestações preconceituosas em tudo refira-se primariamente ao mundo mental desses mesmos críticos de plantão**. (T26, Folha, comentário)

Sou Bahiana a e negra e não vejo nenhum problema na foto que para mim representam a Bahia e sua cultura. To começando a achar **q racismo e quem vê racismo em tudo**. (T6, Yahoo, comentário)

Nada vê . **somos todos iguais preconceito vem de vcs mesmo** (T16, Youtube Band, comentário)

Achei que estavam vestidas de " baianas "... parece q é só colocar um negro na história de um "branco " e já o acusam de racismo.

Vcs que veem os negros como escravos...v6 que são racista. (T16, Youtube Band, comentário)

g) “As baianas vestem trajes típicos”

Este sentido contesta a polêmica em torno da imagem de Donata com as baianas, por acreditar que elas estavam trajadas com roupas típicas que representam a cultura da Bahia e não o período do Brasil Colonial. Aqui, está inserido o trecho do pedido de desculpas da aniversariante (T5), onde ela diz que não se tratava de uma festa temática, mas de uma homenagem a cultura local.

Ontem comemorei meus 50 anos em Salvador, cidade de meu marido e que tanto amo. **Não era uma festa temática. Como era sexta-feira e a festa foi na Bahia, muitos convidados e o receptivo estavam de branco, como reza a tradição**. Mas vale também esclarecer: nas fotos publicadas, a cadeira não era uma cadeira de Sinhá, e sim de candomblé, e **as roupas não eram de mucama, mas trajes de baiana de festa**. (T5, Instagram Donata)

Segundo Rita, **as roupas para o evento foram escolhidas pelas próprias baianas** e as cadeiras foram colocadas para que elas pudessem descansar. (T24, Folha)

A roupa das baianas não é um traje escravocrata, é uma herança africana. as negras com a fitinha do bonfim representam a cultura local. vc nunca foi a salvador no pelourinho e recebeu um agrado de uma baiana, como uma fitinha, com ela trajando **roupas típicas? no restaurante do sesc as meninas também usam roupas típicas, que são uma herança africana**. outra coisa completamente diferente é deturpar os trajes típicos pra fazer dessas pessoas suas mucamas. quem não consegue entender a diferença, tem sérios problemas. (T3, Bahia Notícias, comentário)

Na verdade **as baianas passaram a existir após a abolição**, pois as mulheres passaram a vender, para seu sustento, em tabuleiros na cabeça, subindo e

descendo as ladeiras do centro de Salvador, os quitutes que antes faziam de graça na casa do senhores de escravos, por não ter dinheiro para tecidos, **lavavam e alvejavam os sacos de açúcar, fazendo assim as saias e batas, para fazê-las mais bonitas, bordavam à mão, faziam torços para cobrir os cabelos** e rodilhas para proteger a cabeça do peso do tabuleiro. A Baiana é uma mulher liberta, batalhadora, empoderada, que procurava ganhar seu sustento e de sua família através do seu conhecimento e seu talento natural. (T3, Bahia Notícias, comentário)

Então vamos pedir para as baianas do acarajé mudarem seus trajés. A coisa anda ruim. Se elogia leva pancada, se critica leva também. Vou mudar para Marte. Talvez lá a frescura seja menor. (T6, Yahoo, comentário)

Conforme esclarecimento da aniversariante, foram contratadas **baianas (patrimônio imaterial da Bahia)** as mesmas que estão presentes no receptivo do aeroporto entregando fitinhas do Bonfim ou **vestidas a caráter nas ruas de Salvador** (pelourinho, vendendo acarajé, lavagem do Bonfim), **não vejo escravas, nem apologia a escravidão, vejo um dos símbolos da Bahia** (T21, UOL, comentário)

No meio que quer parecer culto abunda a ignorância, caso dessa matéria, vivi 40 anos na Bahia, **o que aconteceu foi absolutamente normal entre baianos, em varias festas as baianas se vestem com trajés típicos, como na lavagem do Bonfim ou simplesmente vendendo Acarajé**, os maus intencionados e metidos a progressistas ignoraram a própria A ASSOCIACAO DAS BAIANAS DE ACARAJE , MINGAU, RECEPTIVO E SIMILARES que apoiaram o modo como foi feita a festa e a cadeira ou trono como queiram é do ritual do CANDOMBLÉ , crença das baianas da festa. (T32, Estadão, comentário)

O Racismo existe. Mas frequentemente o combate ao racismo consegue ser ainda mais racista. O que se vê de na festa de Donata Meirelles, não é racismo. Ao contrário, **é uma homenagem à cultura, a cor e à beleza negra.** Só estúpidos podem ver racismo aí. Nesse momento somos todos Donata Meirelles, e as bravas e lindas mulheres negras que compõem a cena, que dignificam o fato. (T22, Folha, comentário)

Gente chata, hipocrita, mi mi mi sem sentido! **As baianas recebendo as pessoas são uma instituição na cidade!** (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

Eu vi 2 baianas, não vi 2 escarvas, as baianas representam A Bahia que era o tema da festa, acho que as pessoas não entenderam isso (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

h) “A cadeira é uma homenagem ao candomblé”

Nesta FD os sentidos identificados estão relacionados às FDs anteriores ao também afirmarem que a situação foi mal interpretada, porém, aqui, a justificativa é feita através da simbologia da cadeira na foto.

A cadeira gerou um dos principais pontos de discussão ao longo do acontecimento. Uma leitura foi de que era uma cadeira de sinhá. Donata contestou essa leitura e disse que se tratava de uma cadeira do candomblé, que estava ali

como uma homenagem à cultura baiana. Neste conjunto de trechos, o racismo é descartado em razão dessa “homenagem”.

Donata deu a sua explicação para aquela cadeira. Disse que era um móvel do candomblé e que as moças usavam aquela indumentária como um traje típico. Não, ninguém lembrou das alas das baianas de todas as escolas de samba do Rio, incluindo a Unidos de Tuiuti, ou das baianas do Pelourinho. Para quê? O importante é fuzilar, mesmo sendo contra o porte de armas. (T37, O Povo)

Segundo a turma do lacre, a festa da diretora da Vogue na Bahia incitou o racismo por ter mulheres negras vestidas de escravas ao lado de uma mulher branca sentada no trono da Sinhá. Só que as mulheres estavam em **trajes baianos típicos do Candomblé e o trono também representa essa religião**. (T33, Jornal da Cidade)

Isso é roupa de baiana de acarajé. **Cadeira de candomblé**, e festa baiana SEUS BURROS! (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

A vogue no vê fez uma festa típica BAIANA em que as vestes são usadas por baianas de acarajé, e **quanto a cadeira são usadas por Mãe de Santos no candomblé. Ela só quis homenagear a cultura Baiana**. Deixem de MI MI MI e se informem melhor sobre a Bahia a nossa cultura sobre comidas musicas religião e trajes. (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

i) “Não existe racismo no Brasil”

Em nossa pesquisa nos deparamos com esse comentário de um leitor da Folha de São Paulo que afirma não existir racismo no Brasil, em razão da miscigenação presente no país. Apesar de não termos encontrado esse sentido em outros textos, optamos por mantê-lo porque ele materializa a teoria do racismo estrutural na qual este trabalho se fundamenta e que aprofundaremos adiante.

É preciso não confundir preferências individuais por uma ou outra etnia com discriminações, ofensas e outras formas de agressão. **Se houvesse racismo no sentido exato da palavra aqui no Brasil, não teríamos toda essa miscigenação que temos hoje**, dificilmente vista em outros locais do planeta. Os assim chamados pardos ou morenos, por ex, são o resultado de quê? Só de estupros? (T49, Folha, comentário)

j) “Racismo é querer se impor pela raça”

Este sentido está presente nos comentários de leitores em uma matéria publicada pelo jornal Gaúcha ZH (T38) que tratava do abaixo-assinado proposto por ativistas negros para que uma estilista negra assumisse o cargo de Donata Meirelles

na Vogue Brasil após seu pedido de demissão. Para estes leitores, o pedido era inoportuno, visto que foi baseado na questão racial e isso não justificaria a proposição da estilista para o cargo em questão.

Matéria bem lamentável. **A pessoa se destacar pelo trabalho sem problema...mas pelo ódio. Desnecessario** (T38, Gaúcha ZH, comentário)

Típico racismo. Um movimento querer impor suas idéias. Não é por esse caminho. (T38, Gaúcha ZH, comentário)

Querem mandar até em empresas privadas....Só pela argumentação já estaria fora... (T38, Gaúcha ZH, comentário)

5.2 Houve racismo

Apresentamos agora os sentidos que sustentam a segunda grande FD identificada em nossa pesquisa. Os sentidos que seguem referem-se aos trechos e comentários com a percepção de que houve racismo, tanto na foto originalmente postada, quanto na festa como um todo. Vale ressaltar que o acontecimento Donata Meirelles se desenvolveu em razão dessa linha de comentários nas redes sociais.

O que percebemos é que muitas destas interpretações exemplificam a percepção do racismo *estrutural* apresentada por Almeida (2018) e que discutimos anteriormente neste trabalho. Para o autor “o racismo é parte da ordem social” (ALMEIDA, 2018, p. 36), ele está presente nas relações cotidianas no Brasil, e, para além de manifestações individuais, precisamos lançar um olhar estrutural sobre o assunto. Em entrevista ao Nexo Jornal, logo após a repercussão do acontecimento em questão, Almeida comentou o tema:

Quando falo de cotidiano, estou me referindo às relações políticas, econômicas e afetivas. **A normalidade dessas relações, que são parte da vida social, é atravessada pelo racismo** e pelo que o racismo evidencia que é a desigualdade.

No caso da festa [de Donata Meirelles], veja que ali nessa festa as pessoas que se colocaram em defesa da diretora da revista são pessoas que mantêm uma relação afetiva com ela e, portanto, **o racismo se naturaliza até mesmo dentro de relações que são afetivas.**

O racismo faz parte da vida social e a gente não consegue compreendê-la de uma maneira objetiva, real, verdadeira, sem olhar de que forma ele se naturaliza e constitui os afetos das pessoas – de tal forma que uma pessoa pode se considerar “muito boazinha” e reproduzir nos seus atos hierarquias raciais, colocando-se no seu lugar e colocando os outros em seus lugares, apesar de ter relações afetivas com essas pessoas. (T25, Nexo)

Em resumo, para o autor, o racismo brasileiro é decorrência da própria estrutura social e da normalidade com que se constituem essas relações sociais no país. Aqui, podemos inclusive compreender alguns sentidos apresentados em nossa primeira FD, visto que “comportamentos individuais [...] são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção” (ALMEIDA, 2018, p. 38).

As sequências discursivas que seguem mostram este ponto. Para muitos, quem não enxergou racismo na festa é porque desconhece a realidade da desigualdade social ou quais foram as consequências da escravidão para o Brasil.

a) “Sinto as dores dos meus ancestrais”

Esta FD é formada por falas de pessoas que justificam a percepção de racismo em razão das mazelas dos seus antepassados. Aqui, percebemos o quanto as feridas do período da escravidão ainda estão presentes em nosso cotidiano e são sinônimos de dor e tristeza para muitos. Destacamos nesta sequência a postagem da cantora Elza Soares em seu Instagram, onde ela afirma: “Feridas que não se curaram e são cutucadas para mantê-las abertas demonstrando que ‘lugar de preto é nessa Senzala moderna’, disfarçada”. A fala de Elza Soares teve grande repercussão nos veículos jornalísticos, levando o debate para esses espaços.

Sou bisneta de escrava, neta de escrava forra e minha mãe conhecia na fonte as histórias sobre o flagelo do povo negro. Protesto pelos direitos da minha raça desde que preta não entrava na sala das sinhás. Gentem, **essas feridas todas eu carreguei na alma e trago as cicatrizes. A maioria do povo negro brasileiro. Feridas que não se curaram e são cutucadas para mantê-las abertas** demonstrando que “lugar de preto é nessa Senzala moderna”, disfarçada, à espreita, como se vigiasse nosso povo. Povo que descende em sua maioria dos negros que colonizaram e construíram o nosso país (T11, Instagram Elza)

Terão pessoas nesse post que falarão que não viram problemas nenhum que é mimimi e por aí vai, pois quando não se sabe argumentar utilizam dessas falácias pra tentar reverter o irreversível. **A branquitude ama vivenciar o ranço da escravidão, porque eles gostariam que não tivesse acabado** mas, será que acabou? Vivemos na tal escravidão moderna, onde **nossas dores viram fantasias, decoração de festas pra beneficiar o mal gosto das sinhás e sinhóres**. A senzala moderna continua sendo o quatinho da empregada”, continuou Preta, que citou **a dor que sente toda vez que vê a história dos antepassados ser ‘glamourizada’**. (T6, Yahoo)

“Quando leio sobre escravidão dá um nó na garganta, arrepiam a pele e é óbvio que sinto meu corpo doer, sinto as dores dos meus ancestrais, afinal de contas fazem apenas 131 anos que o Brasil ‘deixou’ de ser escravocrata.

Nossas dores não pode ser fantasias, estampa de roupa ou decoração.” (T6, Yahoo)

Matéria escurecedora! Parabéns Folha! Não é mínimi, **negros são invisibilizados e assassinados todos os dias nesse país, na rua, na favela, em supermercados. Negros somos todos nós brasileiros. Precisamos respeitar e, melhor, compreender essa história de dor.** Nosso espírito festeiro vem da África mas as piores humilhações também. Precisamos construir esse outro olhar. (T35, Folha, comentário)

São anos de desculpas pós atos que nos invisibilizam e reforçam todo o racismo velado do qual passamos todos os dias a milhares de anos! São desculpas vazias do alto de seus privilégios, que não são sinceros, por q na real vcs não sentem. Vcs não passam, a sinhá não vê, por q a sinha vive na bolha dela. Sim são desigualdades históricas que jamais serem reparadas, e o aprendizado já está rolando a muito tempo porém só vê ou tem sororidade, quem escuta o lugar de (FALA). Queremos atitudes e notaremos nas suas capas o que realmente pensam já que desceram pro play da vida real! (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

temos nosso lugar de fala e de escuta. Obrigatoriamente, **devemos ser anti racistas**, nos observar pra não reproduzir a cultura e, combata-la. **É o que cabe a nós. Afinal, não nos cabe julgar uma realidade que não vivemos.** Este, é nosso lugar de escuta, de empatia, reflexão e compreensão. (T50, Instagram Folha, comentário)

b) “Muita gente tem saudade da escravidão”

Este sentido evidencia mais uma vez a teoria do racismo estrutural de Almeida (2018, p. 42), para quem “a especificidade da dinâmica estrutural do racismo está ligada às peculiaridades de cada formação social”. Os trechos que seguem manifestam indignação diante de pessoas que demonstram desconhecer a realidade do Brasil colonial ou exibem uma visão nostálgica da escravidão.

Quando falamos de racismo estrutural, o adjetivo estrutural indica que o racismo não é apenas o resultado de atos voluntários, que se limitam ao plano individual. O racismo, na verdade, é um processo no qual até mesmo de maneira inconsciente as pessoas reproduzem a desigualdade racial presente em nossa sociedade.

Na ocasião da foto de Donata, a historiadora Lilia Schwarcz também se pronunciou: “Alguém me explique o que faz uma diretora de uma famosa revista feminina, a Vogue, dar uma festa de aniversário em Salvador, no dia 8 de fevereiro, **em ambiente escravocrata do Brasil colonial?**”. “E o que faz uma pessoa se vestir de sinhá, e ficar recebendo os convidados ao lado de duas mucamas? É isso que se chama racismo estrutural!”, continuou [Lilia Schwarcz]. “Muito triste esse nosso país que cria **essa falsa nostalgia de um passado**

romântico que jamais existiu. O dia a dia da escravidão foi duro e violento. Não há nada para comemorar ou celebrar." (T13, Folha)

A mestre em filosofia e escritora Djamila Ribeiro, uma das mais importantes vozes atuais no país sobre relações étnicas, se posicionou sobre o fato no Instagram. Djamila afirmou: "**Essa festa tratou pessoas negras de maneira muito desrespeitosa, remetendo a uma herança colonial.** O que me incomoda em tudo isso é a conivência. As pessoas que lá estavam agem como se nada tivesse acontecido", falou a filósofa. (T21, UOL)

O ator baiano Erico Brás afirmou em vídeo postado na internet que **as imagens da festa comprovam que "brancos têm saudade de ver a gente amarrado no tronco, têm saudade da escravidão"**. (T21, UOL)

A jornalista baiana Rita Batista foi uma das primeiras a questionar o "tema" escolhido. "Já **as escravas de casas ricas eram adornadas por seus próprios senhores.** Quando saíam para as ruas acompanhando suas senhoras ou crianças, eram exibidas em trajes finos e carregadas de joias. **A própria escrava era um objeto de ostentação do dono, um objeto de luxo a ser mostrado publicamente**". Trecho do livro "Jóias de Crioula" de Laura Cunha e Thomas Milz. A primeira foto foi tirada entre 1870 e 1880 por Guilherme Gaensly, a segunda é de 2019 mesmo", escreveu. (T3, Bahia Notícias)

Lamentável, essa idéia da diretora da vogue , com tanto tema interessante para comemorar o aniversário , **ela faz escolha obtusa , própria de uma mentalidade do século XVI , quando no Brasil se instituiu essa chaga chamada escravidão onde mucamas abanavam as lânguidas e indolentes, senhoras , damas.** Tal fato deve sim ser estudado aprofundado ,mas nunca ser tema de aniversário pois são incompatíveis. A propósito , toda obra de Jessé Souza devia ser estudada, onde ele fala da subcidadania brasileira ,explica a classe média ,e mostra que a ideia dominante sobre o país, **é a escravidão o que de fato marca a sociedade brasileira.** Segundo esse autor, a escravidão era a instituição que influenciava todas as outras e se mantém influenciando ,até os dias de hoje. Certamente estudando , se informando a senhora Donata Meirelles, se tornará elegante sensata ao escolher temas para os futuros aniversários que com certeza serão muitos. AbraçoGrnd (T3, Bahia Notícias, comentário)

Realmente é um **comportamento racista, nostálgico dos tempos em que a elite branca posava de rei em suas propriedades.** O pior desta festa não é isso. O pior é chamar a Regina Casé. Que mal gosto ! (T6, Yahoo, comentário)

No Brasil o racismo é transmitido de pais para filhos como uma tara, **herança do crime colonial de outrora.** (T6, Yahoo, comentário)

Ora, basta ver quem foi eleito presidente do Brasil para constatar o quanto esse país é racista, Só nesse Brasil ainda colonial e retrógrado um presidente que deu tantas declarações racistas, enrustidas ou não, seria eleito. De fato, como afirmou o ator Erico Brás na matéria, **tem muita gente da elite e classe média do Brasil que tem saudades da escravidão. Aliás, são os mesmos que tem saudades da ditadura...** (T21, UOL, Comentário)

O que a festa temática denunciada nas redes sociais mostra é que ainda há racismo nas relações sociais e trabalhistas. **Brincar com este passado bom de Sinhá;** brincar com a possibilidade de ser rodeada diuturnamente por pessoas serviçais, desprovidas de qualquer direito é, sem dúvida, a reprodução do **racismo que ainda hoje está na memória da país e da elite que tem medo de partilhar seus privilégios.** (T36, Gaúcha ZH)

O registro causa enjoo. Ali está a **encenação de nostalgia colonial, racista e escravocrata**, congelada numa imagem que funciona como síntese da elite brasileira. A foto da festa de 50 anos de Donata Meirelles, diretora da revista Vogue, **evoca e faz reviver as “cadeirinhas de carregar” do século 19, com dois escravos ao lado de uma figura branca ao centro** (T9, Brasil de Fato)

E depois dizem que o racismo é "mimimi"... que preto é "vitimista."
Racismo é crime e dói sabia? **A elite branca tem "saudades" de dar umas "chibatadas" em um lombo preto.** Já não basta tanto sofrimento do meu povo nesse racismo velado? Agora tem o racismo "recreativo"...bando de hipócritas. (T16, Youtube Band, comentário)

A escravidão foi algo repugnante **quem se prestou a esse papel deve sentir saudades desse horror todo** (T16, Youtube Band, comentário)

c) “O racismo é estrutural”

Nesta FD os sujeitos demonstram conhecimento sobre o racismo estrutural e se apoiam nessa compreensão para justificar que houve racismo no acontecimento Donata Meirelles. Aqui as pessoas acreditam que a dificuldade de perceber o racismo, neste caso específico, deriva da dificuldade de enxergar o racismo no país de modo geral. Para elas, no Brasil o racismo não se apresenta na sociedade somente através da “violência direta”, como a ofensa e a discriminação. O racismo se dá por diversas facetas, bem como: o racismo institucional, a apropriação cultural e o racismo recreativo, entre outras demonstrações racistas.

"E o que faz uma pessoa se vestir de sinhá, e ficar recebendo os convidados ao lado de duas mucamas? **É isso que se chama racismo estrutural!**", continuou [Lília Schwarcz]. "Muito triste esse nosso país que cria essa falsa nostalgia de um passado romântico que jamais existiu. O dia a dia da escravidão foi duro e violento. Não há nada para comemorar ou celebrar." (T13, Folha)

O que uns chamam de "absolutamente normal" tem outro nome na antropologia: **racismo estrutural, ou seja, isso está tão enraizado na nossa cultura que se torna invisível aos olhos de muitos. Inclusive das próprias baianas.** (T32, Estadão, comentário)

Próxima capa de Vogue Brasil: O que é Racismo Estrutural. (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

Quando a pensadora americana Angela Davis fala que **não basta ser contra o racismo, é preciso ser antirracista**, ela quer dizer para todas as pessoas que esse passado para ambas as origens é ruim e que **racismo é um problema social e de todos.** Mais ainda: que, para mudá-lo, todos precisam denunciar, renunciar a privilégios e entender que a estrada não é a mesma de quem sentou no cadeirão ou de quem está ao lado sorrindo como um enfeite de festa temática. (T36, Gaúcha ZH)

A perversidade é tão grande que as profissionais, baianas negras, sentem-se obrigadas a sair em defesa dos seus algozes, assim como negras e negros eram “obrigados” a serem “pretos (as) da “Casa Grande”. Assim, o racismo se retroalimenta, com um altruísmo deletério e seletivo, onde negras e negros são queridos quando se encontram nas “senzalas” contemporâneas, preferencialmente com vestes e poses que fazem alusão à condição de mucamas. **O racismo que estrutura o nosso País não pode se naturalizar nem muito menos ser atenuado por um pedido de perdão** e sob a justificativa de (falso) afeto. (T20, Jornalistas Livres)

Esclarecimento não é desculpa. Esclarecimento não é retratação. Esclarecimento não restitui o dano moral em reproduzir violências ao povo negro que a cada dia tem que exigir igualdade e oportunidades iguais, que reza para não morrer. Esclarecimento não é nada. Não houve mal entendido. **Houve reprodução de um racismo estrutural que só nos destrói enquanto sociedade e perpetua injustiças históricas.** (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

Primeiro que **preconceito não é opinião**. Segundo que se existem professores de história que ignoram essa parte ou não acreditam no que lecionam, eles estão precisando rever a matéria que escolheram lecionar. **Racismo é história, não fui eu que inventei, não foi um comentário que fizeram e eu não gostei, não é mimimi**. Se não dói em você, respeite que dói no outro e ponto final, não há o que discutir. (T50, Instagram Folha, comentário)

O racismo faz parte da vida social e a gente não consegue compreendê-la de uma maneira objetiva, real, verdadeira, sem olhar de que forma ele se naturaliza e constitui os afetos das pessoas – de tal forma que uma pessoa pode se considerar “muito boazinha” e reproduzir nos seus atos hierarquias raciais, colocando-se no seu lugar e colocando os outros em seus lugares, apesar de ter relações afetivas com essas pessoas. (T25, Nexa)

Após a repercussão do acontecimento na mídia e nas redes sociais, a revista Vogue Brasil lançou uma nota de esclarecimento em seu Instagram oficial sobre o caso. Abaixo, selecionamos alguns comentários feitos na postagem em que os internautas cobram uma abordagem mais diversificada dos conteúdos da revista como prova de sua real preocupação com a diversidade.

Este sentido conversa novamente com as argumentações de Almeida (2018, p. 39), que diz que, para além de medidas que combatam o racismo individual, é “imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas”.

Lamento profundamente essa nota de esclarecimento. Além do fórum, **criem funções estratégicas com profissionais negros, com mulheres negras.** (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

Acredito que para começar : **quantas modelos, estilistas, maquiadores, produtores, stylists, diretores, gerentes, assistentes etc etc NEGROS há na @voguebrasil ?!** Vocês têm esse número !? Se preocupam em dentro de casa ter essa diversidade ?! Além disso **vocês são uma empresa de COMUNICAÇÃO em**

um país RACISTA que mata jovens negros minuto a minuto ... fazer uma capa/editorial com uma modelo negra a cada 6 ou 7 edição como uma “cota pra não ficar feio” não é o suficiente ! Sejam efetivos nas ações e não irresponsáveis como tem sido desde sempre ! Convidem @spartakus @pretararaoficial @samukgomes4 e outras tantos que estão debruçados sobre o tema para entrar na Vogue e ajudá-los nessa tão sonhada e glamurizada desconstrução ! Aí sim isso não vai passar com só mais um ato falho de uma comunicadora como Donata e tantos outros que dia a dia ainda reforçam a ideia de o branco é melhor, mais bonito, mais “chic” ... (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

Como acabar com o Racismo Corporativo de uma Estrutura ESTRUTURADA e ESTRUTURANTE? Digo, até na NOTA de “ESCLARECIMENTO” a Vogue Brasil é RACISTA. Desculpem, mas **o fórum não é necessário enquanto o próprio #TeamVogueBrasil não for ocupado por Representatividade.** (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

d) “Só branco diz que não é racismo”

Esta FD traz de volta a discussão sobre o lugar de fala. Segundo esses sujeitos, apenas pessoas brancas estavam negando a existência de racismo no acontecimento. Isso demonstraria, por uma lógica reversa que houve racismo, já que pessoas brancas não teriam competência para essa identificação.

Só to vendo gente branca elogiando a glória maria. Interessante (T50, Instagram Folha, comentário)

É fácil um "branco" que nunca sofreu preconceito falar que racismo é "mimimi". VTNC BABACA (T50, Instagram Folha, comentário)

Alguém aponte onde a branquitude passa e não deixa rastro de destruição, pois é sempre a mesma história. Pretos perdem o trabalho, a saúde, a vida. Brancos pedem desculpas. (T24, Folha, comentário)

Os brancos brasileiros são uma vergonha. Elite que atrasa o Brasil.horrível!!!! (T16, Youtube Band, comentário)

Não sei o que me dói mais, uma festa que marca no tempo algo que nunca saiu de nós, **vocês brancos de acharem que lugar de negro é na senzala ou 3 jornalistas brancos falando de assuntos como estes.** Qual a cor da pele das pessoas atrás das cameras e nos camarins limpando o que vocês fazem? (T16, Youtube Band, comentário)

e) “A elite brasileira não vê racismo”

Reforçando a FD anterior, mas ampliando para a esfera econômica social, este sentido destaca os privilégios da elite brasileira. O Brasil tem uma forte

hierarquização social, e o racismo se reproduz nessa estrutura de classes porque é dentro dela que o preconceito de cor exerce seu poder.

O registro causa enjoo. Ali está a encenação de nostalgia colonial, racista e escravocrata, congelada numa **imagem que funciona como síntese da elite brasileira**. A foto da festa de 50 anos de Donata Meirelles, diretora da revista Vogue, evoca e faz reviver as “cadeirinhas de carregar” do século 19, com dois escravos ao lado de uma figura branca ao centro (T9, Brasil de Fato)

É mto fácil uma negra [Gloria Maria] que só anda com elitedizer isso, e outra, ela já sofreu preconceito sim! (T50, Instagram Folha, comentário)

Ah, concordo não, **essa gente de "elite" vive outro mundo, a Glória Maria é negra mas pertence a essa elite unida**, era convidada da festa, jamais criticaria a amiga.. (T50, Instagram Folha, comentário)

Ninguém faz festa temática de Auschwitz por motivos óbvios, mas **a elite brasileira acha de bom tom fazer festa escravocrata... Essa galera é sem noção !** (T5, Instagram Donata, comentário)

Fico pensando se a Donata, em uma de suas viagens para a Europa, já visitou o Museu do Holocausto, em Berlim. Provavelmente, sim. E me pergunto se ela teria vontade de fazer uma festa (com direito à foto e postagem nas redes sociais) com o tema "nazismo", com figurantes judeus representando quem era escravizado e exterminado àquela época. Seguramente, não. (T32, Estadão, comentário)

@donatameirelles **vc é racista sim! Se aproveitou da cultura de todo um povo pra enaltecer o lixo da tua festa** e agora vem pagar de santa! Seja mulher... **O dinheiro pode comprar tudo! Menos caráter** e isto te falta! @voguebrasil esperava muito mais de vocês!!! (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

Além da cobrança de um posicionamento da elite sobre o assunto, muitos internautas também cobraram uma posição dos artistas que se envolveram no acontecimento. Abaixo, segue uma sequência destes discursos encontrados em nossa pesquisa:

No Brasil, terra onde a escravidão é romantizada, **tem muitos artistas que vivem tranquilamente como se por nada fossem responsáveis** ou com nada se responsabilizassem. Artistas que convivem com cenários coloniais com uma naturalidade espantosa, como ficou nítido recentemente na festa de Donata Meirelles, chefe da revista Vogue, que achou de bom tom remontar o cenário colonial com mulheres negras vestidas de mucamas e brancos brindando suas taças e posando em tronos de candomblé - que para muitos eram tronos de sinhá. Donata é casada com o publicitário Nizan Guanaes, envolvido com a propaganda positiva de agrotóxicos a serviço da bancada ruralista, e ambos recepcionaram a **elite política e artística do País, entre a qual parte que se diz engajada como Caetano Veloso, a família Gil, Regina Casé, entre outros.** (T8, Carta Capital)

O PIOR é ver **vários artistas passando pano pra ela, falando que é mimimi!** Que NOJO (T12, Instagram Vogue Brasil, comentário)

o mesmo ocorre com a **família Gil que foi à festa e tentou passar pano** até que viram a repercussão e vieram com textão. Todos eles se casam só com brancos, desde o avô até o neto. Tentam a todo custo embranquecer a família. **Vc acha que eles iam enxergar racismo em algum lugar? Com certeza nunca entraram numa loja e foram revistados na saída ou foram abordados pela polícia de forma truculenta.** Hipocrisia! (T50, Instagram Folha, comentário)

eu ia falar isso tb, **família Gil, Regina Casé e etc.. como eu falei, é outra realidade, não representa o preto/ pobre da periferia..são coniventes,vivem numa bolha,** lá, ninguém solta a mão de ninguém, mesmo, por nada (T50, Instagram Folha, comentário)

Os artistas estão todos aqui batendo palmas, tapando os olhos e fingindo que nada aconteceu com medo de não serem convidados para o Baile da Vogue Vergonha Brasil! (T5, Instagram Donata, comentário)

f) “A cadeira não é homenagem ao candomblé”

Ao explicar que a decoração de sua festa não fazia referência ao Brasil Colonial e sim era uma cadeira de candomblé, em uma homenagem à cultura baiana, Donata Meirelles abriu uma nova página nas discussões sobre o assunto. Esta FD é revelada por trechos em que a principal argumentação é a apropriação cultural das religiões de matriz africana.

Para Sthepanie, o uso do candomblé também representa um desrespeito à cultura negra. **“Quem realmente leva o candomblé a sério não usa como uma decoração.** Ou a cultura negra é visto como algo que dá medo ou é algo que é exótico, diferente, festivo. São dois lugares muito desumanos”, declarou ao site Universia. (T8, Carta Capital)

Infelizmente, trata-se de uma realidade não apenas na Bahia, mas no Brasil. Aliás, mesmo que a cadeira seja a de candomblé e não de Sinhá com mucamas, a história fica mais grave, pois **as cadeiras no culto candomblé são apenas permitidas por iniciados que tenham dadas e feitas todas as obrigações, o que equivale a mais de 7 anos.** Portanto, somente Yalorixás e Babalorixás podem se sentar nestas sagradas cadeiras! (T21, UOL, comentário)

O ambiente escravocrata do Brasil colonial não pode ser um fetiche. **A cena remete automaticamente à imagem da sinhazinha, acompanhada pelas escravas – que eram vistas como artigos de luxo.** Em seu pedido de desculpas, Donata disse que a cadeira não era de Sinhá e sim de candomblé. A justificativa não amenizou a situação, pois ainda assim **está longe do razoável se apropriar de símbolos sagrados de uma religião afro-brasileira** como adorno de uma festa que claramente remete ao período da escravidão. (T32, Estadão)

Aprofundando a discussão, selecionamos também trechos de artigo publicado no Brasil de Fato (T9), em que o antropólogo Hélio Menezes analisa a simbologia da

cadeira e afirma que a cadeira da foto é uma versão estilizada do objeto que se tornou emblemático dos ativismos e resistências negros.

Antropólogo que sou, obcecado pelo poder dos símbolos e das imagens, tive porém meu olhar capturado pelo elemento cênico que protagoniza a composição: a cadeira ao centro da foto. **Trata-se de versão estilizada da cadeira pavão de vime, objeto que tornou-se emblemático dos ativismos e resistências negros. Sobretudo a partir de seu aparecimento ao centro de outra imagem, uma que veio a tornar-se icônica de toda uma geração: a fotografia de Huey P. Newton, fundador e então Ministro da Defesa do Partido dos Panteras Negras**, de autoria atribuída a Blair Stapp (1967). (T9, Brasil de Fato)

O símbolo é forte demais, negro demais, ancestral demais para ser profanado por sinhazinha moderna, socialite-diretora descafeinada de revista de moda. “Não é possível”, pensei comigo, “ela não pode estar fazendo isso” (T9, Brasil de Fato)

Como já dito, esta análise identificou duas grandes FDs que nos permitiram identificar os principais sentidos sobre o racismo a partir do acontecimento Donata Meirelles. Com base nos 50 textos analisados, constatamos uma evidente divisão entre aqueles que percebem e aqueles que não percebem o racismo como parte da realidade brasileira.

Estes sentidos nos ajudaram a compreender como o jornalismo, as redes sociais e os consumidores desses espaços discutem o tema. É inegável que os meios de comunicação exercem importante papel nas estruturas sociais, principalmente nos dias atuais com as facilidades impostas pela internet. Para Van Dijk (1997), é provável que não exista outra prática discursiva, exceto a conversação cotidiana, que se pratica com tanta frequência e por tanta gente como no segmento de notícias. Por conseguinte, os discursos de raça, classe e outras identidades sociais difundidos nesses espaços nos ajudam a compreender os sentidos dados a esses assuntos.

Assim, os discursos contribuem para a construção da identidade e das relações sociais dos sujeitos inseridos nesse sistema. Ao observarmos o acontecimento que norteia esse estudo e os sentidos dados a ele, percebemos que o racismo ainda é um assunto que precisa ser discutido com maior profundidade pelos meios de comunicação, que, nesse caso específico, mais reproduziram discursos do que geraram reflexões.

Já a partir dos sentidos que partiram dos comentários dos leitores ou dos usuários das redes sociais, percebemos o quanto a internet torna possível identificar as reações e verificar o que as pessoas estão pensando. A internet foi o instrumento que nos permitiu entender as nuances do debate em torno do racismo e as reflexões sobre o tema. Mas vale ressaltar que, assim como afirma Almeida (2019, online), “a única maneira de compreender o racismo e de dismantelar uma sociedade racista é por meio da reflexão e da autorreflexão, o que não se faz nas redes sociais”. Essas questões dificilmente serão transformadas por meio da dinâmica das redes, que raramente geram um debate mais profundo nesse sentido, mas compreender alguns discursos tão comumente repetidos nestes espaços é importante para identificar os posicionamentos e as perspectivas da sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir a temática racial em um país como o Brasil não é uma tarefa fácil. Por aqui, a população negra ainda é a mais afetada pela violência e pela desigualdade, fruto de mais de 300 anos de escravidão e 131 anos de negligência do período pós-abolição. Apesar das dificuldades, debater o racismo é essencial para combatê-lo, porque, assim como diz Angela Davis, *numa sociedade racista não basta não ser racista, é necessário ser antirracista*.

Durante toda a minha jornada acadêmica optei por tratar desta temática na maioria das tarefas que desenvolvi e não poderia ser diferente em meu trabalho de conclusão de curso. Porém, no início desse processo eu não imaginava que terminaria este TCC com ainda mais certeza da naturalização do racismo em nossa sociedade. Sempre soube de sua existência, mas ler alguns dos comentários de nossa análise foi doloroso e impactante, pois agora não restam dúvidas de sua presença e do quanto ainda não tratamos do tema com a profundidade que merece.

Este trabalho tinha o objetivo de analisar o discurso sobre o racismo, mapeando as percepções sobre sua existência ou não no acontecimento Donata Meirelles. Esse caso específico não era nosso objeto de estudo inicial, mas, por ter ocorrido no processo de construção desse trabalho e permitir debater o tema, se tornou o objeto empírico ideal, por sua atualidade e relevância.

A agora ex-diretora de estilo da revista Vogue Brasil, com certeza, não se imaginava no centro de uma discussão sobre racismo ao planejar sua festa de aniversário de 50 anos. Com uma decoração que fazia lembrar o período do Brasil Colonial, auge da escravidão em nossa história, e ao postar uma foto em seu Instagram onde aparecia sentada em uma cadeira de vime branca, entre duas mulheres negras de trajes brancos, que lembravam as sinhás e suas escravas daquele período, Donata despertou uma discussão que primeiro tomou o debate nas redes sociais, e, posteriormente, o jornalismo.

Para compreender nosso objeto, trabalhamos conceitualmente os significados do racismo e do discurso jornalístico. Começamos com um delineamento dos conceitos de raça e racismo no Brasil, partindo da chegada dos primeiros escravos

em território nacional até o período pós-abolição, para compreendermos como as desigualdades sociais no Brasil estão calcadas na cor da pele.

Adotamos o termo “racismo” através dessa premissa, percebendo-o como algo além do preconceito racial, como uma forma de hierarquização e exclusão em nossa sociedade. Para analisá-lo mais profundamente nos apropriamos das teorias de Almeida (2018), que o classifica em três concepções distintas para entender seus efeitos nas esferas políticas, econômicas e cotidianas. O primeiro é o conceito de *racismo individualista*, que pode ser considerado um fenômeno ético ou psicológico (individual ou coletivo) direcionado a grupos isolados. O segundo conceito é o *racismo institucional*, em que o racismo não se manifesta de maneira individual, mas é tratado como resultado do “funcionamento” das instituições.

O terceiro conceito, que guiou esta pesquisa, é o de *racismo estrutural*. Segundo Almeida (2018), para compreendermos e combatermos o racismo precisamos percebê-lo como algo que está presente em nossa estrutura social. O racismo está incrustado nas relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, ou seja, ele não é somente uma patologia social, o racismo é estrutural.

Outra importante teoria que nos ajudou a compreender nosso objeto é a interseccionalidade. Ao entendemos que a identidade do negro no Brasil é um constructo complexo que resulta da inter-relação de diversos marcadores, como etnia, classe social, gênero e idade, entre outros, percebemos que as dinâmicas de opressão, quando imbricadas, tornam seus alvos mais vulneráveis e produzem contranarrativas e ressignificações que precisam ser consideradas ao pensarmos esses discursos.

Com esses conceitos de raça e racismo, partimos para a exploração dos elementos jornalísticos que nos auxiliaram na análise do objeto empírico. Neste momento, foi preciso delimitar o papel do jornalismo, visto o importante lugar que ele ocupa nas sociedades democráticas, por ter como dever contribuir para a cidadania e participar ativamente da construção das comunidades. Delimitamos também o conceito de discurso jornalístico adotado em nossa pesquisa. Aqui, entendemos o jornalismo enquanto um gênero discursivo que assume um papel de mediação, fornecendo um sentido comum para a experiência e a coesão social.

Seguindo essa perspectiva teórica, nos debruçamos na compreensão do acontecimento jornalístico para entendermos por que o caso Donata Meirelles extrapolou as discussões nas redes sociais e dominou o debate público através do jornalismo. Percebemos que o evento em questão possuía as seguintes etapas inerentes a um acontecimento jornalístico: emergência da ocorrência, controvérsia, consequências que reorientam a controvérsia, emergência de novos acontecimentos e a recordação. Ele também se configura como um ciberacontecimento, como define Henn (2013), por colocar em constante relação os veículos jornalísticos e os sites de redes sociais.

Ao estabelecermos que nosso objeto empírico era um acontecimento jornalístico, partimos para a apresentação cronológica do fato através dos textos selecionados, a fim de compreendermos suas especificidades e os sujeitos que promoveram o debate e compõem a nossa análise.

Para a análise, selecionamos 50 textos relacionados ao acontecimento, coletados de 9 de fevereiro a 23 de março de 2019. Dentre esses, estão textos jornalísticos, postagens no Instagram e comentários de leitores e seguidores. Utilizando como base metodológica a Análise de Discurso (AD), identificamos duas grandes Formações Discursivas (FD) que nortearam o trabalho: a percepção de que houve racismo e a percepção de que não houve racismo no acontecimento Donata Meirelles. Dentro destas duas FDs, identificamos 16 sentidos sobre o racismo a partir do nosso objeto empírico.

Os sentidos identificados nesta pesquisa evidenciam, primeiramente, a relação da discussão realizada nas redes sociais e no meio jornalístico, visto que, em ambas as plataformas, através de uma imagem, debateu-se a presença ou não do racismo em nossa sociedade e o quanto esse assunto ainda é tratado de maneira velada e naturalizada.

Ao analisar os textos, observamos algumas particularidades quanto à cobertura jornalística do acontecimento. Percebemos que, no início da repercussão do caso, o jornalismo apenas reproduziu o que estava acontecendo nas redes sociais. Na maioria das matérias percebe-se que não havia interesse em aprofundar a discussão, mas sim difundir a polêmica. Neste período, os textos são bastante repetitivos e somente descrevem a situação e reproduzem os discursos das redes.

O acontecimento somente ganhou real destaque no jornalismo e aprofundamento da discussão quando tomou o debate público e ganhou notoriedade, com repercussão entre famosos como Elza Soares e Gloria Maria.

Partindo desses pressupostos, chegamos à apresentação de nossa análise. Na FD *Não houve racismo*, identificamos os seguintes sentidos que fortalecem a percepção da ausência de racismo no acontecimento Donata Meirelles: “Sou negro e digo que não é racismo”, “As próprias baianas dizem que não foi racismo”, “É muito mimimi”, “É um delírio da esquerda”, “É uma interpretação errada de uma foto sem contexto”, “A maldade está no olho de quem vê”, “As baianas vestem trajes típicos”, “A cadeira é uma homenagem ao candomblé”, “Não existe racismo no Brasil” e “Racismo é querer se impor pela raça”.

Dentre esses, o sentido de “É muito mimimi” foi o que se apresentou com maior força e atravessou praticamente todos os textos que possuíam comentários. Para melhor compreensão dos discursos que partiram desta FD a dividimos em cinco eixos: “mimimi, frescura”, “o câncer do politicamente correto, tudo é racismo”, “pessoas movidas pelo ódio”, “pessoas movidas pela inveja” e “vitimização”. Esse sentido procura reduzir a legitimidade da percepção de que houve racismo. Para esses sujeitos, a discussão sobre a fotografia e sobre a festa foi desnecessária e exagerada.

Ainda na FD com a concepção de que não houve racismo, em sua maioria, os sujeitos argumentam que o racismo não estava presente no acontecimento porque a aniversariante não teve a intenção de cometer racismo ou porque os elementos identificados como racistas assumem outra leitura, como a roupa das baianas ou a cadeira, que são vistas como elementos culturais e, por isso, seriam uma “homenagem” ao povo baiano e a cultura afro.

Porque o racismo é isso. Ele se manifesta nos espaços vazios, no mal entendido, naquilo que não é dito – e exatamente pelo fato de não ser dito e ser possível o mau entendimento, é que o racismo consegue se naturalizar. O que percebemos, na maioria dos trechos selecionados nessa FD, é que o preconceito racial parece ser entendido como algo inexistente na sociedade, presente apenas na mente de quem vê a conotação racista.

Na FD *Houve Racismo*, identificamos os seguintes sentidos: “Sinto as dores dos meus ancestrais”, “Muita gente tem saudade da escravidão”, “O racismo é estrutural”, “Só branco diz que não é racismo”, “A elite brasileira não vê racismo” e “A cadeira não é homenagem ao candomblé”.

O que predomina nesta FD é a tentativa dos sujeitos de demonstrar que o racismo está incrustado em nossa sociedade, que ele se manifesta de maneiras nem sempre óbvias e, por isso, algumas pessoas têm dificuldade de identificá-lo, principalmente por não sentirem na pele os efeitos que a desigualdade social pela cor da pele exerce. Aqui, nos valem novamente do conceito de Almeida (2018) de que o racismo é estrutural em nossa sociedade, estando presente nas relações cotidianas no Brasil. Para além de manifestações individuais, precisamos lançar um olhar estrutural sobre o assunto.

Em 2019, a abolição da escravidão no Brasil completou 131 anos. Em 13 de maio de 1888, era assinada a lei imperial 3.353, conhecida como Lei Áurea, que continha dois breves artigos: “1º: É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil. 2º Revogam-se as disposições em contrário”. O país foi o último do Ocidente a extingui-la.

A partir da análise dos textos selecionados, observamos que, mais de um século depois, a exclusão dessa população da condição de cidadãos ainda se reflete nas relações sociais, que revelam uma sociedade profundamente desigual e marcada por privilégios.

Quando Angela Davis fala em ser antirracista, significa assumir uma prática antirracista. Como é que você se posiciona em relação ao racismo nas situações do seu dia a dia? Ser antirracista é entender que o racismo é estruturante, principalmente num país de forte passado colonial e recente passado escravocrata, e que isso não é uma questão de segunda ou terceira necessidade. Para pessoas negras, o corpo é a primeira fronteira, e o racismo se coloca como algo imperativo nas nossas vidas, que vai nos impactar do nascer ao morrer.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é Interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. África, números do tráfico atlântico. In: SCHWARCZ, Lilia Morits e GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

_____. O racismo estrutural no cotidiano do país, segundo este autor. Entrevista **Nexo Jornal**, 2019. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2019/02/12/O-racismo-estrutural-no-cotidiano-do-pa%C3%ADs-segundo-este-autor>> Acessado em 06 de junho de 2019.

ARQUEMBOURG, Jocelyne. Entre facto e sentido: contar o acontecimento. **Trajectos**, Lisboa, n. 6, 2005.

BENETTI, Marcia. Jornalismo e imaginário: o lugar do universal. In: MARQUES, Ângela et al (org.). **Esfera pública, redes e jornalismo.** Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

_____. A apropriação discursiva da morte pelo leitor. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa; HENN, Ronaldo (org.). **Jornalismo e acontecimento:diante da morte.** V. 3. Florianópolis: Insular, 2012.

_____. Análise de discurso como método de pesquisa em comunicação. In: MOURA, Cláudia Peixoto de e LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

BERGER, Christa; TAVARES, Frederico. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia (org.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos.** V. 1. Florianópolis: Insular, 2010.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, v. 5, n. 1, pp. 6-17, jan./jun. 2017.

CORRÊA, Laura G., BERNARDES, Mayra, FURTADO, Lucianna e GUIMARÃES-SILVA, Pâmela. Entre o interacional e o interseccional: contribuições teórico-conceituais das intelectuais negras para pensar a comunicação. **Eco-pós**, v. 21, n. 3, 2018.

COSTA, Sérgio. A mestiçagem e seus contrários: etnicidade e nacionalidade no Brasil contemporâneo. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(1): 143-158, maio de 2001.

COTRIM, Gilberto. **História e consciência do mundo**. São Paulo: Saraiva, 1998.

CRENSHAW, Kimberlé. **A urgência da interseccionalidade**. Vídeo da palestra da escritora estadunidense no evento Technology, Entertainment and Design (TEDWomen 2016). Disponível em: <<https://goo.gl/UsJZfc>>. Acesso em 19 de janeiro de 2019.

_____. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004.

_____. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, vol. 1, art. 8, 1989.

EDMUNDO, Luiz. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

ELMAN, Débora. **Jornalismo e estilos de vida: o discurso da revista Vogue**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRGS, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes: o legado da raça branca** (vol. 1). São Paulo: Globo, 2008.

FERNANDES, Viviane Barboza e SOUZA, Maria Cecilia Cortez Christiano de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Rev. Inst. Estud. Bras.** [online]. 2016, n.63, pp.103-120. ISSN 0020-3874. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i63p103-120>

FERREIRA, Tiago. **O que foi o movimento de eugenia no Brasil**: tão absurdo que é difícil acreditar. 2017. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/o-que-foi-o-movimento-de-eugenia-no-brasil-tao-absurdo-que-e-dificil-acreditar/>> Acesso em 28 de Fevereiro de 2019.

FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. **BAKHTINIANA**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1o sem. 2009.

FRAGA, Walter. Pós-Abolição: o dia seguinte. In: SCHWARCZ, Lilia Morits e GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**. Aracaju: UFS, 2005.

FREITAS, Camila. **Alteridade e Jornalismo**: a Outridade na Editoria Mundo da Folha De S. Paulo. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRGS, 2017.

FREITAS, Camila e BENETTI, Marcia. Alteridade, outridade e jornalismo: do fenômeno à narração do modo de existência. **Brazilian Journalism Research**, v. 13, n. 2, 2017. Disponível em <<https://bjr.sbpjor.org.br>> Acessado em 05 de abril de 2019.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. Acontecimento como notícia: do conceito à prática profissional. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia (org.). **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.

GOMES, Flávio. História e historiografia da escravidão no Brasil: identidades, caminhos e percursos. **Educação Africanidades Brasil**. Brasília: MEC, 2006.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

HAGEN, Sean. **O casal 20 do telejornalismo e o mito da perfeição**: como a mídia constrói a imagem dos apresentadores Fátima Bernardes e William Bonner. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRGS, 2004.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993.

_____. The Work of Representation. In: _____. **Representation, Cultural Representations and Signifying Practices**. Londres/Nova Deli: Thousands Oaks/Sage, 1997.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

HENN, Ronaldo. O ciberacontecimento. In: VOGEL, Daisi; MEDITSCH, Eduardo; SILVA, Gislene (org.). **Jornalismo e acontecimento**: tramas conceituais. V. 4. Florianópolis: Insular, 2013.

HOFBAUER, Andreas. **Branqueamento e democracia racial**: sobre as entranhas do racismo no Brasil. 2011. Disponível em: <https://andreashofbauer.files.wordpress.com/2011/08/branqueamento-e-democracia-racial_finalc3adssima_2011.pdf> Acesso em 25 de Fevereiro de 2019.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: o que os profissionais devem saber e o público deve exigir. Porto: Editora Porto, 2001.

LAGO, Cláudia. Ensinamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 10, n. 2, 2014.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira e VALA, Jorge. **As novas formas de expressão do preconceito e do racismo**. Estudos de Psicologia 2004, 9(3), 401-411.

LOPES, Ana Lúcia. Currículo, Escola e Relações Étnico-Raciais. In: VÁRIOS AUTORES. **Educação Africanidades Brasil**. Brasília: MEC, 2006.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti e GRINBERG, Keila. Lei de 1831. In: SCHWARCZ, Lilia Morits e GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MARINGONI, Gilberto. O destino dos negros após a abolição. **Desafios do desenvolvimento**. Ano 8. Edição 70 - 29/12/2011. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28&Itemid=23> Acesso em 04 de março de 2019.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Introdução à história da África. **Educação Africanidades Brasil**. Brasília: MEC, 2006.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

_____. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 5.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

QUERÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, Lisboa, n. 6, 2005.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo**: o que dizem veículos, jornalistas e leitores. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRGS, 2016.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993.

_____. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

RODRIGUES, Cristiano. **Atualidade do Conceito de Interseccionalidade para a Pesquisa e Prática Feminista no Brasil**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

SCHUDSON, Michael. **Why democracies need an unlovable press**. Malden: Polity Press, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: NOVAIS, Fernando A.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. Teorias Raciais. In: SCHWARCZ, Lilia Morits e GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Morits e GOMES, Flávio dos Santos. Introdução. In: SCHWARCZ, Lilia Morits e GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOUZA, Jessé. **A Elite do Atraso**: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

_____. Ainda Escravocratas / entrevista. **Jornal da Universidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

TRAQUINA, Nelson. **O poder do jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000.

_____. **Jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

VAN DIJK, Teun A. **Racismo y análises crítico de los medios**. Barcelona: Paidós, 1997.

VEIGA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre o modo de produção das notícias. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRGS, 2010.

VIEIRA, Vinicius Rodrigues. **Democracia racial, do discurso à realidade**: caminhos para a superação das desigualdades sociorraciais brasileiras. São Paulo: Paulus, 2008.

WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. 8ª edição. Lisboa: Editorial Presença, 2003.